MENINA NÃO ENTRA? AS MULHERES NO POP NACIONAL

SHOW BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

Para [illegible] de música

R$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 166
ANO 15 Nº 5
MAIO 1999

Exclusivo

Bruce Dickinson:
"Ninguém ama o rock pesado como os brasileiros"

A força do metal

Teste:
você está pronto para o Prodigy?

- **Iron Maiden** volta ao Brasil ano que vem
- 50 mil fiéis cultuam o **Kiss** em São Paulo
- O furacão **Metallica** segue na estrada

Fatboy Slim • Blur • Abril Pro Rock

Abril

Cert. Aut. MJ. 01/3743/99
Sorteio da extração da Loteria Federal nº. 3370 de 12/06/99. Viagem para o Disney World com a Banda Beijo, no período de 30/06/99 a 07/07/99. Documentos pessoais para a concretização da viagem são de responsabilidade do contemplado. Menores de 18 anos devem ser autorizados pelos pais ou pelos responsáveis. Um acompanhador do fiel de Juntéiro é outro de São Paulo.

JÁ QUE VOCÊ NÃO PÕE A SUA CABEÇA NO LUGAR, A GENTE PÕE O LUGAR NA SUA CABEÇA: CHEGOU O BEEPER MTV.

Chegou o Beeper MTV, com informações sobre a programação MTV, sorteios de ingressos para shows, viagens, cinema e eventos. Além das suas mensagens pessoais, ele também recebe notificações de e-mails. E dá até para agendar o dia e a hora em que você vai receber uma mensagem. Quer mais? Comprando agora, você já concorre a uma viagem para a Disney com a Banda Beijo.

Peça já o seu:
SP: (011) 538-3900
RJ: (021) 460-6333.
www.mtv.com.br

McCANN

BEEPER MTV MUSIC TELEVISION

PAGENET

MOTOROLA
TE DÁ ASAS

BEEPER MTV. TUDO O QUE ROLA NO MUNDO MTV, INCLUINDO VOCÊ.

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

BRASIL
2000
FM 107,3

WWW.brasil2000.com.br

Editorial&Sumário

Dez mil pessoas viram Bruce arrebentar nos dois shows em São Paulo

Andrea Estevan

Nosso fotógrafo Ricardo Fasanello clicou Bruce e Adrian para a capa e a reportagem da pág. 26

22 Abril Pro Rock
Vícios e virtudes de uma geração

26 Artigo: Brasil, o país do metal
Por que gostamos tanto de rock pesado

28 Iron Maiden
Bruce Dickinson promete voltar ao topo

34 Kiss
A festa dos mascarados no Brasil

38 Metallica
James Hetfield, exclusivo

40 Menina não entra?
A difícil vida das mulheres no pop nacional

46 Fatboy Slim
O DJ mais rock'n'roll do planeta

50 Milton Nascimento
De volta aos tempos de *crooner*

52 Blur
Romantismo à inglesa

sempre em showbizz

10 CARTAS
O rock inteligente e o povão

12 SHOWBIZZ RESPONDE
Discografia dos Pet Shop Boys; ficha do Dire Straits

14 BIZZES
Michael Stipe sai do armário; Legião em outubro

54 DEZ DISCOS...
Para você viajar no trip hop

56 DEMOCRACIA
Rock sem mangue em Recife; MPB paraibana

59 TESTE
Você está pronto para o Prodigy?

60 MINHA COLEÇÃO
Clemente, dos Inocentes

63 DISCOS
Engenheiros, Stones, Deep Purple, Bad Religion

74 AO VIVO
Festa cubana em Sampa; Echo And The Bunnymen

76 ENTRE LEITORES

78 LETRA TRADUZIDA
"At My Most Beautiful", do R.E.M.

79 PARADA CROWLEY

80 EQUIPAMENTOS DE SOM
Música para ouvir no carro

81 INSTRUMENTOS MUSICAIS
Ian Paice, uma fera na bateria do Deep Purple

82 DISCOTECA BÁSICA
Terra, de Sá, Rodrix & Guarabyra

A paixão pelo rock pesado é uma das poucas coisas capazes de passar por cima da crise no Brasil. Em um ano turbulento para nossa economia, o mercado de shows internacionais segue firme, sustentando-se quase que exclusivamente à base de atrações do universo metal, lotando autódromos e casas noturnas como se o desemprego e a maxidesvalorização do real fossem dragões e quimeras de uma saga medieval das que povoam algumas letras "clássicas" do gênero.

SHOWBIZZ não poderia deixar passar em branco esta façanha do chamado "país das camisetas pretas" (nenhuma relação com o fascismo). Na matéria de capa desta edição, o editor Bernardo Araujo analisa o fenômeno e, claro, celebra três grandes nomes que fizeram a festa dos fãs brasileiros: Bruce Dickinson – do Iron Maiden –, Kiss e Metallica.

Publicamos ainda uma entrevista exclusivíssima com o inglês Norman Cook, conhecido planeta afora como Fatboy Slim, um dos DJs mais inventivos e inteligentes em atividade. Em Miami, nossa colaboradora Isabel Flores soube extrair com talento a ironia e a sabedoria do autoproclamado "funk soul brother". *Check it out now* — confira agora mesmo, na página 46.

Em outra matéria de destaque, investigamos o que se passa com as mulheres na indústria fonográfica nacional, sempre disposta a explorar musas calipigias, porém pouco aberta a artistas pop com algo a dizer.

Aquele abraço,
Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Comunidade Nin-Jitsu – *Idem*
Hilariante disco de estréia do grupo gaúcho, que finalmente está chegando às lojas. Inclui o hit "Detetive", prêmio da MTV pelo melhor demo-clipe de 1997.

Raimundos – *Só No Forévis*
A volta com tudo em cima, misturando guitarras pesadas à raimundice das letras. A última faixa tem seis minutos de piano e arrotos que lembram Tom Waits.

Rory Gallagher – *Irish Tour*
Disco ao vivo do alucinado guitarrista irlandês, finalmente lançado em CD por aqui. À vontade no palco, Gallagher alterna blues e arrepios roqueiros.

Blur – *13*
Os rivais favoritos do Oasis (e vice-versa) reaparecem em disco, românticos como nunca e competentes como sempre. Destaque para a belíssima "Tender".

Isso é com o Corsa Super, que tem o novo motor 1.0 16V.

Ainda não inventaram nada mais gostoso num carro do que pisar no acelerador. Por isso todos os modelos da linha Corsa Super com o novo motor Powertech 1.0 16 válvulas oferecem ainda mais prazer em dirigir.
E mais uma grande novidade: a nova Corsa Wagon Super. Agora, a linha que sempre teve o melhor acabamento interno, pára-choques na cor do veículo e o conjunto de opcionais mais completo do mercado também tem mais desempenho, espaço e conforto.
Não é ótimo? Demais! É Super!

Algumas fotos e as do texto são opcionais. Existem pacotes cujos opcionais não são vendidos separadamente. Consulte sua concessionária para maiores informações sobre equipamentos originais e opcionais disponíveis para cada modelo da Corsa. Esses veículos estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Preserve a vida. Use o cinto de segurança.

www.chevrolet.com.br

ANDANDO NA FRENTE

Cartas

Para o leitor, o Radiohead de Thom Yorke pode ser descoberto pelo povão

Crises e crises

Parece que, além da crise econômica, estamos passando por uma crise cultural. A população brasileira não tem dinheiro nem acesso à música de qualidade. Tenho pena da garotada de 16 anos que ouve música baiana achando que é a melhor coisa do mundo. Quando "Fake Plastic Trees", do Radiohead, virou tema de uma campanha televisiva sobre a síndrome de Down, uma rádio em minha cidade tocava pagode, axé e... "Fake Plastic Trees" – o pessoal pedia a música! Isso mostra que, se o povão descobrir música de qualidade, se familiariza e acaba gostando.

Do penúltimo disco do R.E.M., *New Adventures In Hi-Fi*, ouço a música que Michael Stipe canta em dueto com Patti Smith e quase choro sabendo que no Brasil esse disco encalhou nas prateleiras.

Fernando Martins dos Santos - Ponta Grossa, PR

Rock inteligente

Estava esperando faz tempo uma matéria sobre o Offspring e essa *(da edição 165)* fala simplesmente tudo que eu queria saber. Quem diz que o Offspring virou pop está superenganado. Uma banda que começa punk rock é sempre punk rock. Eles apenas gostam de ir além... É o que podemos chamar de rock inteligente. Agradeço ao Offspring por ter trazido o rock novamente ao topo das paradas.

Érika Vieira – Itumbiara, GO

Muito interessante a matéria sobre o Bad Religion *(edição 164)*. É bom ver que bandas como essas ainda estão mandando ver, não se importando com o sucesso, mas sim com a transmissão de uma mensagem. A juventude seria menos bitolada se existissem mais bandas como esta.

Antonio Fernandes, Uberlândia, MG

Jam de emoções

Maravilhoso o CD que veio com a SHOWBIZZ *(edição 165)*. Apesar de ser leitora há anos, nunca tinha mandado carta ou e-mail. Porém desta vez me senti no dever de agradecer a iniciativa. É muito bom ouvir essas pérolas. As regravações ficaram excelentes e eu não paro de ouvir. Com certeza caberia à SHOWBIZZ, que viu nascer e acompanhou o crescimento de todos esses grupos, reviver esses momentos.

Fernanda Silva – Niterói, RJ

Jam 80! Esse é o melhor CD que eu já ouvi na minha vida! Simplesmente maravilhoso! Só pecou em duas coisas: devia ter mais músicas e Herbert Vianna devia ter gravado "Geração Coca-Cola" ao vivo... Mesmo assim é o bicho! Parabéns a todos e principalmente a esses grandes cantores do BRock. Tenho apenas 14 anos, mas há muito tempo curto esses caras. Estou torcendo para que Dado Villa-Lobos solte o *Jam 80 Vol. 2*.

Filipe Barcelos – Oliveira, MG

Talento longe das FMs

Otto foi eleito pela crítica de SHOWBIZZ revelação do ano e seu *Samba Pra Burro* foi apontado como melhor disco nacional. O mundo livre s/a, além de melhor banda pela SHOWBIZZ, abocanhou o mesmo posto em eleição da imprensa de Curitiba. Mas como podemos ouvi-los se não é possível encontrar seus CDs nas lojas e suas músicas nas rádios?

José Marcelo Spencer – Belo Horizonte, MG

A recusa de Kurt

O artigo "Das Cinzas de Kurt" *(edição 164)* é simplesmente o melhor que li nesta revista até hoje. Um texto curto e seco sobre o funcionamento da indústria fonográfica. É deprimente imaginar que nossos ídolos de repente não passam de produtos mercadologicamente funcionais.

Fabiano de Queiróz Jucá – Curitiba, PR

Muito bom o artigo que fala do rock cinco anos após a morte de Kurt. A verdade é que o rock nunca morrerá. O grande erro dos roqueiros no Brasil e no mundo é a desunião e a arrogância. Tá cheio de gente por aí querendo matar o rock e a gente, ao invés de se unir, fica se digladiando.

Adalberto Porto – Rio de Janeiro, RJ

Ave, Roger

O que aconteceu com as pessoas de mais de 24 anos deste país? Onde estão aqueles que gritavam "bota pra f..." nos shows? Palmas para o guerreiro Roger *(em entrevista publicada na SHOWBIZZ de março)*! Desejo que ele volte com muita inspiração! Que o Senhor abençoe os anos 80... e perdoe os 90!

Leo Luidi Yamamoto – Irapuru, SP

Ao contrário de outras bandas que continuaram com exposição na mídia, o Ultraje não tem rabo preso e não precisa puxar o saco para aparecer. Em 1996, fui ao show em Curitiba gravado para o próximo disco do grupo. Noventa por cento do repertório eram os grandes sucessos. Por que esse CD não sai?

Guto Guedes – Bauru, SP

A espera terminou, Guto: o disco está saindo em junho pela Abril Music.

Nativus na cabeça

Escrevo para parabenizar o mérito do grupo Nativus (Prêmio BIZZ de revelação nacional), pois não precisamos de bundas e sim de compositores voltados para a realidade. Será que o Zeca Camargo não mora no Brasil? Ele não votou em nenhuma categoria nacional...

Maxuel Fernandes dos Santos – Araguaína, TO

Viva as Pristeens!

Não. Não é armação. Entendo o pé atrás de Pedro Só na crítica do disco de estréia das Pristeens *(publicado em março)*, mas posso garantir que o pessoal é dez! Assisti a um show do grupo *(americano)* há uns quatro meses no Middle East, meca do underground aqui de Boston, e pirei com as meninas (com todo respeito ao batera Joe): fenomenais ao vivo, muito agradáveis aos ouvidos e aos olhos. Bati um papo com as minas após o show. Na época elas haviam lançado apenas meia dúzia de compactos e estavam batalhando contrato e tocando em qualquer buraco entre Nova York e Boston. Americano é mesmo mané. Uma p*** banda como essa, pronta para explodir, e os caras vendendo No Doubt para a mulecada. Espero que justiça seja feita a essa banda, por seu esforço e qualidade. É uma pena o disco não ter saído no Brasil...

Marcio Coelho – Boston, EUA

Resposta do Pedro Só: "É sempre bom saber que o grupo confirma as qualidades ao vivo. O disco das Pristeens, porém, seria recomendável mesmo se elas fossem uma armação".

O Silverchair cresceu

Gostei muito da crítica *(edição 164)* do CD do Silverchair, *Neon Ballroom*. Bernardo Araujo foi justo até mesmo quando lembrou a semelhança entre os vocais de Daniel Johns e Eddie Vedder, no primeiro CD do trio, *Frogstomp*. Ao contrário dos que insistem em dizer que o Silverchair é uma fraude, o crítico foi sensível para perceber o amadurecimento da banda.

Ivi Sobreira – Recife, PE

Guitarristas

Parabéns ao repórter Daniel Oliveira pela ótima entrevista com os guitarristas Tony Iommi, do Black Sabbath, e Dimebag Darrell, do Pantera *(edição 164)*. É sempre bom ver duas pessoas de talento, totalmente fiéis ao rock e que não se vendem a modismos, coisa tão rara hoje!

Alessandra P. Lima – Rio de Janeiro, RJ

Correções

• Embora tenha feito carreira na Inglaterra e nos EUA, o produtor Eddie Kramer, que deve trabalhar este ano com Nando Reis em seu disco solo, não é americano, como publicado na página 25 da edição 164, e sim sul-africano.

• Na pág. 37 da mesma edição faltou dizer que, além de se reunir em 1984, a formação clássica do Deep Purple também se juntou brevemente em 1993, para lançar *The Battle Rages On* e mais um disco ao vivo, *Come Hell Or High Water*.

• No suplemento especial *Black Sabbath (que veio com a edição 163)*, o cantor creditado na legenda da página 21 como Ray Gillen é, na verdade, Glenn Hughes. Diferente do que foi publicado, uma das canções do disco *Black Sabbath* se chama "Behind The Wall Of Sleep". E na discografia não está incluído o disco *Live At Last*, um pirata que registra shows de 1972 e que anos depois acabou tendo lançamento oficial.

• O cantor do Offspring chama-se Dexter Holland e não Dexter Gordon (nome de um grande saxofonista de jazz americano), como saiu na resenha do CD *Eve 6*, na edição 164, pág. 61.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3037-6860 / **Fax:** (011) 3037-4909

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fiuchi

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Cary
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Hiroo Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Mauro Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Tomeho Speranza
REPÓRTER: Leticia Calmon
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Graziella Iacocca
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) André Cordeiro, Ayrton Magnoni Jr., Celso Pucci, Claudia Assef, Danilo Monteiro, Fabian Chacur, Fabiana Ferraz, Hagamenon Brito, Helton Ribeiro, Helvecio Parente, Isabel Flores, Jaime Biaggio, José Flavio Jr., Luciano Matsuglia, Luciano Vignos, Lucio Ribeiro, Marcelo Torres, Nélson Gonija, Pedro Serra, Sergio Martins (FOTOS) Andrea Estevam, Alex Silveira, Jorge Rosenberg, Marcelo Nunezez, Moira Seadon, Ricardo Tavanello (ILUSTRAÇÃO) Felix Reuters e Montalvo (REVISÃO) Jorge Cotrim

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susanna Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Gisele de Sousa
PARIS: Pedro de Sousa

PUBLICIDADE
EXECUTIVOS DE CONTAS: Marcia Regina Braga

MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lidia Colasanti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

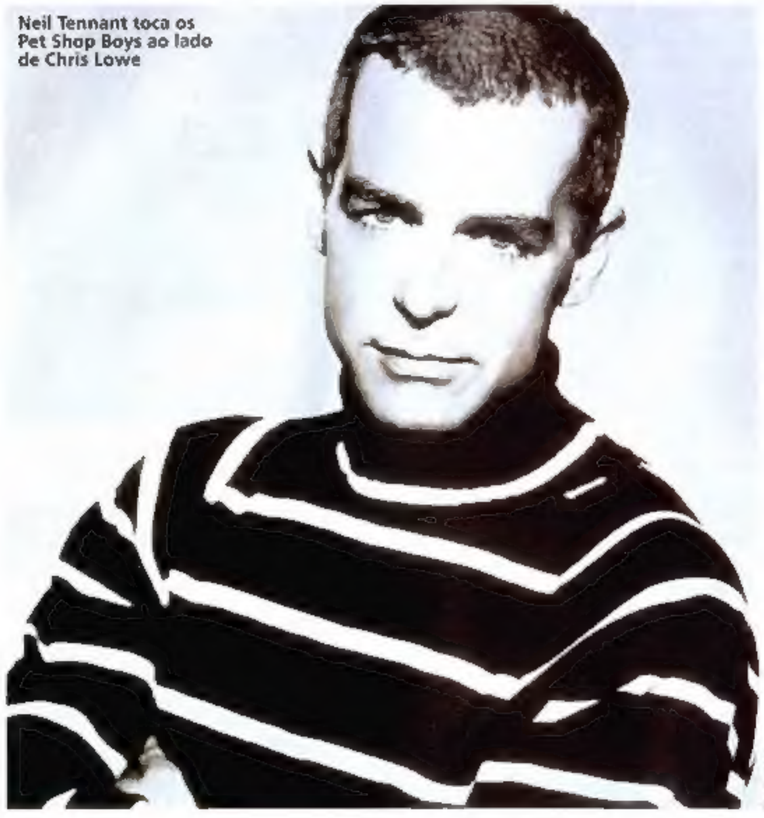
Abril

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*; José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Gerardo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Arruda Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...



Neil Tennant toca os Pet Shop Boys ao lado de Chris Lowe

Seattle não-grunge

Qual a discografia do Candlebox? Há alguma novidade sobre eles? Dava para resumir sua história?

Adriana C. S. Maciel – Limeira, SP

O Candlebox tem apenas três discos: *Candlebox* (1993), *Lucy* (1995) e *Happy Pills* (1998). Em 1994, o grupo tocou no festival Woodstock. Contratada da Madonna (pela sua gravadora Maverick Records), a banda atualmente está em turnê pelos EUA e pretende lançar dois discos. Até o fim do ano deve sair um ao vivo – todos os shows desta turnê já estão sendo gravados – e em setembro os caras entram em estúdio para gravar o quarto trabalho, ainda sem previsão de lançamento. Em fevereiro, a banda sofreu dois desfalques: o baterista Dave Krusen e o baixista Bardi Martin saíram e a turnê prosseguiu com músicos substitutos. Apesar de seus integrantes serem de Seattle e terem formado a banda no início do estouro do grunge (1991), eles descartam qualquer proximidade com a turma de Kurt Cobain.

Raimundos extra

Em que disco posso encontrar as músicas "Nana Nenê", "Wipe Out II" e "Reggae Do Maneiro" dos Raimundos? Em outubro do ano passado o site do fã-clube deles tinha a informação que sairia uma edição especial do Lapadas Do Povo com essas músicas e até agora não consegui achar esse disco.

Marcos Henrique Lauro – São Paulo, SP

Como o novo disco dos Raimundos (o ótimo *Só No Forevis*) já saindo, é praticamente certo que essa edição especial não seja lançada, Marcos. "Nana Nenê" e "Reggae Do Maneiro" fazem parte do single *Nana Nenê*, lançado pela WEA em 1997. "Wipe Out II" não é da banda, foi gravada apenas por Rodolfo e Digão para a trilha sonora do filme *Big Shit*, que saiu em disco.

Duos tecnopop

Gostaria de saber a discografia dos grupos Erasure e Pet Shop Boys.

Sergio Amorim – Presidente Bernardes, SP

Erasure: *Wonderland* (1986), *The Circus* (1987), *The Two Ring Circus* (1987), *The Innocents* (1988), *Crackers International EP* (1988), *Wild!* (1989), *Chorus* (1991), *Abba-esque* (1992), *Pop!-The First 20 Hits* (1992), *I Say I Say I Say* (1994), *Erasure* (1995), *Cowboy* (1997).
Pet Shop Boys: *Please* (1986), *Disco* (1986), *Actually* (1987), *Introspective* (1988), *Behavior* (1990), *Discography* (1991), *Very* (1993), *Bilingual* (1996).

Clássico punk

Gostaria de saber a que álbum do Clash pertence a música "Should I Stay Or Should I Go".

Paula Santana – Jaboatão, PE

O hino punk está registrado originalmente no disco *Combat Rock*, de 1982.

Legião Urbana

Gostaria de saber se há algum parentesco entre Dado Villa-Lobos, da Legião Urbana e o maestro Villa-Lobos. Qual a edição de SHOWBIZZ em que na capa aparece somente metade do rosto de Renato Russo, com a chamada "O Caderno Perdido de Renato Russo"?

Ulisses Silva – Marabá, PA

O parentesco existe sim, Ulisses. Dado é primo do compositor em quarto grau por parte de pai. A capa em questão é da edição 142, de maio de 1997.

R.E.M. pirata

Na edição de março de 1999 foi publicada a discografia da grande banda R.E.M., mas o CD *Where Am I* não foi incluído. Tenho uma dúvida: como o disco é ao vivo, gostaria de saber se se trata de uma gravação pirata.

Daniela Breveglieri – Suzano, SP

Sua desconfiança procede, Dani. *Where Am I* de fato não é um lançamento oficial do grupo do cantor Michael Stipe.

Parabéns, L7!

Gostaria de saber a data de nascimento das garotas do grupo americano L7.

Arlen Dos Santos – Nova Iguaçu, RJ

Da formação veio ao Brasil em 1993: Suzi Gardner (1º/8/1960), Jennifer Finch (5/8/1966), Donita Sparks (8/4/1963) e Demetra "Dee" Plakas (9/11/1960).

Dúvida punk

No dia 16 de abril comprei o CD Embalado A Vácuo, dos Inocentes, que saiu pela gravadora Paradoxx. Só que, ao receber a SHOWBIZZ edição 165, vi na seção Discos/Crítica outra capa e a gravadora pela qual ele saiu foi a Excelente/Abril. Queria saber o porquê disso.

Wagner Rogério da Silva – Maceió, AL

O disco foi gravado quando os Inocentes ainda faziam parte do elenco da Paradoxx. O contrato foi desfeito e o grupo assinou com a Abril Music, que aproveitou integralmente o conteúdo do disco. A capa mudou e foram acrescentadas as inéditas "Terceiro Mundo" e "Mais Um Dia", que foram remasterizadas a partir de uma demo de 1985.

Bush e Vamp

O que vocês sabem sobre o Transvision Vamp? O que aconteceu com o Bush?

Roberta Rodrigues – Belo Horizonte, MG

O Transvision Vamp foi formado na Inglaterra em 1986 e chamou atenção basicamente por causa de sua vocalista, a platinada Wendy James, e do som punkinho *bubblegum*. Depois de três discos e alguns sucessos ("I Want Your Love", "Tell That Girl To Shut Up" e "Baby I Don't Care"), o grupo se dissolveu, no início dos anos 90.
Quanto ao Bush, *The Science Of Things*, o novo disco, já está prontinho para sair, apesar de não haver previsão de lançamento no Brasil. Segundo o vocalista Gavin Rossdale, as letras estão mais alegres. Há ainda chances de a banda se apresentar na nova versão do festival Woodstock. Aliás, Roberta, Gavin ainda namora Gwen Stefani, vocalista do No Doubt.

Pop australiano

O que aconteceu com o grupo Frente?

Camila Hashimoto – Londrina, PR

Famoso mundialmente pela regravação de "Bizarre Love Triangle" do New Order, o grupo australiano Frente não foi muito longe. A vocalista Angie Hart formou uma nova banda, Splendid, e está trabalhando no disco de estréia com seu marido, Jess, ex-guitarrista da banda de Alanis Morissette. (O Frente chegou a abrir alguns shows na turnê de *Jagged Little Pill*, da cantora canadense.) Uma de suas músicas, inclusive, foi incluída na apresentação do seriado de TV norte-americano *Buffy, A Caça-Vampiros*.
Simon Austin, guitarrista e co-fundador do Frente (e ex-namorado de Angie), deixou Los Angeles e voltou para Melbourne, Austrália.

Ficha: DIRE STRAITS

O Dire Straits foi um dos grandes do pop-rock inglês dos anos 80

A pedido de **Luciano Dela Libera**, de São Paulo, SP

Importância
Apesar de ter uma discografia relativamente pequena, o Dire Straits alcançou fama mundial, quebrando recordes de vendagem – *Brothers In Arms* é o disco de grupo de rock mais vendido na história da Inglaterra – e trazendo sucessos como "Sultans Of Swing" e "Money For Nothing". Além, é claro, de contar com o grande guitarrista Mark Knopfler.

Biografia
O guitarrista escocês Mark Knopfler trabalha como jornalista, professor e toca em pubs à noite. Em 1977 ele grava uma demo com canções influenciadas por Bob Dylan, que rende um contrato com a gravadora PolyGram. A banda, inicialmente chamada Dire Straights, conta então com o baixista John Illsey, David Knopfler (irmão de Mark) na guitarra, e o baterista Pick Withers. Depois de realizarem os shows de abertura em uma turnê européia dos Talking Heads, no início de 1978, o disco de estréia, *Dire Straits*, é produzido com baixíssimo orçamento. Acaba ganhando sucesso mundial, vendendo mais de 2 milhões de cópias impulsionado pelo hit "Sultans Of Swing".
Após uma vitoriosa turnê pela Europa, a banda vai gravar o segundo álbum nas Bahamas. Antes do lançamento de *Communiqué*, realizam shows lotados nos Estados Unidos, em 1979. Bob Dylan assiste a uma dessas apresentações e convida Mark Knopfler e Withers para tocar em seu álbum *Slow Train Coming*. *Making Movies*, o trabalho seguinte (1980), consolida a carreira internacional do Dire Straits. A canção "Romeo And Juliet" desponta nas paradas, enquanto Knopfler investe em trabalhos paralelos.
Em 1985 é lançado o *Brothers In Arms*, que conta com faixas como "Money For Nothing" (com participação de Sting), "Walk Of Life", "So Far Away" e "Your Latest Trick". O disco rende muitos prêmios.
O Dire Straits acaba oficialmente em 1988 e retorna em 1991. Knopfler dedica esse tempo à sua nova banda, The Nothing Hillbillies, mais próxima do folk e do country, e grava um álbum com Chet Atkins. A volta dos Straits é marcada por uma turnê mundial com mais de 300 shows, vista por mais de 7 milhões de pessoas, e um novo disco, *On Every Street*.

Discografia
Dire Straits (1978), *Communiqué* (1979), *Making Movies* (1980), *Love Over Gold* (1982), *Alchemy* (ao vivo, 1984), *Brothers In Arms* (1985), *Money For Nothing* (coletânea, 1988), *On Every Street* (1991).

Bizzes

O Prodigy volta a São Paulo para matar a fissura dos fãs

O rock'n'roll do futuro

Nas palavras do líder Liam Howlett, é isso o que o **Prodigy** quer fazer

Quem trocar três embalagens de creme dental Close Up por um ingresso para assistir ao **Prodigy** no Sambódromo de São Paulo, no dia 15 de maio, estará vendo um show punk. Punk eletrônico, claro. Ou, como prefere Liam Howlett, o líder do grupo, "rock'n'roll do futuro". Ele já disse que odeia house e tecno e que tem pavor ao rótulo electronica, a forma americana de se referir ao tecno (ou, como grafam os ingleses, techno). "Já tenho uma música pronta para o próximo disco, e ela é bem punk, baseada em guitarras distorcidas", adianta Liam.

O novo álbum, porém, não deve seguir essa linha. "Somos uma banda eletrônica. Quando uma guitarra entra, é nosso dever estragá-la de um jeito inteligente. E tudo precisa ter agressividade punk – não necessariamente vocais gritados, mas a energia", disse Liam à revista americana *Spin*.

O tal próximo CD do Prodigy deve ficar para julho do ano 2000. No final do ano sai um compacto e, se tudo der certo, um álbum solo de Maxim Reality. Por enquanto, os fãs podem se deleitar com *The Dirtchamber Sessions*, um set de discotecagem mixado por Liam. "Foi maravilhoso espalhar milhares de vinis pelo chão e começar a brincar. Esse é o tipo de coisa que me faz lembrar o motivo pelo qual eu resolvi trabalhar com música", conta ele, que fez o disco solo atochando 51 faixas variadas em 55 minutos de lenha. A madeira foi tirada de LPs de funk dos anos 70 e do hip-hop dos anos 80. "Odeio ver DJs sendo colocados em pedestais, eu comecei nesse negócio quando o lance era a cultura hip-hop. O cara precisava ter habilidade nas pick-ups, não era como hoje, um superstar ganhando rios de dinheiro para tocar discos de outras pessoas", cospe. Vencedor de concursos de DJ desde os 15 anos, Liam diz que *The Dirtchamber Sessions* mostra bem o tipo de som que o inspira nas composições do Prodigy.

"Rock'n'roll do futuro" ou o futuro do rock'n'roll? Não importa, quem for ao show do Prodigy deve conferir também o supersacolejante drum'n'bass de Roni Size (com o Dynamite MC) e deixar as próprias cadeiras falarem.

Quem sabe agora os Pretty Things não atingem o sucesso que merecem?

Lindo retorno

Injustiça seja desfeita. *Rage Before Beauty* é o nome do álbum que marca a volta dos **Pretty Things,** talentosa banda inglesa que tocava nas universidades e bares da Europa fazendo um som semelhante ao que proporcionava a Rolling Stones e Animals encherem as burras na América, em meados dos anos 60. Foram responsáveis pela primeira ópera-rock da história da música: *S.F. Sorrow*, de 1968, é tida como referência básica na construção de *Tommy*, obra-prima do Who, lançada no ano seguinte.

Dick Taylor, guitarrista dos Pretty Things, chegou a tocar baixo com os Stones antes de eles virarem "profissionais". Quando saiu para montar sua banda em 1965, Taylor fez uso das mesmas influências do amigo Keith Richards – basicamente Bo Diddley, Muddy Waters e Chuck Berry. *Savage Eye* (1975), coletânea do grupo, dá uma pincelada na carreira dos caras e traz os seis hits que figuraram na parada britânica.

Na década de 70, após a saída do líder Taylor, o grupo ficou centrado na figura do vocalista Phil May e seguiu até 1980. Tentaram algumas voltas, mas só agora estão levando a banda a sério. Além de passar quatro anos gravando o disco do retorno, os Things conseguiram adquirir os direitos de seus primeiros álbuns, e a possibilidade de tirar uma graninha não será desperdiçada desta vez.

Comadres brigonas

Depois da troca de insultos que culminou na saída do Hole da turnê com **Marilyn Manson**, as duas partes fingem que está tudo bem. Claro que não foi bem assim. Por coincidência – já atribuída a uma praga poderosa da cantora do Hole, **Courtney Love** –, Manson fraturou o calcanhar enquanto cantava "Rock Is Dead" (apelido da turnê) na última noite em que as duas bandas subiram no mesmo palco do Great Western Forum de Los Angeles. Confira o que foi dito por eles.

Courtney Love

"Saímos por problemas na produção da turnê, que se tornou economicamente inviável para nós"

"É melhor parar agora e não ter que fazer papel de palhaça"

"(*ao público*) Vocês devem estar esperando o show pirotécnico, não é? Não sabemos fazer isso, somos uma banda de rock'n'roll, seus merdinhas!"

Marilyn Manson

"A ironia na saída do Hole da turnê é que não foi nada pessoal"

"É difícil abrir para nós, eles devem ter ficado insatisfeitos com a resposta do público"

"(*ao público*) Courtney está nos bastidores, brincando com sua vagina suja"

Shila

João Rancelo

Priscila Pereira
Bonfá e Renato tocaram Neil Young, Joni Mitchell e Menudo em 1992

Legião em outubro

Ainda não foi desta vez. A gravadora EMI adiou para outubro o lançamento do CD e vídeo retirados da apresentação da **Legião Urbana** para o *Acústico* da MTV, em janeiro de 1992. Gravado apenas com Renato Russo (voz e violão), Dado Villa-Lobos (violão) e Marcelo Bonfá (bateria), o *Acústico* tem sucessos como "Índios", "Pais E Filhos", "Eu Sei" e versões para canções de Joni Mitchell, Neil Young e do P.I.L. A surpresa é uma canção do Menudo, tocada de brincadeira por Renato.

1985

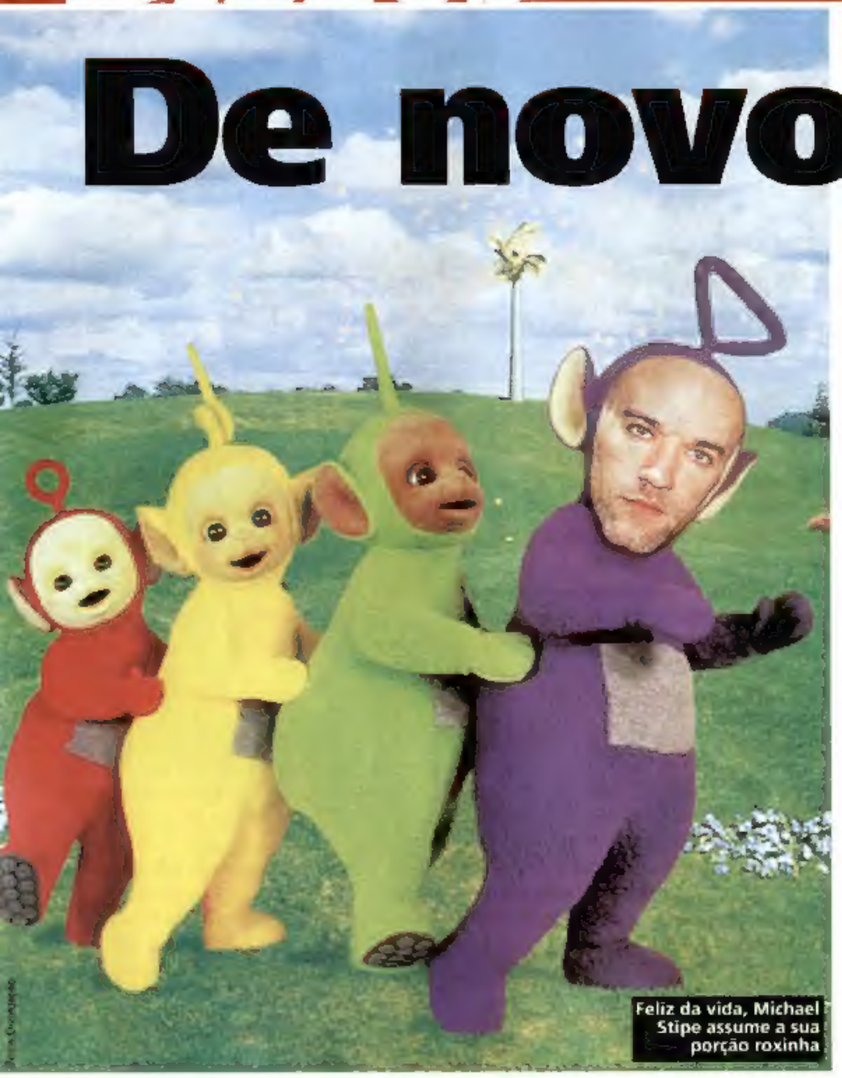
1999

Santo desemprego!

Quem achava o *Santo* Bob Geldof feio quando cantava nos Boomtown Rats e organizava o Live Aid deve dar uma olhada no Bob deste final de milênio, encarquilhado e chutado do emprego que tinha na rádio XFM, de Londres

De novo!

Mais um astro da música pop sai do armário


Feliz da vida, Michael Stipe assume a sua porção roxinha

Depois de George Michael, Rob Halford (do Judas Priest) e Simon Fowler (cantor do grupo inglês Ocean Colour Scene), chegou a vez dele. Aos 39 anos, o cantor do R.E.M., **Michael Stipe**, finalmente disse ao mundo com todas as letras: "Desfrutei de sexo com homens e mulheres a vida toda". A frase saiu numa entrevista publicada pela revista inglesa *Q* com perguntas formuladas pelos leitores. Stipe frisou, entretanto, que não gosta da expressão "gay", "porque divide as pessoas em categorias". Ele prefere se dizer *queer*, sinônimo de homossexual com conotações de "esquisito".

O vocalista contou que seu relacionamento com Morrissey (que faz 40 anos dia 22 de maio) se resumiu à troca de cartões-postais e três encontros para caminhadas em Londres: "Ele é legal mesmo".

Stipe também deu detalhes sobre sua amizade com Thom Yorke, do Radiohead. "Ontem mesmo eu o convenci a comprar uma camisa de gola rolê muito bonita. Ele me convenceu a comprar uma jaqueta laranja e vermelha. Tivemos uma grande discussão sobre a música em geral, sobre como a música deixou de ser arte e hoje é só um papel de parede na vida das pessoas. A gente fala sobre essas coisas sobre as quais amigos falam..."

Ele só se recusou a responder a uma pergunta: "Por que ninguém comprou o último CD do R.E.M.?" Achou "mal-educada".

Radicais sem estilo

O grupo carioca Acabou La Tequila lança em junho seu segundo álbum, com o firme propósito de continuar a ser uma banda... sem estilo! "O disco ficou superdiversificado, tem eletrônica, rock, bolero, balada. Como os gostos de cada um dos integrantes", explica o vocalista Renato. Nesse turbilhão de propostas, nada mais normal do que a participação de Rodolfo, dos Raimundos, que dividiu os vocais na faixa "Ferina". A idéia surgiu quando as duas bandas gravavam seus respectivos discos no AR Estúdios, no Rio de Janeiro. "A gente sempre se encontrava na cantina, aí pintou a oportunidade de gravar a música, que é um bolero e tem uma onda meio cafona."

Renato, Donida, André Nervoso, do Acabou, com Rodolfo

A banda Cara De Pau é um talento novo no blues nacional

Blueseiros brasileiros

Cansada de ouvir não, a turma do blues nacional desistiu de bater nas portas das multinacionais e aderiu ao lema punk: faça você mesmo.
A iniciativa mais ousada partiu de três integrantes do **Big Allanbik**, que fundaram a gravadora TopCat Brasil, subsidiária da texana TopCat. Em um ano, além de um elenco que inclui, entre outros, o próprio Big Allanbik, o duo Big Gilson e Alan Ghreen e os guitarristas Lancaster e Fernando Noronha, já lançaram cinco títulos nacionais e três internacionais.

A Banda **Cara De Pau**, de São Paulo, encontrou outra saída. Seu primeiro CD, gravado ao vivo no bar Bourbon Street, foi lançado pela casa e pode ser comprado pela rede (http://www.neoradio.com/caradepau).

A maioria dos blueseiros independentes do Brasil, porém, prensa CDs e, com eles debaixo do braço, procura as lojas. Grupos de São Paulo (Entidade Joe e Pé Rolundo Blues), Rio (Blues De Luxe e Big Joe Manfra) e Brasília (Cachorro Cego) são alguns dos que optaram por esse caminho. Uma cooperativa de artistas fez um CD-ROM com informações e trechos de músicas que pode ser comprado pelo telefone (011) 4352-0794.

Onde encontrar:
Chico Blues: (011) 457-0624
Satisfaction: (021) 521-2893
Toca do Disco: (051) 311-4551

túnel do tempo

O guitarrista abaixo é Eric Clapton, nos idos de 1963. Aos 18 anos, ele tocava em uma banda chamada The Roosters, da qual sairia para o Casey Jones & The Engineers e para ser Deus.

Foto: Divulgação

Ardida como pimenta

A *ex-spice girl* **Geri Halliwell** apareceu no Rio loira (com o cabelo alaranjado) e mais magra (porém peituda como sempre) para lançar seu novo single, "Look At Me". No clipe, Geri alterna papéis, entre imagens do enterro de Ginger Spice, seu ex-alter ego. A moça completou a visita subindo o Morro do Cantagalo e conhecendo o padre Zeca. "É ótimo você usar a mídia para fazer o bem", comentou a santa.

frases

Dexter é uma fofura

"Uma vez, em um show em Preston, na Inglaterra, em 1993, um moleque com cabelo moicano subiu no palco, me deu um beijo na bochecha e se jogou. Foi amável... acho."
Dexter Holland, vocalista do Offspring, no tablóide inglês Melody Maker

"Tenho uma grande idéia para um vídeo que contará comigo, duas dominatrixes e uma viagem de graça a Nova York!"
Tim Wheeler, cantor do Ash, ao apresentar uma sugestão (depois aceita) para o clipe "Numbskull", na revista inglesa Kerrang!

"Dylan Klebold e Eric Harris eram obcecados por Hitler, ouviam rock alemão e gostavam do cantor travesti Marilyn Manson."
O Globo *de 22/4/1999, em reportagem sobre o massacre na escola Columbine, no Colorado, EUA*

"Deve existir um outro disco de big beat dentro de nós, mas já estamos cansados daquilo."
Ed Simmons, dos Chemical Brothers, na revista americana Spin

"Você tem que cochilar sempre que possível, é a única maneira de sobreviver na estrada."
Brian Setzer na revista Guitar Player

"É uma bênção que nós, humanos, possamos fazer música! E fumar! E beber líquidos intoxican-tes!"
Cerys Mathews, cantora do grupo galês Catatonia, no tablóide inglês New Musical Express

"Prefiro ficar na companhia de homens, pois sou casado e tenho duas filhas. Preciso falar sobre futebol de vez em quando."
Ian McCulloch, cantor do Echo & The Bunnymen, no tablóide inglês Melody Maker

A Suécia é só sucesso

O veterano quarteto Abba e os jovens Cardigans seguram a bandeira do pop escandinavo de qualidade

Os Cardigans ameaçam gravar um disco heavy

Pop para metaleiro ver

Fazer a América, todo mundo quer. Ter prazer em tocar lá é outra coisa. Uma das poucas bandas européias que tocam nos Estados Unidos com tesão, **The Cardigans** passou os meses de fevereiro e março experimentando o gosto do sucesso no país do hambúrguer.

Na bagagem, Nina Persson e seus companheiros levaram os conterrâneos do Kent, quinteto que na Suécia vende mais do que eles. Assim que pisou na Filadélfia para o primeiro show da turnê, o guitarrista Peter Svensson foi bombardeado por uma legião de fãs que, entre outras coisas, queria saber quem era o tal do Kent. "Eles são melhores do que a gente!", exclamou o humilde gigante.

O recente álbum *Gran Turismo* era a base do show – com alegria especial, a banda tocava dez das onze músicas do disco. É bem verdade que o álcool ajudou, pois os próprios músicos admitem que pelo menos um litro de vodca por cabeça é consumido numa apresentação normal do Cardigans. Bem que a cantora loirinha Nina Persson tem andado mais "inchadinha" do que em outros tempos...

Graças à censura da MTV americana, os seguidores da banda nos EUA foram privados de assistir ao videoclipe de "My Favorite Game", considerado violento pelos conterrâneos de Monica Lewinski. Mas não há de ser nada. Os fãs só ficaram tristes com a ausência do baixista Magnus Sveningsson (considerado o mais "metaleiro" da trupe), que preferiu ficar em casa para não enlouquecer viajando dentro de um ônibus. Mas como assim, metaleiro? É, existe um séquito de fãs heavy metal que persegue o Cardigans. Depois de gravar covers do Black Sabath ("Iron Man" e "Sabath Bloody Sabath"), a banda é praticamente obrigada a encerrar os shows com as versões. Peter avisa: pode vir por aí um disco só de metal. Mas também pode vir um acústico.

Vinte e cinco anos de Babba

Babba no melhor dos sentidos, a banda mais pop do universo comemora a marca vendendo 1 milhão de cópias por ano da coletânea *Abba Gold*. Agora que já não é mais vergonha ser fã deles (na verdade, nunca foi: nos anos 70, Nelson Mandela disse que o grupo era o seu preferido), o negócio é aproveitar.

▪ Está saindo uma caixa reunindo os 29 singles do quarteto.

• No fim do ano sai *Abba Gold* remasterizado, com autógrafos do quarteto.

• *Abba, A Tribute – The 25th Aniversary Celebration* traz nomes como Ash, Information Society e Evan Dando.

• Baseado em hits do Abba, o musical *Mamma Mia!* estreou em Londres em abril.

• Com tudo isso, Björn Ulvaeus garante que o Abba não vai voltar. "Só se sentirmos que ainda temos algo a dar." Resta uma esperança...

Academia do metal

Se alguém ainda pensava que músicos de heavy metal são aqueles ogros que só falam por rugidos e não têm a menor idéia do que seja um livro, o guitarrista e cantor da **Dorsal Atlântica**, Carlos Lopes, e seu colega de cordas no **Viper**, Yves Passarell, estão aí com a prova do contrário. Os dois estão estreando como escritores, com livros ligados à história de suas bandas. As obras, contudo, são bem diferentes.

	Temporada Na Estrada Ed. Gryphus	*Guerrilha!* Ed. Beat Press
Livro		
Autor	Yves Passarell	Carlos Lopes
Ocupações	guitarrista do Viper e advogado	guitarrista/cantor da Dorsal Atlântica e jornalista
Assunto	causos das viagens da banda por lugares como Japão, EUA e Europa	biografia oficial de duas décadas da mais tradicional banda heavy carioca
Trecho	"Na Hungria, parecia que tínhamos voltado no tempo"	"Alguém estava prensando o disco anterior sem que soubéssemos"
Definição do autor	"Quis escapar da besteirada habitual de bebedeiras e tietes"	"São vinte anos de luta no underground musical do Brasil"

Yves fala do Viper no livro

notas

Ramone solo

Três anos após a dissolução dos **Ramones**, o cantor Joey Ramone (na verdade, Jeff Hyman), de 47 anos, vai gravar um disco só seu. "Acho que estou finalmente pronto para isso. Tenho algumas boas canções e espero encontrar uma gravadora que me incentive", disse Joey, que já aprontou quatorze novas músicas. Uma delas ganhou o nome de "Maria Bartiromo", em homenagem a uma apresentadora de televisão. De quebra, Joey revelou que um de seus passatempos preferidos atualmente é jogar na bolsa de valores de Nova York.

Chicanos cult

Agora, reunião inesperada mesmo é a de **? & The Mysteryans**, banda de garagem americana formada por descendentes de mexicanos e conhecida pelo hit "96 Tears", grande clássico do punk sessentista, e pela onipresença nos arranjos do mais fuleiro dos órgãos. A turma havia gravado apenas dois LPs antes de evaporar, em 1967. Em 1986, um show de reencontro virou o excelente álbum ao vivo *The Dallas Reunion Tapes*. E agora, depois de várias apresentações desde o fim de 1997, a formação original retorna com um disco duplo, *More Action*. A emocionante alucinação tecladística pode ser comprada via Internet, no site cdnow.com.

Cerimônia do retorno

A volta do **Cult** está confirmada. Depois de uma festinha no Viper Room, em Los Angeles – por acaso a mesma casa noturna onde morreu o ator River Phoenix –, que contou com uma jam do cantor Ian Astbury com o guitarrista Billy Duffy e o baterista Matt Sorum (também ex-Guns N' Roses), os três resolveram oficializar a farra. No showzinho foram tocadas apenas três músicas, entre elas a alucinógena "Love Removal Machine". Falta resolver quem vai ser o baixista.

O Cult nos bons tempos

Bizzes

[illegible] Pedro Luís, [illegible] Liminha, [illegible] João Barone, C.A. (sentado) e Celso Alvim (na foto): festa no estúdio Nas Nuvens

Pancadão reforçado

Produzido por Liminha e com participação dos Paralamas, o novo CD de Pedro Luís E A Parede tem grooves animais e graves abissais

"Para produzir esse disco eu não preciso lugar para o Pedro Luís. [illegible] parte d[illegible] para [illegible] Pedro [illegible] Com [illegible] produtor do Brasil [illegible] dificuldades para reunir [illegible] forte [illegible] 38 anos [illegible] compositores do país [illegible] Paris 400 [illegible] grupo teatral [illegible] Trouxe O [illegible] Urge [illegible] anos 80, [illegible] a Parede [illegible] para fazer o país descobrir [illegible]

O baixista Mário Moura [illegible] Sidon Silva [illegible] Celso Alvim fizeram fama [illegible] tividade e pela força demolidora de suas batucadas. "Os instrumentos não andam resistindo à nossa grosseria", brinca Pedro [illegible] as gravações d[illegible] segundo [illegible] do grupo [illegible] Nas Nuvens, no Rio. O primeiro, *Astronauta Tupy*, [illegible] excursões [illegible] 10 mil cópias.

Liminha sabe que [illegible] agora são outras. [illegible] desafio [illegible] estúdio uma porradaria de grande [illegible] nos shows. [illegible] membros [illegible] completa C.A. [illegible] ao baixista Mário Moura.

[illegible] quem [illegible] Sidon [illegible] *loops* [illegible] mesmos [illegible] do estúdio. [illegible] Pedro.

[illegible] Meu Primo [illegible] Os Paralamas [illegible] Herbert Vianna [illegible] acordo [illegible]

Apesar de [illegible] Pedro Luís [illegible] Parede [illegible] etiqueta Música Popular Carioca [illegible] Música de [illegible]

O mangue mostra vários talentos novos, mas está contaminado por perigosos caminhos de segmentação

Por Pedro Só, do Recife

Abril pro rock fecha o foco

Jorge Du Peixe, da Nação: sem contrato e com talento

Marcelo D2 armou uma farra no palco

Tom Zé saiu consagrado e voltou para discursar

Celebrado como a retomada dos novos nomes do pop pernambucano e tudo o Abril Pro Rock foi 1999 consagrou um baiano de 62 anos. Tom Zé. Ovacionado durante 15 minutos pelo show no Centro de Convenções de Pernambuco, na noite de encerramento, Tom Zé foi resgatado da ostracismo em que estava relegado. Lançado duas vezes na década de 1940, um adolescente hamletiano que parou no nascer. Outra em 1970 por um instante ao lado de Caetano, Gil, Gal, Os Mutantes e Rogério Duprat. Esquecido pela crítica e pelo público, Tom Zé só voltou a ser lembrado em 1990, quando David Byrne, ex-Talking Heads, o descobriu e o lançou nos EUA. Em 1998, Tom Zé foi capa de banana, ao lado de Caetano e Gil, na revista *Billboard*. Ilustrado com a matéria sobre o tropicalismo. Depois, ainda em 1998, Tom Zé foi capa de banana, ao lado de Caetano e Gil, na revista *Billboard*. Ilustrado com a matéria sobre o tropicalismo.

JUNGLE ORGÂNICO FOI BRILHANTE

Para quem foi do Recife para o Rio de Janeiro, o ataque da semana do Abril Pro Rock foi um choque. A meta era Vercidade se tornar a base de uma geração. Sepultura, Alternative Noise, Sonic Noise, Mundo Livre S/A, Devotos, Faces do Subúrbio, Eskarnio, Cascabulho, Lamento Negro, Mestre Ambrósio, Cascabulho, Lamento Negro, Mestre Ambrósio, Cascabulho, Lamento Negro, Mestre Ambrós

Cabral, um excelente trabalho, muito distante dos padrões do pop tido como "comercial". A Trama, por sua vez, soltou na praça *Som De Caráter Urbano E De Salão*, o disco de estréia do promissor Sheik Tosado, banda que havia sido revelada no festival do ano passado.

O metal do Sepultura, arrebatador como sempre – a despeito de Derrick parecer "bonzinho" demais para grunhir certas músicas antigas – entrou no evento como âncora e ainda serviu para ajudar na exposição de outra competente banda pesada, o Hangorrk, de Surubim (a 90 quilômetros do Recife), atração de abertura. E quer saber? O público do Abril adora uma podreira, seja heavy ou hardcore – não por acaso, os Devotos Do Ódio foram os campeões de enlouquecimento da platéia em 1997 e 1998. Em 1999, claro, o Sepultura venceu a 50 metros do palco, tinha gente subindo nos ombros da turminha e voando no *mosh*. Segundo o produtor Paulo André, 8 mil pagaram para ver Igor & Cia.: "Sem apoio das rádios locais, que não tocam rock, foi maravilhoso".

Agora os problemas. Bem muita banda investindo no som pesado para gerar um público imediato. Isso acaba sendo uma miopia", avisa Pupillo, da Nação Zumbi. Como bem sabem os Devotos (agora sem o Do Ódio e o contrato com a BMG), abalar diante daquela massa hardcore mal garante a sobrevivência profissional. Entre os artistas novatos, o abuso das guitarras distorcidas revelou-se um inimigo das propostas de fusão de ritmos [illegible] realizando de forma insatisfatoriamente superficial.

NAÇÃO ZUMBI CAI NO CARIMBÓ

Segundo o que foi publicado na imprensa diária, a própria Nação Zumbi, que – alerta vermelho! – ainda não renovou o contrato com a Sony (tecnicamente, está sem gravadora), deixou a impressão de estar ficando pesada. Aí vale uma explicação: grande parte dos jornalistas de São Paulo e do Rio que [illegible] às 5h30 da manhã daquele dia para virem ao festival, não teve saúde para acompanhar mais do que o começo do show, que varou a madrugada. "A gente iniciou com as músicas mais pesadas, mas de pouco no álbum, não queremos enveredar pelo metal", nega Pupillo.

Entre as novidades apresentadas, a Nação tocou uma versão de "Jornal Do Morle", clássico de Wilson Batista, um dos mestres do samba sincopado, e composições inéditas, como "Arrancando As Tripas Do Samba". "Estamos trabalhando também em cima de carimbó, *ritmo paraense que é nome provisório de outra inédita*", completa Pupillo.

No próprio CD do Sheik Tosado, que ele co-produziu (com Carlo Bartolini), a embolada e o frevo ainda são [illegible] pelo hardcore e o samba mal aparece no rock. Trata-se de um bom disco (de rock) e de uma boa banda, fortíssima ao vivo, e com letras baseadas na sociologia de Gilberto Freire. Em texto [illegible] o meu irmão (*China, vocalista, 19 anos*) revela o articulado guitarrista Bruno Xavier: mas pode ser muitíssimo melhor.

Comparativamente, merece louvor um trabalho como *Fua Na Casa De Cabral*, do Mestre Ambrósio, que [illegible] musicalmente fora da cidade (e [illegible] cultura) do rap e do "esporro" que marca a nova geração pernambucana. Por outro lado, o grupo também não se intimida com doses arnicais. No disco tem mais guitarra do que rabeca, mas isso acontece naturalmente", desconversa Siba.

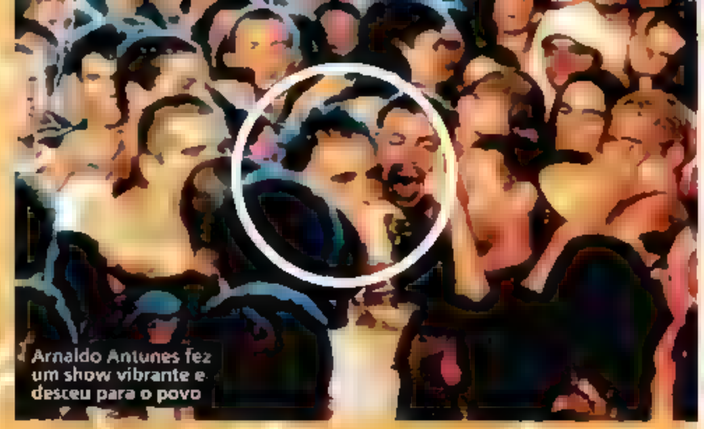
Um underground alimentado artificialmente por festivais como o Abril Pro Rock corre sério risco de sucumbir [illegible]. Para sobreviver, a cena mangue precisa tornar-se mais popular. Pelo que se viu este ano, uma das coisas que mais prejudicam as bandas novas é o amadorismo e a falta de preocupação com os vocais. Otto, por exemplo, que tem um trabalho da maior qualidade, precisa urgentemente ensaiar, fazer notas, trabalhar suas deficiências. Os grupos Songo e o Eddie do excelente guitarrista Fábio Trummer também ganharam muito investindo por aí.

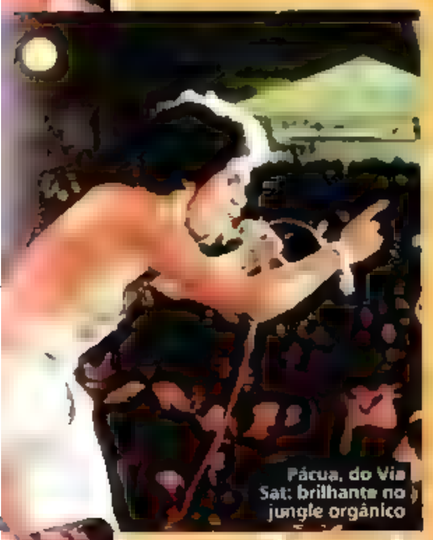
O hip-hop local também parece estar num beco sem saída. O Faces Do Subúrbio pouco tem a oferecer além de sua autenticidade. Comparado a eles, um artista como D2 parece que vem de outro planeta (sem trocadilho).

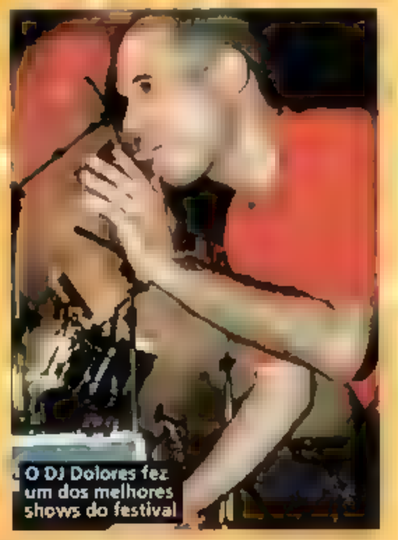
E nesse cenário hostil, onde pop parece ser palavrão, o show de Arnaldo Antunes foi um bálsamo. O momento mais divertido do festival aconteceu quando Arnaldo sambou com o impagável Seu Zé Farofa Carioca, enquanto sua esposa Zabé [illegible] à distância.

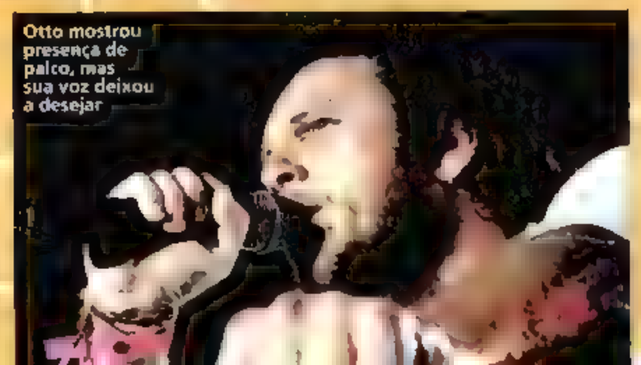
Para o festival do ano que vem, o promotor Paulo André tem dois sonhos: [illegible] shows do Sepultura e Soulfly ("se o Max topar...") e uma reunião da Plebe Rude. Que ele consiga realizar os 2.

China, do Sheik Tosado, uma banda para o futuro


Arnaldo Antunes fez um show vibrante e desceu para o povo


Pácua, do Via Sat: brilhante no jungle orgânico


O DJ Dolores fez um dos melhores shows do festival


Otto mostrou presença de palco, mas sua voz deixou a desejar

Andreas, do Sepultura, pode voltar no ano que vem

Siba, do Mestre Ambrósio: caminho musical único

Boas novidades na lama

A coletânea *Recife Rock Mangue* chega ao segundo volume provando que nem só de Abril Pro Rock vive a cena pernambucana. De 58 demos enviadas ao selo Caranguejo Records, dezoito foram selecionadas para o disco e atestam que o tal "chip diversidade" continua interagindo e fazendo de Pernambuco um núcleo de produção musical dos mais ativos.

Acusadas de serem meros clones da Nação Zumbi, as bandas Serpente Negra, R.D.A. e Via Sat trabalham no que seria um legado afrociberdélico. A Serpente Negra entra com uma faixa de apenas 41 segundos, "Nações Black", saudando as origens étnicas e religiosas com muito peso. O R.D.A. dá argumentos aos detratores, aproximando-se perigosamente da fórmula da Nação Zumbi na música "Fusão". O Via Sat, que aparece com um remix de um dos seus hits de show, "Baião De Dois", dá um passo à frente em direção à eletrônica infectada de lama.

Nos novíssimos Alfaia Beat, O Djabbaquato e Nacional Kid, a influência aparece mais diluída. Disfarçado de Cinval Coco Grude, Cinval, percussionista do Querosene Jacaré e um dos produtores do disco, injeta efeitos futuristas no coco "Vou Jogar Um Coco Na Sua Cabeça".

Com o pé na lama e a cabeça no hip-hop, Sistema X e Spider E A Incógnita Rap sintonizam na tendência mundial do rap com bases funk feitas com banda. A chamada *old school* (velha escola) predomina entre as influências, especificamente de Public Enemy, no caso do Sistema X, e J.B's, no de Spider. Já a Eletrosoul, do bom vocalista Vlad, só precisa afastar o jeito Jamiroquai de ser e deixar seus grooves rolarem.

Com guitarras e sem tambor, surgem River Raid (para quem gosta da escola pós-My Bloody Valentine), a zoeira dos Supersoniques e a psicodelia com sotaque britânico do Umbigo De Adão. Como tantos outros da cena *indie* (diminutivo de independente, usado na Grã-Bretanha), esses grupos poderiam se dar bem saindo dos becos da distorção. Um bom exemplo deu a cantora Stela Campos, que desfez a barulhenta banda Lara Hanouska e partiu pra experimentar com eletrônica de baixa fidelidade e violões na bela faixa "Se Você For, Onde Você For", de Cadão "Fellini" Volpato.

por Carlos Freitas

Como comprar: Caranguejo Records
Tels: (081) 221-4434 e 231-7782
Telefax: (081) 432-7961

Brasil heavy

Não há crise econômica capaz de abalar a devoção pelo rock pesado em território nacional. Um país de camisas negras – e estampas de Iron Maiden, Sepultura e Metallica – se revela a cada megashow...

por Bernardo Araujo

Os tempos estão bicudos. O dólar subiu, a recessão está forte, ninguém tem emprego. No quesito importações culturais, dezenas de discos importantes deixaram de ser lançados no Brasil e o último filme dos irmãos Coen (de sucessos como *Fargo* e *Barton Fink*), *The Big Lebowski*, ainda não estreou aqui. De onde saíram, então, as pessoas que lotaram todos os oito shows da turnê brasileira do Deep Purple, uma banda com trinta anos de carreira e que já havia estado aqui antes? E os 50 mil abnegados que pagaram 50 reais para se [illegible] até o autódromo de Interlagos, em São Paulo, [illegible]? E os [illegible] mil pessoas que foram ver Bruce Dickinson no feriado de 21 de abril (logo depois do Kiss), obrigando o pequeno grande homem a marcar uma apresentação extra quatro dias depois.

Ok. Ok, então o país está em crise, mas cidades grandes como São Paulo têm uma classe média que consegue se segurar [illegible] sucessos. Então por que diabos nenhum produtor traz astros de outros gêneros [illegible]? Por que é que o N Sync ou Mariah Carey nunca se apresentam [illegible] brasileiro?

"Prefiro me trancar no meu quarto e ouvir coisas velhas do rock" foi uma resposta comum numa pesquisa conduzida pela rádio Brasil 2000, de São Paulo, junto a seus ouvintes. "A molecada tem na cabeça um passado que não muda", [illegible] ba Tatola, diretor da rádio. Para ele, o show do Kiss foi um bom exemplo de como o amor pelo rock pesado passa de pai para filho. "Quase sessenta por cento do público em Interlagos tinha entre 16 [illegible] anos", avalia o presidente da [illegible] que promoveu [illegible]

Muniz Neto. "Os grupos tradicionais, que têm um catálogo de bons discos atrás de si, sempre atraem bom público", diz Muniz, que trouxe para o Brasil este ano Deep Purple, Creedence Clearwater Revisited, Bad Religion, Kiss e Bruce Dickinson, todos com ótimo retorno.

"Os artistas de rock pesado têm pouco acesso à mídia, os outros estilos estão sempre à disposição, então não despertam tanta paixão", avalia Fernando Souza Filho, editor da revista *Rock Brigade*, especializada no gênero. Ele cita como exemplo a rádio 89 FM de São Paulo, que toca rock pesado "mas não muito". "Eles nunca tocaram Iron Maiden, mas quando foram comemorar dez anos patrocinaram [illegible] da banda, que encheu um estádio. Depois continuaram sem tocar Iron."

Segundo Muniz, as gravadoras não fazem questão de patrocinar ou apoiar as apresentações de seus artistas. "Eles (a *Universal*) disseram que o Kiss não era prioridade enquanto a banda tocava para aquela gente toda. A prioridade deve ser o padre Marcelo Rossi, [illegible] será que ele dura?" O presidente da Universal Brasil, Marcelo Castello Branco, [illegible] que, embora atraiam um público fiel a suas apresentações, as bandas de heavy metal, exceção feita ao Kiss, nem sempre são boas vendedoras de discos. "Esse é o último público fiel da indústria de música. A banda vende 10 mil discos, o que não é muito, mas todos os compradores vão querer ir ao show", diz.

E que ninguém pense que as produções dessas bandas são baratas. "Todos fazem questão de viajar com seus equipamentos, como o Jon Lord, tecladista do Deep Purple, que traz órgão e amplificadores pesadíssimos", conta Muniz. A produção da vinda do Kiss estava orçada em 1 milhão de dólares. Muniz bancou ("fui teimoso", confessa ele) e se deu bem, mesmo [illegible] forte. A Mercury

[illegible] desde os anos 80 [illegible] de uma década se especializou em rock pesado. "A concorrência teve medo da crise, e eu fiquei sozinho no mercado", comemora Muniz, que pensa em trazer Judas Priest, Van Halen e Aerosmith em breve para o Brasil novamente. "O Skol Rock, o Monsters Of Rock e o Kaffles Reggae vão acontecer este ano", garante. Muniz se lembra da última vez em que tentou trazer um artista pop para o Brasil. "Foi o Sigue Sigue Sputnik, no meio dos anos 80." A banda havia vendido 150 mil discos por aqui, mas os shows foram um fracasso de público. "Foi aí que comecei a sacar a diferença: quem gosta de música acaba parando no rock pesado, porque é lá que estão os melhores músicos. A garotada fica fascinada por bons guitarristas [illegible] bateristas", conta.

Mas [illegible] o metal estrangeiro emplaca tão bem em nosso chão, o que há com as bandas nacionais do estilo? "Elas existem e têm público, falta as gravadoras acreditarem", diz Fernando. Outra maneira de [illegible] metal nacional seria instituir de vez o show de abertura.

[illegible] o fã-clube do metal [illegible] está restrito a medalhões de mais de [illegible] anos de carreira? "Não, já existem bandas mais novas se encaminhando para o estrelato, como o Gamma Ray, o Hammerfall e o Blind Guardian", [illegible] editor da *Rock Brigade*.

O fato é que hoje o Brasil é um dos bastiões do metal tradicional, junto com o Japão e países da Europa como a Alemanha, a Holanda e a Bélgica. "Ninguém [illegible] o rock pesado como o brasileiro. O povo parece ter uma verdadeira [illegible]ação para bater cabeça", elogia Bruce Dickinson. "Sem demagogia nenhuma! Só as platéias da Europa Oriental chegam perto em matéria de vibração", completa o vocalista do Iron Maiden.

É FERRO NA DONZELA

De volta ao Iron Maiden, Bruce Dickinson promete fazer do (agora) sexteto a maior banda de heavy metal da história... Steve Harris conta a grana e agradece

por Marcelo Tomaz de Aquino
Jaime Biaggio e Ricardo Batalha
Ilustrações: Montalvo

NA TURNÊ DE 24 SHOWS DESTE ANO, BRUCE DICKINSON VAI CANTAR "FUTUREAL", "THE CLANSMAN" E "MAN ON THE EDGE", MÚSICAS GRAVADAS POR BLAZE BAYLEY

Da próxima vez que o guerreiro Bruce Dickinson conclamar "*scream for me* (grite para mim!) Rio, São Paulo/Porto Alegre etc!!", é do bom-tom atender. De volta ao Iron Maiden após seis anos tocando uma ascendente carreira solo, o vocalista parece imbuído da mesma seriedade e determinação do primeiro-ministro inglês Winston Churchill em seu chamado às armas contra o nazismo, que abria os shows da inesquecível *World Slavery Tour* de 1984/85 (o discurso servia como introdução do clássico "Aces High", que versa justamente sobre o heroísmo da RAF, a Força Aérea britânica, na Segunda Guerra Mundial). Mais animado do que sua já habitual hiperatividade, Bruce fala em restabelecer o reinado do metal no planeta rock e reconduzir o monstrinho-mascote Eddie ao trono da dinastia como quem detalha um projeto de vida.

"Essa não é uma reunião nostálgica, para durar um ano e depois todo mundo ir embora jogar golfe", valorizou ele, em abril, no Rio, numa de suas últimas entrevistas como artista solo (*veja a crítica do show em São Paulo no boxe*), antes de assumir o comando da reagrupada formação clássica da Donzela De Ferro – [illegible] o baixista e capitão Steve Harris, os guitarristas Dave Murray e Adrian Smith e o baterista Nicko McBrain, com o guitarrista Janick Gers como "baixa-bônus".

"Uma vez na vida você tem a chance de ser o nº 1 do mundo. O Iron teve e aproveitou. Agora estamos tendo uma segunda chance, o que é muito difícil, e temos que agarrá-la. Estamos voltando para [illegible] a banda de novo no topo. O disco que vamos gravar no [illegible] vai ser o mais importante desde *The Number Of The Beast*", disparou, referindo-se a um dos melhores e mais importantes discos da banda, de 1982, responsável por um pulo em sua popularidade.

[illegible]

[illegible] Bruce parece ter razão de ser. Sua volta ao Iron, no lugar do mal-amado Blaze Bayley (e carregando a tiracolo o velho parceiro Adrian Smith), vem sendo celebrada por súditos da Donzela como a segunda vinda de Cristo. Por outro, nem tanto: nos maiores centros produtores de rock do mundo, o atestado de óbito do heavy metal já virou abaixo-assinado, com centenas de assinaturas, até de bandas que, teoricamente, cabem no rótulo. "Uma vez o Korn (*banda americana que lidera um movimento de artistas de rock pesado com psicodelia e elementos de hip-hop no som*) não quis participar do mesmo programa da MTV do que eu, porque [illegible] heavy metal", [illegible] Bruce, às gargalhadas. "Na verdade [illegible] esse [illegible] feito apenas como um [illegible] a mais. "Há uma tremenda carência de bandas de metal. Quem é, hoje, o maior grupo heavy do mundo? Se você [illegible] questão de um nome, é o Metallica. Agora, se eles ainda são heavy [illegible] sei. Para mim, o que eles fazem hoje está mais perto do rock mainstream". [illegible] no entanto, a garotada viciada em jogos de computador e filmes de ação está consumindo heavy metal [illegible] percebe. As trilhas desses jogos e filmes são metal. Está tudo pronto para uma volta. Só está faltando uma banda para liderá-la. E o Iron pode preencher essa lacuna".

Bruce diz que terá que fazer um esforço para voltar a compor de acordo com os "temas de fantasia" do Iron – incompatibilidade que o levou a deixar a banda seis anos atrás. Mas, por ironia, quem verificar as letras de *The Chemical Wedding*, último disco solo de Bruce, [illegible] de *Virtual XI*, mais recente álbum do Iron, pode encontrar o tal universo fantasioso mais presente nas canções do cantor do que nas de Steve Harris e cia. Bruce baseou suas letras em poemas do inglês William Blake, que tinha como tema principal a alquimia, ciência que tinha como objetivo transformar ferro em ouro. Já o Iron, embora continue viajando em temas como "Futureal", chegou à sofisticação de gravar uma canção, "Como Estais Amigos", que lamenta a Guerra das Malvinas, confronto entre ingleses e argentinos em 1982.

[illegible]

Vamos aos fatos: o Iron Maiden pega a estrada em julho para uma curta viagem. São doze shows nos Estados Unidos e no Canadá, mais doze na Europa, para divulgar a nova formação e o game. Bruce cantará as músicas que compõem a trilha sonora do jogo, incluindo três da fase com Blaze, "Man On The Edge", de *The X Factor*, e "Futureal" e "The Clansman", ambas de *Virtual XI*. Por incrível que pareça, toda a agenda já estava prevista em função de *EdHunter*, e a reforma da banda acabou pegando carona na história. "Além das canções que não gravou, o vocalista terá de estudar os encartes dos discos antigos, para soltar a voz nos clássicos que ele mesmo consagrou. "[illegible] que não lembro de todas as letras, mas elas não ficam totalmente esquecidas. Depois de duas ou três vezes, volta tudo à cabeça", confessou Bruce. Em setembro, a turnê será interrompida para as gravações do novo CD, e a banda só fará [illegible] para uma turnê mundial [illegible]. Por ora, os fãs brasileiros podem ir matando a sede com o repertório [illegible] CDs com o top 20 do Iron, escolhido pelo próprio público pelo site da banda, que acompanham o recém-lançado game *EdHunter* (*detalhes no boxe*). [illegible] também um disco ao vivo do Bruce [illegible] gravado [illegible] shows no Rio e em São Paulo.

[illegible] da vida e cheio de trabalho, o cantor prefere não entrar em polêmicas. E o baixista Steve Harris, o poderoso chefão do Iron, não gosta dos álbuns solo dele? Não sabe e nem quer saber. "Não os fiz para ele, e sim para o público". A notícia da volta pareceu boa demais e era verdade, mas que [illegible] as negociações duraram quase um mês e a decisão foi tomada não porque Bruce e Steve Harris voltaram a se amar, mas devido à intervenção de Rod Smallwood, empresário de ambas as partes e mentor intelectual da volta do vocalista. Steve, que nunca se conformara com a saída do vocalista, em 1994, revelou que só trocou cumprimentos com ele nas poucas vezes em que o viu por acaso. Mas, atento ao tilintar cada vez menos audível da caixa registradora da banda, cedeu aos apelos do empresário. Dentro do grupo, quem teve papel decisivo na conciliação dos egos inflados foi o guitarrista Janick Gers, amigo dos dois. "No começo houve problemas por causa de algumas notícias divulgadas pela imprensa, mas depois aparamos as arestas e decidimos recomeçar", confessou o guitarrista em entrevista em Amsterdã, na Holanda ▶

Bruce e Adrian passaram pelo Brasil em abril, antes de voltar de vez para o Iron

O monstrinho na tela

Não podia haver melhor publicidade do que a volta de Bruce Dickinson e Adrian Smith para o game que o Iron Maiden lançou no dia 18 de maio. Com a banda meio em baixa com os fãs, *Ed Hunter* poderia até passar despercebido, mas a sacudida no mundo do metal certamente atrairá muito mais atenção para o joguinho protagonizado pelo mascote do grupo.

O CD-Rom *EdHunter* será comercializado com outros dois discos, contendo as vinte músicas que compõem a trilha sonora do jogo e que foram escolhidas pelos fãs via internet no fim do ano passado. Um deles, com menos canções, terá também o kit de instalação do game, que, verdade seja dita, foi um projeto ao qual Blaze Bayley se dedicou inteiramente. "Todos da banda deram sugestões, mas foi Blaze quem mais participou", contou Craig Foster, manager da Synthetic Dimensions, empresa responsável pelo desenvolvimento do jogo. Ele foi a ligação do grupo com a empresa. "É um viciado em games", confirmou Steve Harris.

Curiosamente, quem parecia mais empolgado com os petardos disparados por Eddie era justamente Bruce Dickinson. Qualquer intervalo nas conversas com jornalistas era a deixa para o vocalista correr para o computador. "Isso é muito melhor do que ficar dando entrevistas", brincou o cantor, enquanto vociferava impropérios contra os monstrengos do Mal, tipo "Die, bastard!".

O game, de visual [illegible] elaboradíssimo, não foge ao estilo de jogos [illegible]. O negócio é [illegible] quem aparecer [illegible] para o maidenmaníaco é que [illegible] e passeia por cenários inspirados nas capas dos discos e letras da banda, ao som de [illegible] clássicos. O jogador pode, por exemplo, enfrentar múmias, cobras e escorpiões em meio à pirâmides do Egito Antigo embalado por "Powerslave". Ou ainda visitar o inferno e combater demônios aladas e inquisidores ouvindo "The Number Of The Beast". Dá vontade de jogar ou não dá?

A trilha sonora de EdHunter:

"Iron Maiden" (ao vivo) • "The Trooper" • "The Number Of The Beast" • "Wrathchild" • "Futureal" • "Fear Of The Dark" • "Be Quick Or Be Dead" • "2 Minutes To Midnight" • "Man On The Edge" • "Aces High" • "The Evil That Men Do" • "Wasted Years" • "Powerslave" • "Hallowed Be Thy Name" • "Run To The Hills" • "The Clansman" • "Phantom Of The Opera" • "Killers" • "Stranger In A Strange Land" • "Tailgunner"

A banda esteve por lá em março para divulgar seu vídeogame *Ed Hunter*. Janick atingiu o status de chanceler das duas partes devido à sua história com o grupo. Inicialmente amigo de Bruce (e credenciado como guitarrista da banda solo do cantor Ian Gillan, da Deep Purple), ele tocou no primeiro disco solo do cantor, *Tattooed Millionaire*, antes que Bruce deixasse o Iron. Logo depois Adrian saiu, a banda se desfez e Janick foi seu substituto, naturalmente sugerido por Bruce. Quando foi o cantor que pulou do barco, em 1982, o guitarrista continuou no Iron, conseguindo o status de intimo dos dois lados. Ninguém fala se sua permanência na banda mesmo com a volta de Adrian teve a ver com suas habilidades diplomáticas, mas tem muito fã – cuja maioria acha que a banda perdeu musicalmente com a substituição de Adrian por Janick – que aposta que sim.

O retorno de Adrian, que integrou o Maiden de *Killers* (1981) a *Seventh Son* (1988), foi decidido após o de Bruce, com quem o guitarrista canadense fez o seu projeto solo (*vejam boxe*). A idéia partiu do vocalista e teve imediata aprovação de Dave Murray, o gente boa do grupo e responsável por algumas guitarras há quase vinte anos. "Que eu saiba, somente o Lynyrd Skynyrd tem três guitarristas, mas eles não tocam metal. Inconscientemente, vamos compor de forma diferente e isso trará uma maior qualidade ao nosso trabalho", explicou Adrian ao vivo, disse Dave. Os três asseguraram que a fogueira das vaidades não arderá e os solos continuarão a ser divididos igualmente. "Há muita coisa interessante para fazer, mas isso não significa que teremos dezenas de solos em cada música", alertou Adrian. Nas rodadas de negociações para o retorno ficou decidido que o cantor e Adrian poderiam dar continuidade ao trabalho solo do cantor, o que, segundo Bruce, não vai se resumir ao disco solo que deve sair em outubro.

Bruce prefere não dizer se acha os dois álbuns gravados por Bayley, *The X Factor* e *Virtual XI*, fracos, ou que seu estilo vocal desagradou os fãs e à banda. "Olha, [illegible] as razões da saída dele, prefiro não saber nem especular. Além do mais, ele fez um pedido a todos para que não façam nenhum comentário até que ele fale a respeito. De qualquer forma, ele está montando uma banda e continua com a Sanctuary (*firma de Rod e do outro empresário do Iron, Andy Taylor*). Dá para sentir que está tudo bem." De fato, Blaze pretende se lançar como artista solo em outubro e não fala mal dos ex-companheiros. "Foram ótimos anos. Tenho alguns arrependimentos, mas nem vale a pena mencionar", diz ele. No entanto, uma olhada nas vendas dos discos é esclarecedora. Nos dez albuns lançados com Bruce, sete gravados em estudio e três ao vivo, a pior posição na parada britânica foi o terceiro lugar. Já com Blaze, *The X Factor* foi apenas o nono colocado e *Virtual XI* amargou um lamentável décimo sexto lugar. Se os fãs não eram muito chegados ao vocalista defenestrado, o dinheiro estava escasseando, armou-se o circo para uma reviravolta na história do grupo. Steve, que estrategicamente considera os fraquinhos *Seventh Son Of A Seventh Son* e *The X Factor* os melhores discos da banda, chegou a deixar escapar: "Tinha muita gente que não gostava do Blaze". Mas se apressou em corrigir: "O retorno de Bruce não é para aumentar a venda de discos e ingressos". Bolão, lá. Os quatro músicos presentes nas duas formações não se cansam de afirmar que têm orgulho dos discos com Blaze, mas alguma coisa de muito ruim ele fez. "Ninguém da banda olhava para a cara dele durante a turnê brasileira, ano passado", lembra Fred, baterista dos Raimundos, que participaram da excursão. Ele conta que no vôo entre Curitiba e o Rio, após o último show, na capital paranaense, por acaso Steve Harris sentou-se ao lado de Blaze no avião e passou o vôo todo virado para a janela, nem aceitou a comida de bordo só para não ter que encarar o então futuro ex-companheiro de banda. É certo, portanto, que Blaze saiu antes que Bruce voltasse.

"A VOLTA DE BRUCE NÃO SE DESTINA A AUMENTAR AS VENDAS DE INGRESSOS E DISCOS DO IRON MAIDEN" – Steve Harris

Bruce prometeu — voltar ao Brasil com o Iron no ano que vem, após gravar o novo disco

Já o carismático e bem-falante Bruce prefere não encher a boca com assuntos espinhosos porque suas menos palavras podem custar o gasto. Confira a sutileza do cara, que, a exemplo de Bayley, passou muitos bocados nas mãos dos fãs quando entrou no lugar de Paul Di'Anno, em 1981: "Sempre que você muda um membro de uma banda, em especial o vocalista, tem gente que não gosta. Eu naquela época, tive a vantagem de que a banda veio com discos fortes em seguida, e que o meu estilo de cantar se adaptou ao que o Iron sempre fez." Está ótimo, não precisa dizer mais nada.

A respeito do disco que vem aí, o cantor promete jogar para o time e gravar o "melhor e mais pesado da história do Iron Maiden". "Não [illegible] Bring Your Daughter To The Slaughter" para o próximo álbum, garantiu, citando uma (boa) canção que havia composto para sua carreira solo e que acabou entrando no disco *No Prayer For The Dying*. "Vamos fazer um trabalho bem pesado, e certamente não haverá nada do tipo 'Can I Play With Madness'", reiterou Adrian desta vez lembrando uma das canções mais pop da banda, de *Seventh Son*.

Quando o assunto é Steve Harris porém Bruce decreta um cessar-fogo. "É bom que fique claro que nossos desentendimentos nunca foram no esquema Ian Gillan x Ritchie Blackmore (do Deep Purple), que querem matar um ao outro. Eram só discordâncias quanto aos rumos da banda. Acho apenas que, no momento em que uma banda não chega mais a um consenso sobre seu futuro, os descontentes devem sair. Na época de *The Number Of The Beast* não havia discordância. A escolha de 'Run To The Hills' como o primeiro single a sair daquele disco, por exemplo, foi unânime. O clima era ótimo e, felizmente, [illegible] Estou muito feliz."

Agora é esperar para ver se o ambiente será ameno dentro da banda. O Iron ainda não começou a ensaiar as músicas antigas nem a compor as novas – alguns sairão em Portugal, um dos países prediletos de Steve Harris, que tem negócios por lá –, mas já tem algumas certezas: o produtor do novo disco de estúdio não será Steve, como aconteceu desde a aposentadoria do bom e velho Martin Birch, e sim um "grande nome", nas palavras de Bruce (ele não diz quem). Peso, elogia-se que haverá de sobra. "Não tem essa de o Iron Maiden virar pop". É esperar, torcer e ver no que dá.

Um suculento aperitivo

No que depender da disposição e da competência de Bruce Dickinson, o Iron Maiden tem tudo para chegar ao século 21, no final do ano que vem, como maior banda de heavy metal do mundo (*N. do E.: o Black Sabbath vai voltar a hibernar depois da atual turnê...*). Em seu penúltimo show como artista solo – quando ressaltou o amor dos brasileiros pelo metal e prometeu voltar com o Iron, em 2000 –, no Via Funchal, em São Paulo, dia 21 de abril, Bruce mostrou-se digno de toda a choradeira dos fãs do Iron. Na frente de mais de 7 mil pessoas e bem assessorado por músicos como o companheiro de armas Adrian Smith, na guitarra, ele arrebentou boas canções de sua carreira solo e pouco lembrou a banda que o revelou.

Já na primeira música, "King In Crimson", via-se no telão o olhar confiante de Bruce ao mesmo tempo que as tradicionais corridinhas pelo palco e os gestos ao longo das canções, que o fazem parecer bem maior do que seu modesto 1,70 metro. A segunda música já foi o sucesso "Chemical Wedding", que levou o povo a um coro que deve ter deixado os técnicos de gravação – os shows brasileiros vão virar disco ao vivo – dando pulinhos de felicidade. A garotada pula como pipoca e berra mais alto ainda ao ouvir os clássicos do Iron, "Powerslave", "Two Minutes To Midnight" e "Flight Of Icarus".

Beijo na lona

Com o circo completo, o Kiss faz 50 mil pessoas esquecerem o frio em São Paulo

Gene Simmons não se cansou de mostrar a língua, para delírio dos caras-pintadas

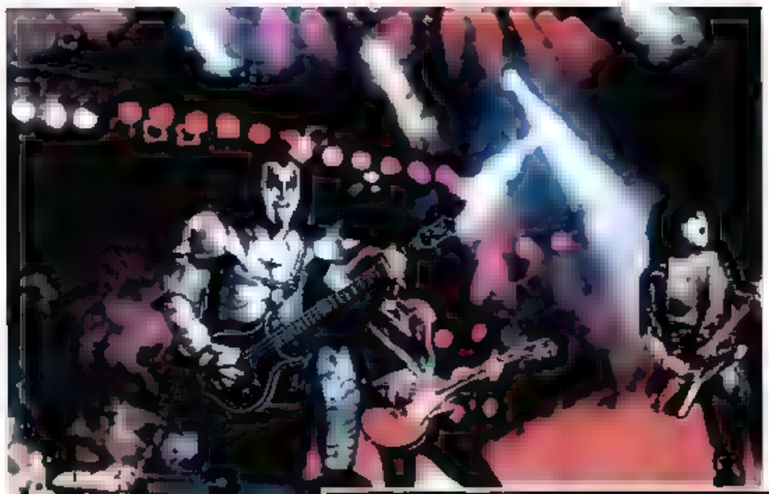
por Bernardo Araujo
Fotos: Alex Silveira

"Vocês queriam o melhor e conseguiram! A banda mais quente do mundo, Kiss!!!", disse uma voz antes dos primeiros acordes de "Psycho Circus". A espera tinha sido longa. Cinco anos, se for levada em consideração a sexta formação do grupo, sem máscara e com um repertório quase 100% diferente, que tocou em São Paulo em agosto de 1994. Dezesseis anos, para quem considerar somente o quarteto com máscara que estremeceu o Maracanã em 1983, nos últimos shows antes de mostrar as caras. Vinte e seis anos (idade da banda) para os mais radicais, que só levam em conta os sete primeiros anos, tempo que levou para que Peter Criss saísse, fosse demitido e começasse a sequência de mudanças.

Às 22h55 do dia 17 de abril de 1999, não havia conta que batesse. Lá estavam os quatro mascarados, Gene Simmons, Paul Stanley, Ace Frehley e Criss, na frente de 50 mil pessoas que se dispuseram a enfrentar os muitos quilômetros até o autódromo de Interlagos e os poucos graus de temperatura (menos de 10) da estrelada noite de outono.

Após a abertura com a faixa-título do álbum de 1998, vieram dois clássicos dos

Ace Frehley é a grande surpresa ao vivo. Canta bem e toca os mesmos solos que gravou em discos de vinte anos atrás. Só não brilha quando fica sozinho no palco



Até parece 1976, mas já se passaram 23 anos e as caras são as mesmas

Paul já completou 47 primaveras, mas o peito cabeludo esta em forma

Till bota fogo no palco durante o show

Labaredas germânicas

Gene Simmons, que nos anos 70 era a figura central do show do Kiss, ho[je] divide a cena igualmente com seus amigos. O homem-sanguessuga [...] Ao [...] a seção sua coleção de [...] dos infernos e segue agitando [...] de maneira menos brutamontes. Gene segura bem os vocais guturais (ele é uma espécie de bisavô de Max Cavalera nesse aspecto), cospe labaredas, puxa palmas, vomita sangue e, em seu momento maior [...] Antes de colar God Of Thunder [...] de abre os braços de mentirinha [...] e sobe até as alturas do palco. Lá encontra uma conveniente plataforma para subir e puxar o imitador riff da canção. A [...] vida [...] ao vivo. Gene [...] brincadeira que [...] de rock. Ele segura bem as linhas de baixo e improvisa [...]

SÉRGIO MENDES E KUBRICK

[...] anos 70. "Shout It Out Loud" e "Deuce" [...] o comando para que o público [...] os óculos 3D distribuídos [...] Funcionou, tanto que quem chegou atrasado acabou ficando sem na entrada do auditório. De olho no telão, o público via a língua de Gene quase no nariz, assim como a palheta da guitarra de Paul, as mãos de Ace e as baquetas de Peter. Desenhos [...] dos clipes [...] mostravam um tornado que [...] sangue em "Do You Love Me" [...] ra de Ace partindo para o espaço [...] deixaram a galera de queixo caído. Após algumas músicas, o palhaço do *Psycho Circus* pediu, do telão, que os óculos fossem removidos. E depois recolocados [...] depois retirados. Acabou ficando cansativa [...] cada música de *Psycho Circus* [...] "The Void", "Within" [...] Talvez funcionasse [...] se [...] bloco inicial fosse dedicado [...] em terceira dimensão – mesmo [...] visuais não faltaram.

[...] ao [...] [...] [...]

Cães de estrada

James Hetfield, cantor e guitarrista do Metallica, fala sobre os planos da banda após a passagem pelo Brasil

por Bernardo Araujo

Nada como umas boas férias. Ao falar com SHOWBIZZ de seu escritório em São Francisco, antes da vinda ao Brasil no começo de maio, James Hetfield soa calmo e bem-humorado. "Estamos [illegible] do três meses de folga, e isso só aconteceu poucas vezes em nossas vidas", conta ele, revelando que dedicou a maior parte de seu tempo ao filho de 1 ano. O plano de encurtar as turnês e lançar discos mais frequentemente segue de vento em popa. Este ano, além da America Latina, o quarteto aparece em festivais de verão na Europa e não muito mais do que isso. Em setembro começam a pensar no novo disco, que deve aparecer no primeiro semestre do ano que vem.

Vocês excursionaram por casas pequenas *(entre 2 e 5 mil pagantes)* dos Estados Unidos para lançar *Garage Inc.*, tocando apenas covers e com abertura da banda Battery, que tocava músicas do Metallica. A imprensa andou dizendo que vocês não estavam felizes com a estrutura da turnê...

Não acredite em tud[illegible] que você lê [illegible] turnê foi ótima, passamos por lugares em que havíamos tocado mais de dez anos antes, nos divertimos muito. Somos cães da estrada, uma banda meio das antigas, que acredita que a base do trabalho são os shows [illegible] na maioria desses lugares é horrível, mas o público está acostumado com isso e [illegible] pulando até se acabar. Em Chicago subimos no segundo andar do teatro para ver [illegible] Battery, e foi muito legal, como se estivéssemos vendo nós mesmos, tocando as nossas músicas.

Cliff se amarrava em música clássica

Vocês vão continuar com o show só de covers ao longo deste ano?

Não, isso foi só para lançar o *Garage Inc.* Vamos voltar ao repertório das turnês *Load* e *Reload* com músicas de todos os discos e mais covers, como "So What?" e "Last Caress".

[illegible]ars e Jason estão pegando le[illegible]urnês

O que você achou de *Garage Inc.* já ter vendido 4 milhões de discos nos EUA?

Não costumo prestar muita atenção [illegible] mas acho que isso [illegible] músicas [illegible] como "Turn The Page" e "Whiskey In The Jar" [illegible]

E a agenda para 1999?

Temos shows no Alasca e Havaí, que servirão de aquecimento para duas apresentações que faremos com a Orquestra Sinfônica de São Francisco, regida pelo maestro Michael Kamen, que já trabalhou conosco antes. Estamos bastante animados, seremos nós quatro mais 104 daquelas pessoas de smoking *(risos)*.

Cliff Burton *(baixista do Metallica falecido em 1986)* era o maior fã de música clássica entre vocês, não era?

Sim, e tenho certeza de que ele estará conosco em espírito. Apresentações com uma grande orquestra certamente seriam o maior sonho dele.

É sempre divertido estar na estrada?

Há doz anos percebemos que era isso o que queríamos fazer com as nossas vidas. Então tentamos fazer tudo funcionar, não nos deixar levar pelo tédio ou drogas. Nos dedicamos a outras atividades, pequenos hobbies, como caçar, pescar e mesmo passear e [illegible] Para os shows na Argentina [illegible] a mulher *que [illegible]*

Você gostaria de passar por mais uma longa turnê como a *Wherever I May Roam*, iniciada em 1991?

Acho que aquilo não precisa acontecer de novo. Foi um desafio para nós, mas não planejamos aquilo tudo. O disco (*Metallica*, o famoso *Album Negro*) ia vendendo e o nosso empresário marcava shows, dizendo: "Só mais dois meses aqui, um ali...". Feito coelho, você pendura a cenoura na frente dele e ele vai correndo atrás. Chegamos ao final da turnê, olhamos para trás e dissemos: "Meu Deus, foram quase 400 shows!

Como vão os planos de lançar um disco por ano?

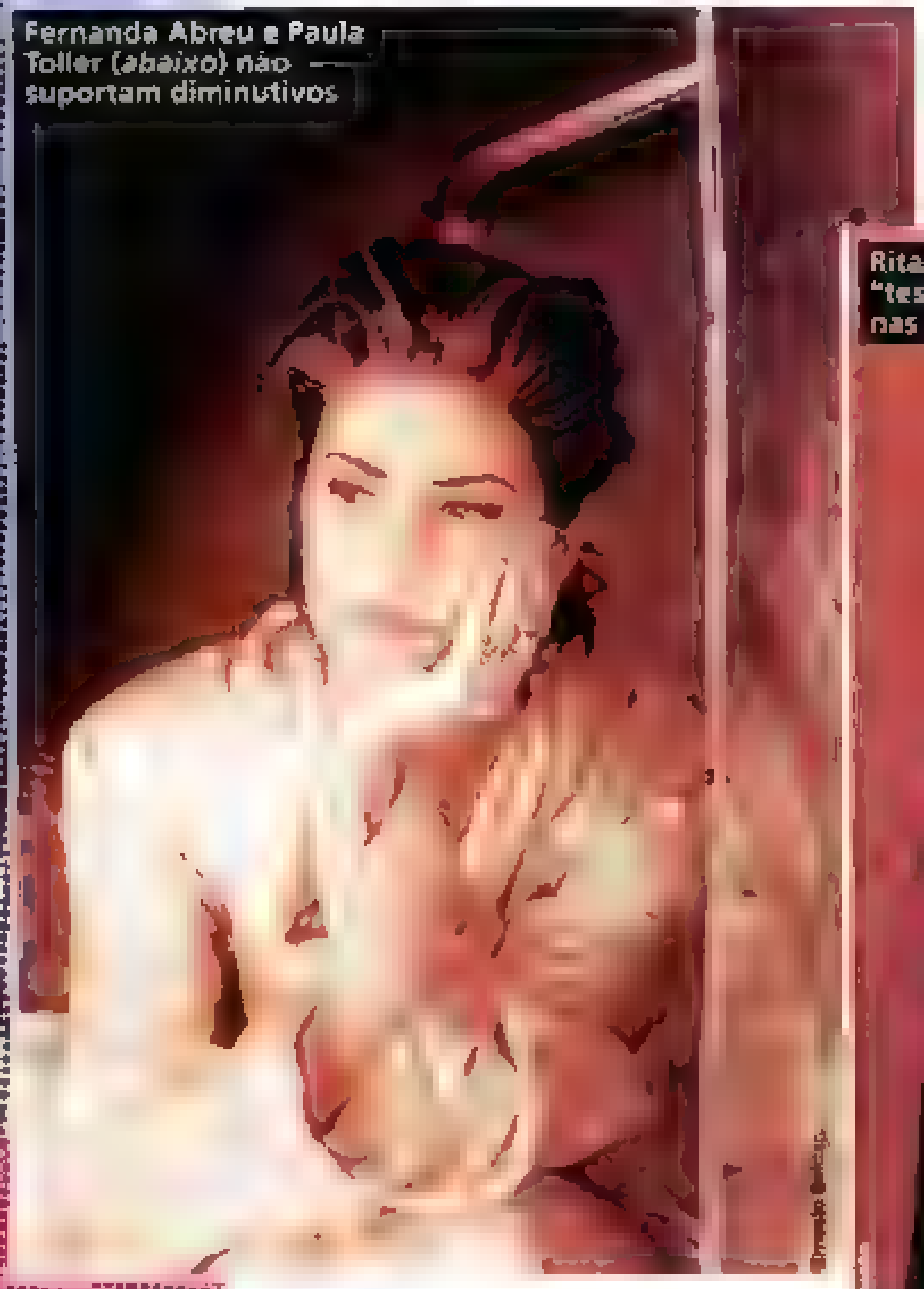
Essa é uma ótima ideia. Os ciclos estavam ficando longos demais, cinco anos entre discos... Agora vamos nos dedicar a gravar mais e a fazer pequenas turnês. Queremos soltar o disco novo no Natal, você sabe *(imitando voz de locutor de TV)*: "mamães comprando CDs do Metallica para os [illegible]

"Cliff adoraria participar de nossas apresentações com orquestra... ele estará aqui em espírito"

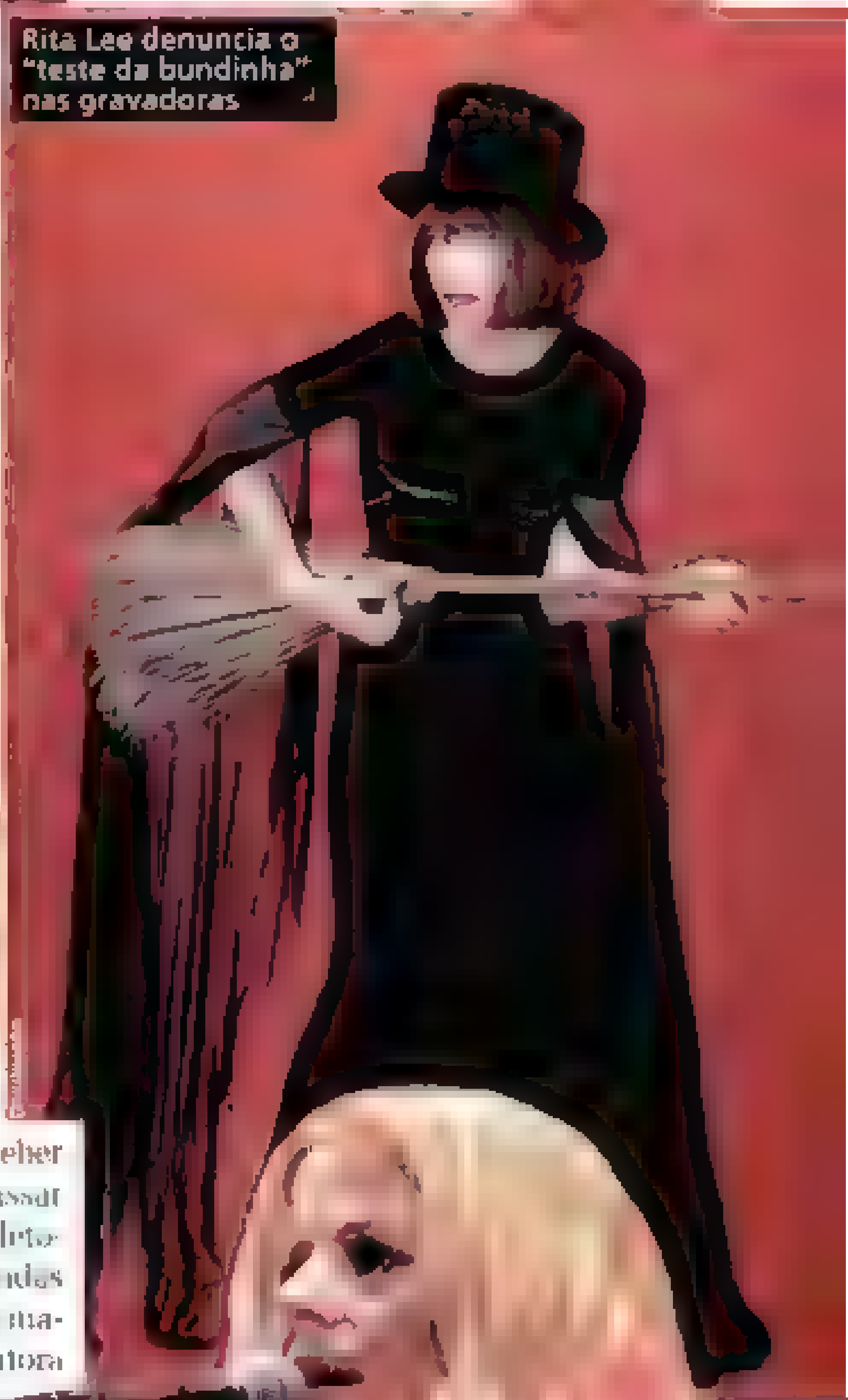
James e o Metallica vão tocar em festivais na Europa no meio do ano

Na mercado americano, elas dominam em todos os gêneros musicais. No Brasil, depois de Rita Lee, Fernanda Abreu e Paula Toller, pouquíssimas se firmaram no terreno pop...

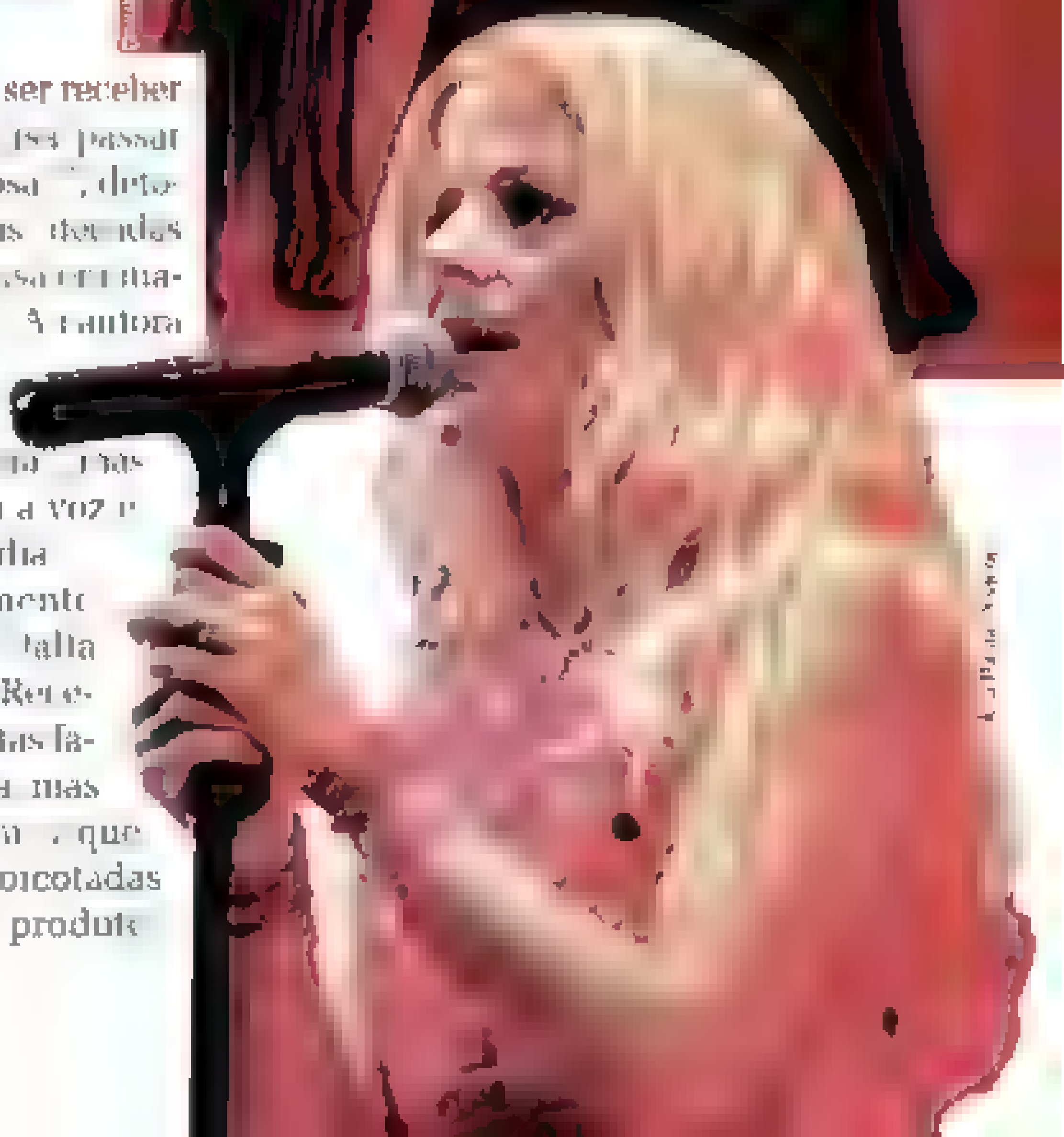
Por Claudia Assef e Fabiana Ferraz



Fernanda Abreu e Paula Toller (*abaixo*) não suportam diminutivos



Rita Lee denuncia o "teste da bundinha" nas gravadoras



Alanis Morissette, [illegible] Madonna, Cher, Sheryl Crow, Natalie Imbruglia, Jewel, Courtney Love, [illegible] Shania Twain... Nos Estados Unidos, as mulheres [illegible] indústria fonográfica em todos os gêneros musicais. Aqui no Brasil, porém, a coisa é bem diferente. [illegible] o [illegible] de divas MPB [illegible] baixíssimo índice de [illegible] espaço para [illegible] Rita Lee, Fernanda Abreu e Paula Toller são três grandes exceções [illegible] de massas são aquelas que [illegible] Perez [illegible] popularidade [illegible] depois [illegible] passou a falar [illegible] As gravadoras [illegible] dirigidas pelos [illegible] qualquer garota que quiser receber [illegible] investimento ainda precisa passar pelo teste da "bundinha gostosa", [illegible] Rita Lee. Além delas, [illegible] passadas renderam pouca coisa em matéria de mulher no pop-rock. A cantora Marina, depois [illegible] apare[illegible] sucessos como [illegible] "Uma Noite [illegible]" [illegible] problemas com a voz [illegible] aparições na mídia.

No rock brasileiro, [illegible] segmento [illegible] do mercado, a "falta de mulher" é [illegible] "Recebo muitas fitas [illegible] de garotas fazendo um trabalho [illegible], mas essas meninas que já sabem o que querem são simplesmente boicotadas e deixadas nas gavetas dos produtores", [illegible]

De roqueira a "do lar"

Enquanto Elvis Presley chocava meio mundo chacoalhando a pélvis, o Brasil conhecia a sua primeira "roqueira". Um tanto pudica, mas pudera. O ano era 1958 e rock'n'roll era coisa do demo. Nada mais justo do que colocar uma mocinha de 15 anos para cantar uma versão do hit internacional "Stupid Cupid", que virou "Estupido Cupido" na voz de Célia Campello Gomes Chacon, a Cely Campello.

Hoje aos 56 anos, Cely é "do lar", profissão que conquistou tão logo abandonou a carreira artística, em 1962, ao casar-se com o primeiro namorado. "Nunca fui ousada. Era tímida, certinha. A primeira vez que usei calça comprida, choquei a sociedade. Mulher só usava calça comprida em piquenique", lembra.

O sucesso arrebatador de "Estupido Cupido" – que foi tema de novela da Globo anos mais tarde – levou a cantora a estrear no Brasil uma prática muito conhecida hoje em dia: o merchandising. "Tinha boneca com meu nome, cinto, chocolate. Achava o máximo, mas nunca ganhei dinheiro com isso." Hoje Cely prefere ouvir Julio Iglesias, música sertaneja e Celine Dion. "Nem sei mais o que é rock... Paralamas Do Sucesso é rock?"

Cely Campello em 1959, época de "Estúpido Cupido"

"Não acredito que eu me destacaria numa carreira solo ou em outro segmento de música como o axé, por exemplo, onde há tantas cantoras no auge da forma física. Coitadinha de mim..."

Fernanda Takai

Beleza, ao contrário do que se espera, pode atrasar o sucesso de uma artista. Se [illegible] Tipo: [illegible] Voz [illegible] [illegible] [illegible]

Simone, do Autoramas: "Perde-se tempo reclamando do sexismo"

Marina e Vanessa, dos Maybees: gerações diferentes

"Duvido que os Raimundos tratem suas mulheres da maneira que falam nas letras"

Fernanda Abreu

mas um horror na 'Tx4' (*Raimundos* ou ainda 'essa cr ouve tá que qu rendo entrar na minha/ a minha [...] Ostheobaldo!* é tudo mais difícil. Como se pode esperar que a molecada que ouve isso nas rádios respeite uma banda femi [...] se as mulheres são escrachadas por seus próprios ídolos?", indigna-se

Alê, do Pin Ups, cita várias roque [...] que estão ou já estiveram em evidência nos Estados Unidos e na Inglaterra. Babes In Toyland, Luscious Jackson, PJ Harvey, Cardigans, 7 Year Bitch, Sonic Youth, Garbage, Joan Jett & The Blackhearts, Shonen Knife, entre muitas outras", lista. "No Brasil, a maior parte das bandas de meninas que fazem rock é desconhecida e não tem nem contrato com gravadora", diz.

Entre essas, Alê destaca Biggs Toxoplasmose, Lava, Dogschool, Kolica, Pancake e Dominatrix. Grande parte dessas bandas segue a escola punk e desbocada de grupos americanos como o L7, Babes in Toyland e Bikini Kill, adeptos do movimento *riot grrrls* (lê-se "raiot gârls"). Criado no início dos anos 90, o termo *riot grrrls* (algo como garotas rebeladas com uma grafia diferente que imita um rugido) foi tirado do nome de um fanzine feminista.

A vocalista e baixista Mariana Lúcia, de 19 anos, da banda carioca Toxoplasmose, diz que admira as *riot grrrls* "lá de fora", mas admite que o Brasil ainda está longe de comportar um movimento como o delas. Radicais, as meninas do Dominatrix se recusaram a falar com SHOWBIZZ, alegando que "dar entrevista à 'grande imprensa' não está entre os valores em que acreditam".

Ainda sem gravadora, a baixista Simone do Vale, de 30 anos, do trio carioca Autoramas, ex-integrante do grupo punk Dash, não concorda com os preceitos do movimento *riot grrrls*. "Elas não tocam p*** nenhuma e tiram uma onda que são roqueiras. Isso é o maior mico", diz. "Essas meninas perdem tempo batendo o pau no sexismo do brasileiro e se preocupando com o visual e acabam se esquecendo de evoluir como instrumentistas e compositoras", critica.

Assim como ela, Fernanda Abreu e Paula Toller não recriminam as letras de Raimundos e companhia. "O machismo combina com a adolescência masculina, além de ser divertido e barulhento. Não se deve levar a sério como exemplo de comportamento", desencana Paula. "Considero as letras dos Raimundos infantilmente machistas, mas eles levam tudo para o lado do humor, é claro que não pensam daquela forma. Duvido que tratem as mulheres de acordo com o que cantam em suas músicas!", acrescenta Fernanda.

Rita Lee tem uma teoria excelente sobre o assunto: "O homem brasileiro, assim como alguns outros latinos, possui um talento natural para a cafajestice. Desde os tempos das vedetes existe quase uma obrigação de se glorificar os dotes gostosos e burros das mulheres... E que, naquela época, o palavreado era mais 'família'. Hoje o escracho é muito mais explícito".

Com CD lançado pela Polythene Pam, o grupo Maybees, que tem integrantes de São Paulo e Brasília, faz algum sucesso no circuito underground das duas capitais – seu site na Internet (www.maybees.com) chega a ser visitado 150 vezes em um dia. "Normalmente, quando chego ajudando a carregar os instrumentos, o pessoal da casa me trata como se eu fosse a namorada de algum dos meninos. Quando subo no palco pra passar a voz, percebo que alguns ficam meio sem jeito", conta a vocalista Vanessa Krongold, de 22 anos.

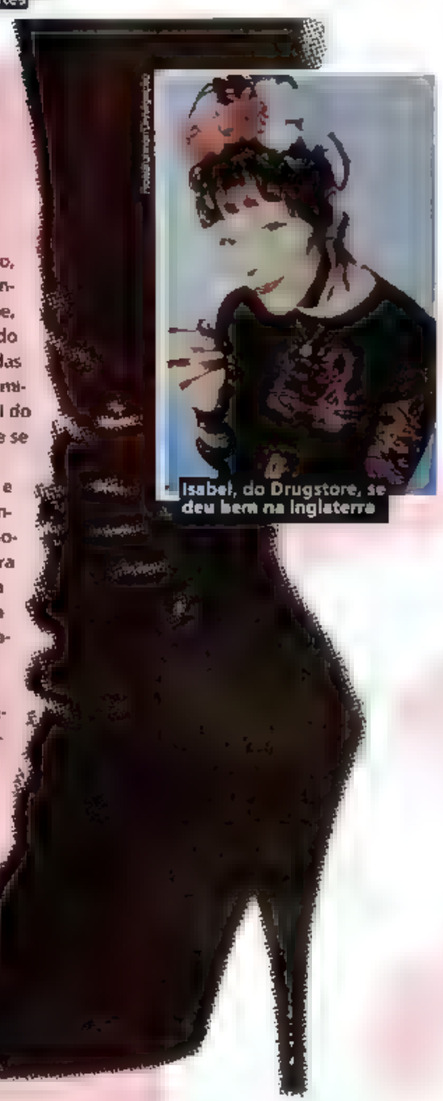
"Os meninos que tocavam comigo quando eu tinha 16 anos não queriam que eu aparecesse muito, então, só me deixavam tocar guitarra", conta a gaúcha Luciana Pestano. Apesar disso, com 25 anos e um álbum lançado, ela não quer saber de choradeira por machismo. "Não falta só mulher no rock. Falta rock em geral no país".

Paula Toller vai pelo mesmo caminho. "Não vejo discriminação no gênero, nem mesmo na parte financeira. Ganha-se proporcionalmente ao sucesso e à habilidade para fazer negócio. Agora, existem menos mulheres porque a maioria prefere ser só intérprete. É mais gratificante". A forma como ela define sua trajetória pode servir de conselho para quem está começando: "Tudo o que consegui foi por querer fazer do meu jeito e não do jeito 'que está dando certo'. Cheguei até aqui sendo do contra, insistindo e muito paciente. Água mole em pedra dura, sabe?"

Sucesso na terra das Spice Girls

Quando a paulistana Isabel Monteiro, hoje com 33 anos, se mandou para a Inglaterra, em 1988, ela nem sonhava que, dez anos mais tarde, estaria à frente do Drugstore, uma das bandas mais cultuadas do underground inglês. "Sou de uma família tradicional de São Paulo. Quando saí do Brasil, ninguém botava fé em mim. Que se f*!", arregaça Isabel.**

Ela viajou com 400 dólares no bolso e sem passagem de volta. Depois de levantar uma grana em subempregos, foi morar com um baterista americano. "O cara tinha uma guitarra e comecei a tocá-la sem maiores ambições", lembra. Isabel e o tal americano, Mike Chylinnski, juntaram 2 mil dólares e investiram na gravação de um compacto. Foram prensadas 500 cópias e uma delas enviada ao semanário musical *Melody Maker*, que elegeu a canção "...single da semana! "Foi como um conto de fadas. Nunca tive nenhuma intenção de viver de música, mas rolou", explica Isabel, que se queixa de total domínio masculino no mundo musical. "Pelo menos no Drugstore, quem manda sou eu", detona ela.



Isabel, do Drugstore, se deu bem na Inglaterra

Com a cara e a... coragem

No mercado fonográfico, cada uma vende com o que tem

2,2 milhões

Carlos Pereira
E.C. Tchan Do Brasil 1997
(E.C. Tchan)

1,5 milhão*

Meio Do Pinpin 1980

400 mil

Acústico MTV 1994

400 mil

Meu Mundo Gira Em Torno Do Você 1994

250 mil

130 mil

1997

* compactos

BIG BROTHER

FMs xaropes, raves, festas roqueiras, boates mauricinhas. Fatboy Slim e "The Rockafeller Skank" estão em toda parte

Norman Cook é um cara legal que leva uma vida bem bacana. De passagem por Miami para uma convenção de dance music em que Fatboy Slim (seu alter ego, atualmente estourado com o single "Praise Ye") era a grande atração, ele concordou em dar esta entrevista, item número três de sua lista de coisas que não gosta de fazer. A primeira é ser filmado e a segunda é tirar fotos. "Não me considero um cara atraente e ficar encolhendo a bochecha para ficar bonito não funciona", comenta ele, com pesado sotaque inglês, fazendo caras e bocas.

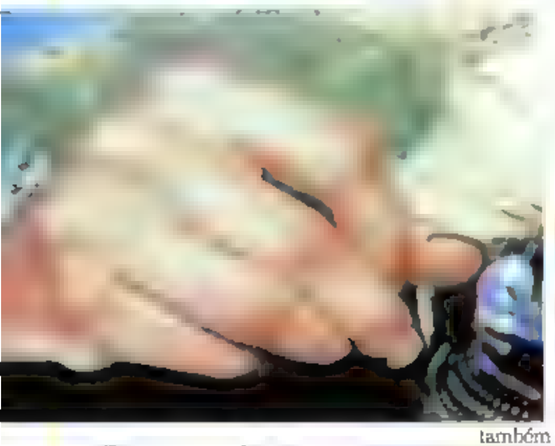
O DJ inglês que levou o big beat (tendência eletrônica baseada em "batidões" do hip-hop e da house music dos anos 80 com colagens de sons de guitarra e baixo) para o topo das paradas do planeta recebe sete faixas por semana para remixar mas é seletivo. "No ano passado, de 140 faixas fiz só três. O resto tive de dizer não." Uma dessas respostas negativas foi para "Ray Of Light", de Madonna. "Não digo não porque não gosto do artista ou coisa assim. É falta de tempo mesmo", tenta explicar.

Num sábado ensolarado da Flórida, Norman passa a tarde com amigos DJs numa casa bacana. Ao som de big beat, claro, e sob os efeitos do álcool. "Gosto muito de beber", assume. Seu estilo de vida é este: noitadas, bebidas, muita música e, claro, ecstasy, a "droga do amor", como ele mesmo se refere.

No ano passado, depois de quatro noites tocando em clubes e viajando, Norman não aguentou e apagou no final de uma festa. "De certa forma foi bom porque o pessoal da gravadora viu que eu estava trabalhando muito e precisava de um descanso. ▶

BIG BROTHER

Hoje faço um ou dois shows e paro uma semana para descansar." Há quatorze anos, Norman vem trabalhando com música eletrônica, ou melhor, big beat, como ele faz questão de corrigir. Antes, participou de bandas, entre elas a housemartins e The Beats International. Solo, ele já foi Pizzaman, The Mighty Dub Kats e Freakpower. Mas foi como Fatboy Slim ou *funk soul brother*, como anuncia o vocal de "The Rockafeller Skank", que ele se tornou famoso no mundo todo.



Com o sucesso, Norman comprou uma casa lindona em Brighton, Inglaterra, e se prepara para casar com a apresentadora de programa infantil Zoë Ball. Ele usa roupas horríveis e faz música de m***, mas é um animal na cama" define a moça, em recente entrevista à revista Sky. Maldade com o *funk soul brother*.

SHOWBIZZ: Durante um festival de rock na Austrália, você começou tocando Rolling Stones. Foi medo da reação?
Norman Cook: Na verdade eu toquei "Satisfaction Skunk" [risos] e o que misturo "Rockafeller Skank" com "Satisfaction", dos Stones. Ajo assim quando toco para um público de festival, 10 mil pessoas. É só pra garantir o meu lado e já começar no embalo. Não queria que a galera fosse para o outro palco ver o Hole.

Você esperava tanto sucesso de "The Rockafeller Skank"?
Quando termino uma música, quase sempre estou de saco cheio dela. Com essa música foi a única vez que isso não aconteceu. Eu olhei para o engenheiro de som e ele falou: "Vai ser um hit".

Quanto tempo você levou para terminá-la?
Eu funciono assim: trabalho um mês e deixo descansar uma ou duas semanas. No total levou dois meses, mas se você contar os dias de trabalho, foram apenas cinco. Eu começo selecionando as músicas, faço um cassete e ouço no carro até decidir o que vou usar.

Qual é o tamanho da sua coleção de vinil?
O.k. mil discos. Tive de comprar uma casa maior, né? E tipo uma parede inteira com vinis.

Onde você compra discos?
As feiras de discos de Londres são os melhores locais. Isso porque você encontra aquelas coisas obscuras que ninguém sabe de onde veio. Além do mais, coisas assim são muito baratas para samplear. Nova York também tem uns lugares legais.

Tem música brasileira na sua coleção? Você gosta de música brasileira?
Claro que tem. Só não consigo associar os nomes ao lugar. Eu gosto muito de samba do batucum. Um nome que me vem à cabeça é Gilberto Gil.

Escutando "Everybody Has A 303", dá até pra sambar...
Você já ouviu "Everybody Has Carnaval"? Essa é uma versão em ritmo de samba de "Everybody Has A 303". Vou tocar hoje.

Quando você vai ao Brasil?
Você acredita que o único continente onde eu não estive foi a América do Sul? O problema é que os agentes ingleses não confiam nos promotores brasileiros. Já rolaram algumas oportunidades, mas na última hora o promotor sumiu. Ano passado eu estava pra ir, mas depois que eu tive estafa no Canadá, cancelei algumas datas e uma delas era no Brasil. Eu ia tocar com um grupo de percussão, ia ser bem legal.

Quer dizer que o Brasil te interessa?
Com certeza. Assim que eu fui morar em Brighton, meus vizinhos eram brasileiros e eu vivia sendo influenciado pelo som que saía da casa deles. Essa era uma vibração que eu usei em outros trabalhos como Freakpower, por exemplo. Quando comecei a fazer o Fatboy Slim, me pediram pra deixar a onda latina de lado.

Qual foi o seu maior público?
Dezesseis mil pessoas, na Espanha.

Você já tentou intencionalmente fazer um hit?
Não. Quando você termina uma música, começa a ouvi-la o tempo todo, o que significa que em dois dias você ouviu o mesmo beat 600 vezes e acaba odiando tudo.

Com "Rockafeller Skank" foi a única vez em que isso não aconteceu comigo.

Essa música virou tema de um videogame de futebol.
Não ligo para videogame. Nem sei dessa história direito.

E de futebol, você gosta?
Gosto. Ainda mais agora: depois que descobrimos o ecstasy, acabou a violência entre os torcedores na Inglaterra. Somos uma família novamente.

Freakpower, Fatboy Slim, esses nomes significam alguma coisa?
Na verdade eles representam o que eu estou fazendo no momento. Quando quero fazer um som diferente, mudo o nome. Agora estou querendo voltar a fazer alguma coisa como The Mighty Dub Kats.

Você se preocupa com o que fala, por exemplo, sobre drogas? Isso não poderia influenciar adolescentes?
Nunca me senti responsável. Não acredito nessa de exemplo. Mas agora acho que eu me preocupo um pouco, por causa da minha namorada *[Zoë Ball]*, que trabalha com crianças. Não quero causar nenhum problema pra ela. Quanto a mensagens, só digo o seguinte: não vá pra cama com uma mulher cujos peitos são maiores do que a sua cabeça.

Que efeitos essa fama toda teve sobre o seu ego?
Eu sou acusado de egocêntrico, mas sou bem pé no chão. A única vez em que comecei a acreditar que eu era o melhor foi logo após o Beats International – e isso custou a minha separação e alguns amigos. Minha mulher na época me deixou fazendo que eu não tinha tempo pra mais nada, só pro meu ego. Foi assim que eu aprendi. Hoje os meus amigos voltaram a ligar comigo.

E a sua família?
Eles são os piores. Só querem saber de autógrafos para os amigos. Antes eles não davam a mínima pra "essa coisa dance".

Você tem fama de não gostar da imprensa, certo?
Tem coisas que eu só faço porque a gravadora exige. Não gosto é de ficar no camarim. Por isso não apareço mais em making of's de vídeos, já percebeu? Fotos, eu odeio. Não sou bonito. Entrevista, depende. Um papo assim é legal, mas coisas do tipo "por que você escolheu o nome Fatboy Slim?" me dão nos nervos.

Você curte rock?
Eu sou *clubber*. A cena de rock não tem nada a ver comigo. Quando excursionei com o Hole no Lollapalooza, as meninas sempre puxavam para assistir ao meu show e se amarravam. Daí elas me chamaram para assistir a sua banda no meu dia de folga. Eu estava no canto do palco numa plataforma quando o Courtney se aproximou e disse: "Você está atrapalhando a visão periférica do Courtney, por favor retire-se". Eu não entendi nada. Depois, na hora de ir para o *backstage*, eu não fui com medo de que a Courtney estivesse p*** comigo. Quando ouviram a história, elas fizeram questão de me procurar no hotel. A Melissa *(Auf Der Mar, baixista)* falou que queria tocar comigo.

O que você gosta de ouvir quando está de folga?
O oposto do meu trabalho. Gosto de Radiohead, Beatles e Kinks. Rola até Simon And Garfunkel.

O que não pode faltar a um bom DJ?
Integridade, ritmo e alcoolismo. O bar e fazer com o público também ajuda.

Fatboy Slim segundo Norman Cook

DJ favorito: "Carl Cox"
Segundo DJ favorito: "John Carter"
Melhor clube: "Qualquer um em Tóquio, Zouk em Cingapura e Big Boutique, em Brighton"
Pior clube: "Qualquer um na Alemanha ou na França."
Festa perfeita: "Tem que ter mulher e vodca. Uma festa pode ser superlegal com apenas oito pessoas numa sala. Ontem nós tivemos dez pessoas numa jacuzzi e foi ótimo".
Carnaval: "Pode ser assustador para mim, já que eu sou um rapaz de cidade pequena".
Big Beat: "Não é o futuro da música, é o passado. É uma volta aos anos 60 e à house music. É retrô".
A música de Fatboy Slim: "Repetitiva".

Soltinho no Baile

por Pedro Só

À vontade como nunca, em seu novo CD, *Crooner*, se diverte interpretando boleros, Michael Jackson, Lulu Santos, Skank e uma debochada rumba

Milton em sua nova imagem: elegância e descontração

Bruno Veiga/Divulgação

Damon Albarn anda saltitante como uma criança

Divulgação/Food

só love, só love

Os tempos de abuso de álcool, turnês alucinadas e quebra-paus com o Oasis acabaram para o Blur; o grupo promete fazer, daqui pra frente, só canções de amor

Nos Estados Unidos a banda inglesa Blur – uma das mais bem-sucedidas da década, ao lado do Oasis – é conhecida como "os caras do u-hu", tudo por causa da música "Song 2" em que uma base distorcida fica atrás da letra que diz exatamente isso). A canção foi tão bem-sucedida que a banda nem quis vendê-la para o comercial do avião bombardeiro americano Stealth, aquele que é invisível a radares. O dinheiro não interessava mais a Damon Albarn (voz e teclados), Graham Coxon (guitarra), Alex James (baixo) e Dave Rowntree (bateria). Quase três anos depois do "u-hu", o quarteto lança o disco *13* e promete sossegar.

"O disco é basicamente a história da separação de Damon", conta Coxon. Ao contrário da fúria anterior – embora pleno de sons esquisitos, cortesia do produtor William Orbit –, *13* é mais melódico e introspectivo. Isso não significa, para os rapazes, que as vendas possam cair. "Sempre dizem que nossos discos não são muito comerciais. Disseram isso sobre o último disco, e foi o nosso maior hit de vendas (*risos*)", diz Alex James. Ele lembra que, na época das gravações, o álbum anterior "soava realmente bizarro", uma mudança de direção em nosso modo de tocar, mas hoje em dia sua leitura mudou. Normal e corriqueiro". Como sempre, os quatro concordam que este é o melhor disco do Blur até agora. A banda não pretende sair em turnê desta vez. "Temos feito isso pelos últimos dez anos e estamos ficando velhos. Se sairmos em turnê agora, provavelmente um de nós vai acabar morto (*risos*)", diz o baixista. Mas é possível que a tristeza de Damon com a separação não tenha ainda acabado mesmo após a gravação de um disco inteiro sobre o assunto. Você está bem, Damon? "Sim. Sim, sim, sim, sim. Estou tocando a vida, totalmente", diz ele.

Mas você não pode viver com alguém ter uma carreira tão interativa sem que isso [illegible] a história te segue aonde você for", diz o sofredor. Antes de começar a gravar, a banda não tinha nenhuma composição pronta ou mesmo idéias, e as [illegible] do cantor resolveram o problema. "A [illegible] que as coisas crescem muito dentro do estúdio", diz Alex. "Este trabalho é tipo um diário emocional da separação de Damon (*N. do e.: da cantora Justine Frischmann, do Elastica*). Ele nunca tinha cantado sobre como se sente e por isso foi um grande passo para ele e para a banda", completa o baixista, em um tom que não se consegue concluir se ele está respeitando ou ironizando a dor do colega.

É a primeira vez que passo por uma separação séria", revela Damon, que tenta tirar uma lição positiva da história. "Hoje eu sinto a música de maneira muito mais completa", filosofa ele. De fato, não há como ouvir a maioria das canções de *13* sem compartilhar da sensação de perda do rapaz.

Mudando de assunto, a banda concorda que o britpop morreu muito quando os revelou para a Inglaterra (e, assim, para o Oasis e outras bandas) para o mundo, morreu. "Completamente. Quando fizemos *Modern Life Is Rubbish*, não fui de início alguma celebração de sermos ingleses", diz Damon. "Foi uma visão muito única e crítica sobre a cultura britânica naquela época. A cena inglesa ficou tão odiosa que no álbum seguinte nós tentamos nos remover totalmente desse cenário." Alex chega a dizer que, na verdade, a banda nunca se viu como parte do britpop. "Fazemos a nossa própria música, não temos causa comum com nenhuma outra banda", acha ele. A tal rivalidade com o Oasis, hoje, é parte do passado para o Blur. "Não acho que Noel Gallagher e nós vamos em nenhum momento ser grandes amigos, mas ele tem sido mais legal ultimamente. Eles são legais garotos, na verdade", diz Alex, orgulhoso pelas piadinhas da banda.

"Talvez a separação de Justine tenha servido exatamente para isso. Consegui encontrar minha verdadeira música"

Damon Albarn

...para você viajar no Trip Hop

Um som para os anos 90: climas dramáticos e soturnos, batidas eletrônicas em ritmo cadenciado e um leve desespero

Mudam os vocalistas, rappers entram e saem, mas a essência continua a mesma: aquela batidona forte, legítima herdeira do dub jamaicano e do rap, que faz o ouvinte "viajar" na canção. E mais os toques ocasionais de jazz e soul music, adicionados ao gosto do artista. Assim se faz o mundo do trip hop.

O termo "*trip*" (viagem) é traduzido ao pé da letra, as canções do gênero são boladas para ser consumidas em ambientes enfumaçados. O "hop" é o atestado de descendência do gênero americano – que pode ser percebido na profusão de scratches e samples do Portishead, nos pancadões de bateria eletrônica do Massive Attack e na técnica de cortes e adições do DJ Shadow.

Beth Gibbons, cantora do Portishead: desespero cool

O trip hop surgiu no começo dos anos 90. O pioneiro produtor James Lavelle, então crítico, escrevia textos condenando o acid jazz como modismo, pregando um som com maior "densidade" e incentivando os DJs de hip-hop a enviarem demos. Os melhores trabalhos viraram os primeiros singles do Mo' Wax, selo fundado pelo proprio Lavelle. O sucesso dos artistas que Lavelle apadrinhou abriu as portas para outros selos, como Cup Of Tea, Ninja Tune e Wall Of Sound.

Massive Attack e Portishead foram os responsáveis pelo estouro do gênero. O primeiro ficou conhecido a partir de *Blue Lines*, disco que virou até trilha de filme de Sharon Stone – uma das cenas mais picantes de *Invasão de Privacidade*, de 1993, tem o sucesso "Unfinished Sympathy" como trilha sonora. Hoje o trip hop já foi revisitado por Madonna e Bjork e recentemente ganhou sotaque e batucada brasileiras. Esta é uma seleção dos discos essenciais para você compreender a evolução desse gênero contemporâneo por excelência.

GUS GUS
Polydistortion (1997)
WEA

Com nove integrantes em sua formação, o Gus Gus é uma das mais interessantes coisas surgidas na Islândia depois dos trinados de Björk. Criado pelos cineastas amadores Stefán Arni e Siggu Kjartansson, o grupo experimenta com música eletrônica e atinge resultados ocasionalmente bizarros, mas sempre criativos. Em *Polydistortion*, a diversidade das formações musicais dos músicos do Gus Gus se reflete nas batidas utilizadas. O resultado é intrigante e altamente hipnótico.

MASSIVE ATTACK
Blue Lines (1992)
Virgin

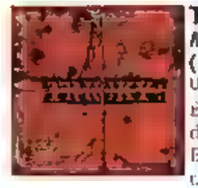
Este disco é considerado o marco zero do trip hop. Criado por Daddy G, Mushroom e 3-D, ex-integrantes do Wild Bunch (de onde saiu Nellee Hooper, uma das cabeças do Soul II Soul), em Bristol, Inglaterra, *Blue Lines* traz os elementos básicos do gênero. Batidas arrastadas de hip-hop, efeitos hipnóticos de dub (espécie de reggae psicodélico) e experimentos com soul music ganham o auxílio luxuoso da cantora Shara Nelson, do veterano cantor de reggae Horace Andy e do então iniciante rapper Tricky. Canções como "Unfinished Sympathy" e "Daydreaming" são clássicos absolutos dos anos 90.

PORTISHEAD
Dummy (1994)
Universal

A dramaticidade explícita da voz de Beth Gibbons é o grande trunfo deste grupo que também vem de Bristol. É ela quem paira sobre os climas sombrios do DJ Geoff Barrows, um ex-colaborador do Massive Attack e de Neneh Cherry (que investiria mais tarde no trip hop em seu hit "7 Seconds"). *Dummy*, disco que marcou a estréia da dupla, recupera o mestre da soul music Isaac Hayes (com um sample de "Ike's Rap", presente em "Glory Box" e em "Diário De Um Detento" dos Racionais MCs), inventa a fossa nova ("Sour Times", com o refrão à Antonio Maria, *nobody loooves me*) e ainda traz a pérola "Numb".

DJ SHADOW
Endtroducing... (1996)
Mo' Wax

A capa deste disco é a pista para entender o seu processo de composição: pessoas garimpando álbuns numa loja de discos. O trabalho do californiano Josh Davis, o DJ Shadow, também parte daí: ele escolhe trechos de suas músicas favoritas – tem predileção por discos de jazz e ruídos de LPs –, depois cola uns aos outros com batidas de hip hop. Foi assim que criou este álbum, um dos marcos do trip hop instrumental, que às vezes soa como trilha de um filme e, em outras, lembra viagens lisérgicas tipicamente fim de milênio.



TRICKY
Maxinquaye (1995)
Universal

Espécie de zé-pirulito das quebradas de Bristol, o rapper Tricky foi um dos mentores do sucesso de *Blue Lines*, do Massive Attack. Apesar de desestimulado pelos ex-companheiros, partiu para a carreira solo e estreou com *Maxinquaye*. Composto com [illegible] na mesa Martina, o disco [illegible] é cheia de grooves pesados e letras sobre paranóia e depressão. Tricky compõe canções perturbadoras, como "Ponderosa" e "Suffocated Love", e recicla "Black Steel In The Hour Of Chaos", do Public Enemy.

MORCHEEBA
Big Calm (1998)
WEA

Com passagens pela banda de David Byrne (ex-Talking Heads) no currículo, os irmãos Paul e Ross Godfrey (DJ e teclados, respectivamente) encontraram na vocalista Sky Edwards a pessoa certa para suas viagens musicais. Depois da boa estréia com *Who Can You Trust*, de 1996, o trio vai além das bandas do trip hop com *Big Calm*. Como o próprio título indica, trata-se de um trabalho para ser servido em ambientes propícios ao relaxamento. É colocar no CD player e viajar [illegible] climas das faixas, que misturam em [illegible] generosas jazz, lounge e até trechos [illegible] algumas trilhas sonoras. No mínimo, um [illegible] interessante.

NIGHTMARES ON WAX
Smoker's Delight (1995)
Mo' Wax

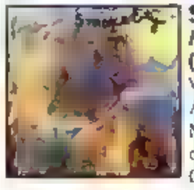
Projeto dos produtores George Evelyn e Kevin Harper, o Nightmares On Wax tem uma sonoridade próxima do dub, fortemente ligado ao reggae. Um bom exemplo dessa ponte aérea Londres-Jamaica está em *Smoker's Delight*, apanhado de pancadões trip hop (título que nenhum dos dois topa muito) embebidos em clima canábico. Chaparral absoluto. Lá desfeita, a dupla seguiu carreira prestando bons serviços: Evelyn remixou o Sabres Of Paradise e lança singles pela gravadora Mo' Wax; Harper, por sua vez, desenvolve uma surpreendente carreira de D

U.N.K.L.E.
Psyence Fiction (1998)
Mo' Wax

Proprietário do selo Mo' Wax (dos mais respeitados na cena dance inglesa), James Lavelle junta forças com o DJ Shadow em um projeto repleto de convidados especiais. Mike D (Beastie Boys), Richard Ashcroft (Verve) e Jason Newsted (sim, do Metallica!), entre outros, colocam vozes e instrumentos a serviço de uma mistura entre trip hop e rock. Pululam belezas como "Chaos", com belo piano a cargo de Mark Hollis (ex-Talk Talk) – e a voz torturada de Thom Yorke, do Radiohead, em "Rabbit On Your Headlights". "Guns Blazing" é das melhores faixas de abertura de todos os tempos, digna da lista do personagem do romance *Alta Fidelidade*, de Nick Hornby.

VÁRIOS
Abstract Vibes (1997)
Quango

Coletânea que traz nomes significativos do gênero que não entraram com álbuns próprios nesta seleção. Traz faixas do duo inglês Fila Brazilia, que tem uma abordagem mais pop ("Extract Of Pineal Gland"), do consagrado Tricky ("Feed Me") e do DJ Cam ("Dou Reconhecimento Les Siens"). A maior atração da coletânea, porém, repousa atrás das mesas de som: entre os produtores está Richard Dorfmeister (da dupla com Kruder), responsável pelos melhores remixes do trip hop. Visão mais que interessante do gênero.



SMOKE CITY
Flying Away (1997)
Virgin

A vocalista Nina Miranda? "Ela é carioca, ela é carioca". Ouça o jeitinho dela pronunciar 'bouca' e 'louca' no single "Underwater Love". Formado em 1994 por Nina e pelo DJ Mark Brown, o Smoke City tem um leque de influências que vão de Santana e Gilberto Gil a hip-hop e grupos percussivos. O maior charme de *Flying Away*, que a banda lançou há dois anos, está nas frases em português e no som de cuica colocados entre uma e outra batida trip hop. Os destaques, além de "Underwater Love", são uma versão ousada de "Águas De Março" e o embolada verbal de Nina em "Numbers".

por Sergio Martins

Mande suas fitas-demos e CDs para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Guitarradas no mangue

Supersoniques: rock é rock mesmo

Os Supersoniques chegaram nadando de costas no mar do Recife e desviaram dos clichês do manguebit. A projeção de Chico Science e Nação Zumbi livre só a no começo dos anos 90 realmente injetou vigor na cena musical da cidade, mas houve uma inflação de bandas cuja proposta baseava-se na fusão de elementos regionais com a linguagem pop rock. Correr por fora deste esquema proporciona algumas glórias [illegible] de um grupo como o Supersoniques, que é rock mesmo, na praia de Mutantes e do princípio do Pink Floyd. O baixista Zé Guilherme alfineta: "Se fôssemos nos importar com o que as pessoas pensam, colocaríamos um percussionista na banda. Eu também toco no Maracatu Leão de Ouro, mas o Supersoniques é outra coisa".

Poucas pessoas viram o avião Concorde em forma de banda aterrissar no palco do Rec Beat deste ano, durante o Carnaval. A banda fez uma belíssima apresentação, com ensurdecedoras microfonias que justificam seu nome. Em uma das sessões de supersonice [illegible] lado, o guitarrista levantou sua guitarra como um troféu [illegible] [illegible] que realmente soou como um corpo estranho no festival, mostrando que muitas bandas já tentam se tocar [illegible] que existe vida além dos tambores. O grupo ainda não estreou em CD, mas tem o álbum *Dagobah Sessions* em fita cassete, com dezesseis músicas. **Contatos: tels. (081) 431-2196 (Zé Guilherme) e (081) 341-0456 (Marcelo); E-mail: supersoniques@hotmail com**

Jóia da Paraíba

Jefferson Victor: talento MPB/pop

Alô alô, produtores culturais, promotores de shows e empresários! Cantor de voz aveludada, **Jefferson Victor** alia músicas românticas a bases funkeadas, em arranjos espertos, amparados por músicos de verdade. E ele assina todas as faixas de sua demo, mostrando ser um talentoso compositor de talhe popular.

A influência djavanesca é assumida, mas Jefferson amplia a lista: "Gosto de Gil. E também ouvi muito Elvis e Roberto Carlos na infância". Talvez isso explique a convivência, no disco independente de estréia (que leva seu nome), de faixas mais "fáceis" com vôos mais sofisticados.

Jefferson mora em Guarabira, a 90 quilômetros de João Pessoa (PB), onde residem os músicos de sua banda. "A gente toca na noite, na capital, em Guarabira mesmo, em Campina Grande... Tenho muita vontade de tocar em outros Estados. Aqui o pessoal está recebendo bem o trabalho, mas é difícil chegar ao público porque não faço forró, que é o material de consumo daqui."

Contatos: tels. (083) 996-2424 e (083) 271-1704.

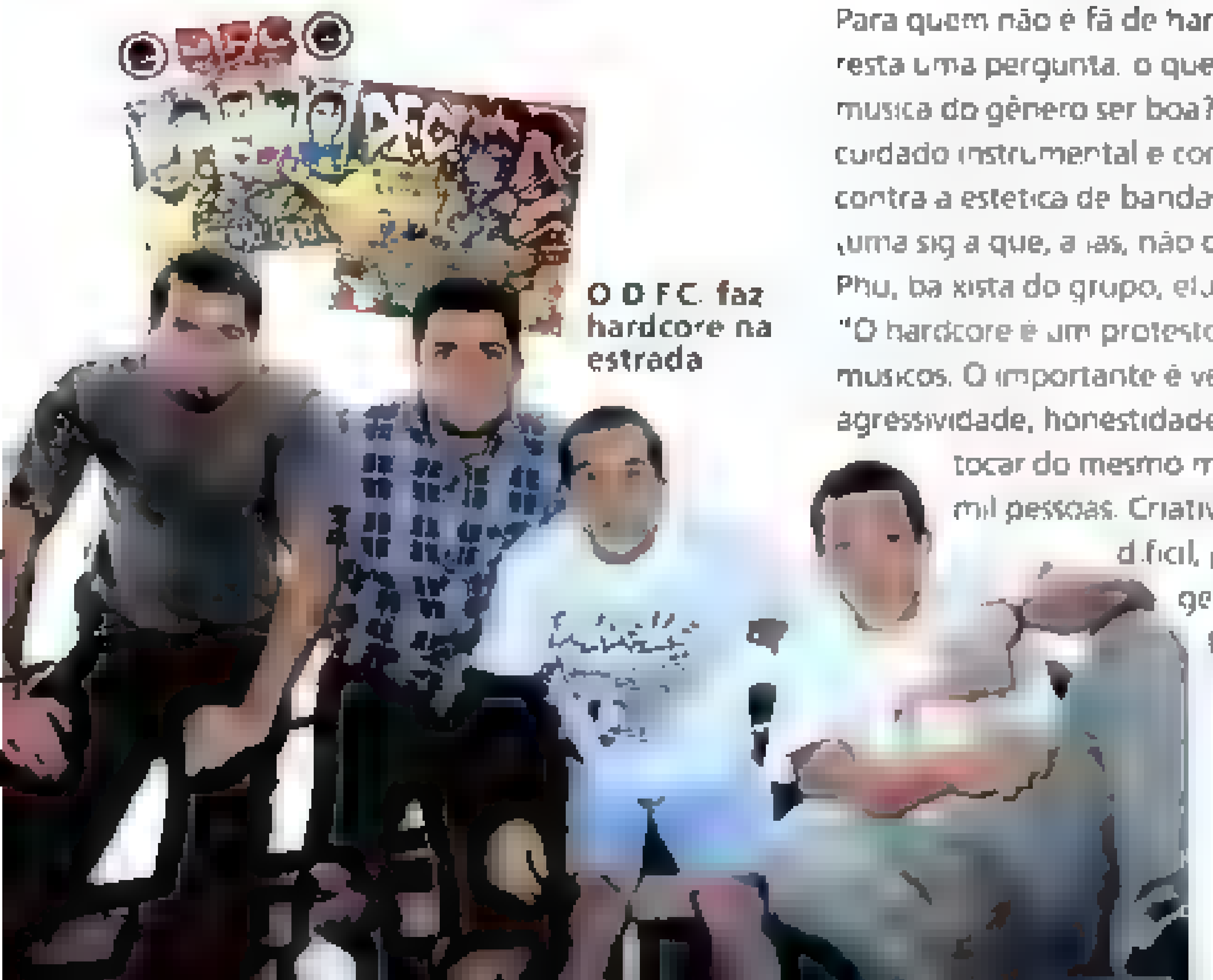
De poemas e canções

Juli Manzi estuda Arnaldo Antunes

Ainda na infância, o porto-alegrense **Juli Manzi** começou a escrever poemas. Na adolescência, veio o contato com os instrumentos musicais, e daí para virar "fazedor de canções", como ele se intitula, foi um pulo. E dos bons. "Meu disco está recheado de coisas vividas", garante o cantor, do alto de seus 23 anos. *140 Exigências De Camarim*, que foi lançado em abril, não é exatamente a estréia fonográfica de Manzi: no ano passado ele já tinha produzido a demo *Baião Do Bobo Gigante*, com vinte músicas, das quais quatro foram reaproveitadas. Manzi agora está em Campinas (SP) desenvolvendo um mestrado no qual estuda a obra multimídia *Nomes*, de Arnaldo Antunes, que mistura música, poesia, vídeo e animação. Sente-se uma leve influência de Antunes também em seu álbum, menos nas letras do que nos arranjos e nas interpretações.

Contatos: tel. (019) 236-8272; E-mail: gian@lnls.br

Pauleira dose dupla


O D F C faz hardcore na estrada

Para quem não é fã de hardcore, sempre resta uma pergunta: o que faz, afinal, uma música do gênero ser boa? Sabe-se que cuidado instrumental e com as letras vai contra a estética de bandas como o **D F C** (uma sigla que, aliás, não quer dizer nada). Phu, baixista do grupo, elucida a questão: "O hardcore é um protesto contra os bons músicos. O importante é velocidade, agressividade, honestidade e energia para tocar do mesmo modo para dez ou mil pessoas. Criatividade é o mais difícil, porque geralmente são só três acordes".

O D F C está literalmente na estrada desde o começo da década. Em 1994 o grupo fez shows por todo o país, saindo de Brasília em uma picape Saveiro e andando muitas vezes mais de mil quilômetros, com dois integrantes na frente e dois na caçamba, junto com os equipamentos, cobertos com lona para não ter problemas com a polícia. "E o dinheiro que a gente ganhava era só para botar o gás", lembra Phu. Tamanha ousadia não ficou no passado. Agora a banda está lançando dois CDs simultaneamente: *Sob O Signo De Satã*, com inéditas, e o ao vivo *Farofa Kind*, com trinta petardinhos que cobrem a carreira do grupo. Sobre o último, o baixista assegura: "A gente não mexeu eletronicamente na mixagem, para corrigir erros, nem colocou as palmas tipo *Kiss Alive*". Contatos: tel. (061) 919-1512; E-mail: dfc@brasilia.com.br

Raio-D Um exame das demos mais interessantes do mês

A Cretinice Me A-Tray

Som: Rock alternativo
Origem: Porto Alegre, RS
Auto-retrato: "A postura da banda é estar na vanguarda, como Graforréia Xilarmônica, Itamar, Mutantes, mas de um modo simples".
Resumo crítico: Banda de Egisto 2, produtor de *Sétima Efervescência*, elogiada estréia do gaúcho Júpiter Maçã. Músicas estranhas, incluindo uma genial candidata a hit, "Boneca Comestível". O CD *Era Uma Vez Um Gato Xadrez*, deve sair ainda este semestre.
Produção: Boa
Contatos: tels. (051) 226-5998 (Cléo de Paris) e (051) 311-6586 (Egisto 2); E-mail dalsanto@mandic.com.br

Edson Soares

Som: Reggae
Origem: Caicó, RN
Auto-retrato: "Pop/reggae, com um pé na Jamaica e um no atual pop dançante brasileiro, com influências de Skank e Cidade Negra. O show é eclético, com músicas minhas, do Araketu, Chico Science e outros"
Resumo crítico: Como Reginaldo Rossi, é mais do que um compositor "brega" talentoso: canta alguns versos que a maioria dos artistas não encararia, como "quero sexo/ e quero ver a face luminosa de Deus quando o meu gozo jorrar"
Produção: Boa
Contatos: tels. (084) 421-1748 e (084) 417-1112

Anjo Provisório

Som: Pop/rock
Origem: Hortolândia, SP
Auto-retrato: "Buscamos unir a música com a poesia como era feito nos anos 80, misturando rebeldia com um som acessível para quem está curtindo hoje"
Resumo crítico: Apesar da sombra da Legião Urbana pairar sobre o grupo, ele põe as asinhas de fora em alguns momentos. Despretensioso, tem um estilo próprio de assimilar a influência "russa".
Produção: Regular
Contatos: tels. (019) 845-2895 (Wagner) e (019) 887-2174 (Alessandro)

Tudo sobre a banda do momento!

Abril

JÁ NAS BANCAS

carícia ESPECIAL

Você está pronto para o

Prodigy?

O grupo mais popular da **música eletrônica** está chegando

Keith Flint, Liam Howlett, Leeroy Thornhill e Maxim Reality: o Prodigy toca em São Paulo no dia 15 de maio

1 **O dançarino e vocalista Keith Flint torra a grana com inutilidades. Qual foi uma de suas compras mais bizarras?**
a) A armadura original de Darth Vader, de *Guerra nas Estrelas*
b) Um par de meias Vivarina
c) A roupa autentica do Bozo
d) Uma armadura medieval

2 **Outra de Flint: no início dos anos 90, ele resolveu largar o grupo para percorrer o mundo de bicicleta. Um imprevisto, porém, o deixou sem dinheiro, mantendo-o no Prodigy. O que aconteceu?**
a) Num insano ritual de adeus, Keith pôs fogo em sua garagem e acabou preso. O fato inspirou a canção "F restarter"
b) Keith foi detido e multado por porte de maconha quando caminhava pelo Soho (bairro londrino)
c) Keith foi detido quando, bebum, urinava nas ruas do Soho
d) Keith foi detido e multado por que agrediu a propria mãe nas ruas do Soho. O fato inspirou a canção "Smack My Bitch Up"

3 **Cansado de ser acusado de "comercial" pelos DJs ingleses, o Prodigy lançou em 1993 um single sem créditos que estourou nas pistas. Ele se chamava:**
a) "Fuck Love"
b) "True Love"
c) "One Love"
d) "So Love"

4 **Na musica "Charly", de 1991, há o sample de uma propaganda institucional dirigida à garotada inglesa. O filmete ensinava a...**
a) Moderar o consumo de guloseimas para evitar o famoso mau hálito dos britânicos
b) Não consumir guloseimas oferecidas por estranhos
c) Dizer sempre a mamãe aonde estão indo
d) Evitar o consumo de mulheres inglesas, famosas pela baranguice

5 **Robert Smith, do Cure, visitou o camarim do Prodigy após um show na Bélgica, em 1998. Preocupado com a apatia do quarteto, ele deu uma idéia que provocou risadas gerais. O que foi?**
a) Que a banda chamasse seu velho amigo Hector Bianquito, astro da musica eletrônica boliviana, para fazer uma participação especial e dar um gás na moçada
b) Que após "Smack My Bitch Up" eles tocassem uma balada
c) Que os quatro incluíssem um *medley* das Spice Girls no show
d) Que não tocassem mais "Smack My Bitch Up", pois a mãe de um dos Beastie Boys havia entrado com um processo contra o Prodigy

6 **Liam cismou de incluir um bicho no clipe de "Breathe", mas o diretor vetou e sugeriu o jacaré que aparece no video. Qual o animal inicialmente cotado para contracenar com o Prodigy?**
A) Um hipopótamo
B) Uma tênia amestrada, acrobata de hemorroidas
C) Rickson Gracie vestido de gnu dourado
D) Um rinoceronte

7 **Leeroy Thornhill contribui para o Prodigy com mais do que coreografias epilépticas. Ele é produtor de musica eletrônica e tem um selo. Qual o estilo de seu som e que pseudônimo adota?**
a) Electrofunk, The Longman
b) Tecno; The Bigman
c) Hip-hop; The Hugeman
d) Electro-axé, The Longdickman

8 **O terceiro CD do Prodigy, *The Fat Of The Land*, de 1997, sofreu atrasos porque Liam Howlett, viciado em videogames, preferia ficar jogando a ir ao estudio. Qual o jogo que ele mais curte?**
a) Carmageddon
b) Teletubbies Holocaust
c) Tomb Raider
d) O Idorama Tala Larga

9 **Um casal que estava na fila do gargarejo de um show do Prodigy no festival Lollapalooza de 1997 quis processar o grupo porque...**
a) Quando o telão mostrou os dois pombinhos, Keith os descreveu ao publico com palavrões
b) Keith desceu a calça e flatulou nas fuças dos pobres coitados
c) Keith vomitou sobre os cabelos da moça e a careca do rapaz
d) O cuspe de Keith caiu dentro da Coca-Cola dos pombinhos, que continha um remédio para asma

Confira seu nível tecno

0 a 3 acertos: Felipão Venancio
Dá-lhe, índio grosso! Para você, tecno é coisa de v***. Antes que você mande o Junior Baiano dar um carinho no pescoço dos caras do Prodigy, vamos condená-lo a ouvir um remix de "Mina De Fé", dos Morenos, de 238 minutos. Mais mole que dr blar o Arce.

4 a 6 acertos: Lazaroni & Sebastian
Você não tem a menor idéia do que é Prodigy. Dança feito um doido, mas nem sabe o que está tocando. O que fazer? Nada. O Leeroy é do grupo e age igual a você

7 a 9 acertos: Johnny Luxa
Só o Liam Howlett entende tanto de Prodigy. Sua vida se resume a saber diferenciar deep house, eletrofunk, suecno, filtered disco etc. Aliás, você costuma dizer aos amigos que Prodigy não é tecno, e sim "big beats com hip-hop". Aliás, você não tem muitos amigos, não é?

Respostas: 1-d; 2-b; 3-c; 4-c; 5-b; 6-a; 7-a; 8-c; 9-d

Fiel ao underground

A discoteca modesta do líder dos **Inocentes** foi montada com amor ao punk rock e sacrifícios – em tempos difíceis, ele precisou vender boa parte dela

Antes de mais nada o guitarrista e cantor Clemente, dos Inocentes, é um pai de família que divide sua atenção entre a mulher, Denise, a filha, Mariana, de 11 anos, e Nina, Lucky e Ziggy, três gatos muito bem alimentados. Acaba sobrando pouco espaço para guardar os antigos LPs e a pequena coleção de CDs, quantidade condizente com a condição sociofinanceira de um roqueiro punk do Brasil. São trancados a chave no armário da sala, para não se tornar a diversão matinal dos felinos. "Deixei muito disco na casa da minha mãe", conta ele.

O tempo também ficou curto para cuidar das preciosidades. "Eu lavava meus discos, passava álcool, mas a idade foi pesando", brinca. Sempre [illegible] pronuncia punk exatamente como se escreve [illegible] repete isso a toda hora. Orgulhoso, não se faz de rogado e coloca discos de sua banda (*Miséria E Fome* e *Grito Suburbano*) entre seus favoritos. Na coração estão também bandas esquisitas como o Wire, com o disco *Pink Flag* ("As bandas alternativas de hoje, que ficam passando direto no *Lado B*, da MTV, praticamente saíram deste, de 1977"), a banda javanesa The Tantra Monsters e outros mais *mainstream* (que punk não é ET como alguns pensam), como o Cure e os Stooges. Uma curiosidade na coleção é o disco *A Revista Pop Apresenta O Punk Rock*. "Essa revista lançou o disco pensando que o punk seria mais uma modinha, quis atingir todo mundo. Foi a iniciação no punk rock pra muita gente da época, que conhecia Pistols, Ramones e só", lembra ele. Aos 46 anos (completados no dia 12 de maio), apesar de estar apenas no meio do caminho para os 40, Clemente conta histórias do início dos anos 70 sem medo de parecer tiozão [illegible] e lembra delas como se tudo tivesse acontecido anteontem. E, de novo com o sorriso na boca, lembra dos tempos difíceis. "Tinha muito mais vinil, mas a gente ficava desempregado e vendia tudo. Depois saía comprando de novo, mas nessas perdi umas raridades no meio do caminho."

Diverte-se também ao lembrar passagens dos Inocentes. "Você sabia que não fui eu o primeiro vocalista da banda? Em *Miséria E Fome* eu ficava só no baixo, o Ariel [illegible] Res[illegible] na Convergência Socialista e eu continuei a me divertir no punk. Ho[illegible] e o Ariel tá nos Invasores De Cérebro."

A maior parte dos discos escolhidos foram de coração. Tanto que as justificativas normalmente falam de amigos ou simplesmente do roqueiro que Clemente nem conhece, mas admira. "Um amigo meu de escola tinha uma irmã que namorava um cara mais velho. Esse cara tinha uma coleção enorme, que ficava na casa da namorada pra ela ouvir. Só que quem ouvia era a gen[illegible] assim que aprendi a ouvir [illegible]."

Letícia Calmon

Clemente se orgulha de raridades do punk e outros gêneros alternativos das décadas de 70 e 80

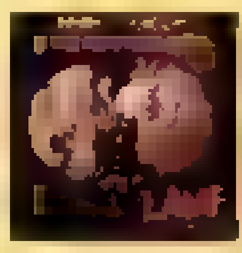
Prateleira especial

THE STOOGES
The Stooges
"Este disco foi o que mudou a minha vida. Com ele percebi que já haver algo além de Led Zeppelin, Black Sabbath, aquela coisa toda que a garotada ouvia na época. Eu ouvi meio atrasado, tinha 13 anos *(em 1976)*. Tem duas músicas superimportantes para o rock'n'roll: '1969' e 'I Wanna Be Your Dog'."

PATIFE BAND
Patife Band
"Adoro este disco. O cara *(Paulo Barnabé)* é meu padrinho de casamento, não precisa falar mais nada, né? O que o Arrigo tinha de cerebral, ele tinha de intuitivo, visceral. Em 1984 o André, nosso baixista, foi pro Exército e o Paulinho ficou um ano com a gente. Pouca gente sabe, mas Paulo Barnabé foi dos Inocentes!"

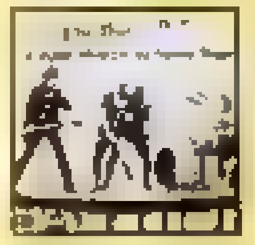
THE CRAMPS
Kizmiaz
"Só pela cor do single *(rosa)* e pelo título *('kiss my ass', quer dizer 'beije minha bunda', em inglês)* já vale. Mesmo porque é de 45 RPM e nem tenho mais onde ouvir!"

THE SAINTS
(I'm) Stranded
"É um disco raríssimo dessa banda pré-punk australiana, Os Santos. É que nem Inocentes. No punk não rolavam nomes como Os Matadores, por exemplo *(risos)*."



JOHNNY THUNDERS & THE HEARTBREAKERS
L.A.M.F.
"Johnny foi guitarrista do New York Dolls, a base do punk rock. O título do disco são as iniciais de 'Like A Mother Fucker', e o hit, 'Born To Lose'. É bem o Johnny mesmo."

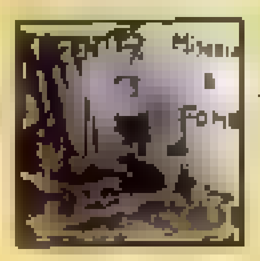
OLHO SECO
Olho Seco
"É o primeiro disco punk bem gravado. O Fabio, que hoje tem uns 48 anos, eu conheço desde pivete. Morria de medo da turma dele, era barra-pesada. Os ostrogodos usavam jaqueta de couro e faziam uma pilha delas no meio do salão. Tinham três negões: o Mi, o Pi e o Bi. Quando eles apareciam, eu *(e toda moleca*da) saía correndo."



SEX PISTOLS
The Biggest Blow — A Punk Prayer By Ronnie Biggs
"É um single pirata deles que tem 'My Way' e 'The Biggest Blow', com o Ronald Biggs cantando. A foto da capa foi feita no Brasil, eles estavam em cima de um navio, talvez na Baía de Guanabara. É do filme *The Great Rock'N'Roll Swindle*, tem até uma latinha da Brahma e a guitarra emprestada do Lim[illegible]nha."

XENNA
Dzieci Z Brudnej 'Ulicy – TZN
"É uma banda polonesa. A capa deste single é como a do nosso disco *Miséria E Fome*. As duas mostram crianças famintas, só que umas com calor e outras com frio. É um paralelo. A gente se correspondia com eles, na época a Polônia só tinha uma gravadora, estatal. Nunca mais nos falamos, mas guardo o disco com muito carinho."

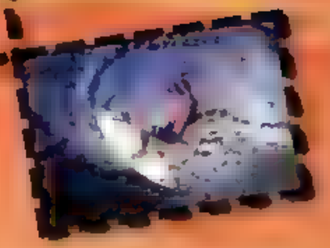
VÁRIOS
Life Is A Joke
"É uma coletânea alemã de punk rock, o primeiro disco internacional em que os Inocentes aparecem. É que existia um intercâmbio mundial entre os punks. Com o Pistols, a coisa se popularizou. Tinha revista que ensinava como furar seu nariz com alfinete para ir a uma festa punk. Então o movimento se espalhou naturalmente pelas periferias do mundo. E este disco ainda lembra um ácido!"



INOCENTES
Miséria E Fome
"Nossa primeira produção independente, de 1983! Submetemos as dez músicas à censura e nenhuma passou! Aí mudamos o título de 'Miséria E Fome' para 'Apenas Conto O Que Ouvi (O Que Sent)', sem mexer na letra, e foi aprovada! 'Morte Nuclear', 'Aprendi A Odiar' e 'Calado' por alguma razão não foram consideradas subversivas."

THE CURE
The Three Imaginary Boys
"É o primeiro deles, nem saiu em CD. New wave acabou ficando pejorativo, mas no início as bandas new wave eram aquelas que não faziam exatamente um punk, mas a punkaiada gostava! O Cure era um trio e o Robert Smith nem cantava todas as músicas, dividia os vocais com Michael Dempsey, baixista que saiu logo no início. Aliás esse cara cantava melhor do que ele *(risos)*!"

ESTA FLUIR ESPECIAL VAI
BOMBAR
NOS SEUS OLHOS E OUVIDOS



FLUIR ESPECIAL SURF STARS:
10 POSTERS ALUCINANTES
+ 1 CD MATADOR
POR APENAS R$4,90

NAS BANCAS

EDITORA PEIXES

FLUIR
SURF É FLUIR

Discos/Críticas

A chama do rock gaúcho

Firmes como um quarteto, os Engenheiros Do Hawaii mostram competência e – sim! – boas letras

Notas de ⓪ a ⑩ dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

A partir desta edição as cotações virão ao lado do nome de cada disco, e não mais ao final das resenhas

ENGENHEIROS DO HAWAII
!Tchau Radar! ⑨
Universal

No ano passado, o quente entre as bandas brasileiras era misturar sons eletrônicos ao rock, como fizeram Barão Vermelho, Ira! e outros. Agora a onda parece ser o retorno de artistas de sucesso nos anos 80, como o U2, trajo A Rigor, o Capital Inicial e o Zero. E os Engenheiros Do Hawaii nessa história? O baixista Carlos Stein e o tecladista Humberto Gessinger não se sentem parte daquela geração da década passada, por terem estreado em disco um pouco depois dos co-irmãos, jamais pensou em remixes *trance* ou *big beat* para suas composições e nunca desaparecem por completo da mídia. Como trio, quarteto ou quinteto, a banda lança discos com regularidade e sempre tem vendas pelo menos razoáveis, em torno de 100 mil discos. "Nosso máximo foi com *O Papa É Pop*, quando vendemos 400 mil. É bom que não tenhamos passado muito disso, porque, se você vende 1 milhão e depois *apenas* 800 mil, é considerado um fracasso", já disse *herr* Gessinger.

Após uma carreira na gravadora BMG, que lançou ano passado a caixa *Infinita Highway* com todos os discos da banda, os Engenheiros mudaram de casa e estrearam na Universal com *!Tchau Radar!*. Novamente de cabelos compridos, Humberto deixou aflorar seu lado progressivo-setentista (e o diz que sonha soar datado), liberando os companheiros – principalmente o guitarrista Luciano Granja e o tecladista Lúcio Dorfman – para esquecer qualquer limitação estilística e aproveitar ao máximo as possibilidades de seus instrumentos. O lado mais bicho-grilo aparece no destaque dado aos violões em canções como "Nem Um Anjo" (versão de Caetano Veloso e Péricles Cavalcanti para "It's All Over Now, Baby", de Bob Dylan, conhecida na voz de Gal Costa) e "10 000 Destinos". Aliás, a banda não gravou uma versão para "The Logical Song", do Supertramp. Os catastrofistas anti-Gessinger de plantão têm um motivo a mais para malhar. O baterista Adaí Fonseca é o principal responsável pela máquina instrumental azeitada que são os Engenheiros hoje em dia. Sem inventar demais, ele mantém uma pegada firme e deixa baixo, guitarra, teclados, gaitas, cordas e até eventuais baterias eletrônicas soltarem os bichos. Uma das especialidades de Humberto, as letras vão bem, obrigado. Menos fornos – embora com estocadas como "Já vi o fim do mundo algumas vezes/ E o sentimento mais comum") e mais lírico do que o habitual, ele abre o disco com a pérola "Eu Que Não Amo Você", em que uma guitarra distorcida (com um dedilhado levemente psicodélico) e uma melodia sugestiva preenchem com louvor os requisitos de um sucesso dos Engenheiros.
Bernardo Araujo

Ilustração Felix Reiners

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

QUARTETO EM CY & MPB-4

Somos Todos Iguais (8)

Mercury/Universal

Ivan Lins e Djavan revisitados com elegância

O Quarteto Em Cy e o MPB 4 podem se dar ao luxo de fazer o que bem entendem em seus discos [illegible] gravar tributos a grandes nomes da MPB. O quarteto feminino já fez songbooks de Chico Buarque e Vinicius De Moraes, Aquiles, Magro, Miltinho e Rui reverenciaram Milton Nascimento e Chico Buarque (com quem gravaram discos antológicos nos anos 60 e 70). Os escolhidos agora são Djavan e Ivan Lins. Com a qualidade habitual, os dois grupos apresentam canções conhecidas em arranjos vocais inovadores. O repertório traz, entre outras, Somos Todos Iguais Nesta Noite", "Sina", "Novo Tempo" (de Ivan, com participação de Djavan nos vocais) e "Passaredo" (de Djavan, desta vez com Ivan dividindo o microfone com os dois quartetos).

Toninho Spessoto

VÁRIOS

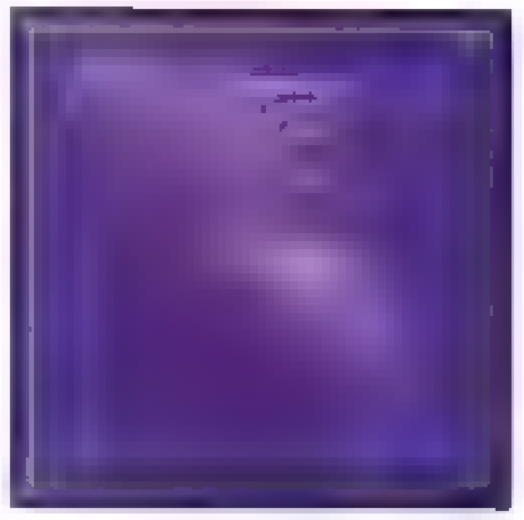
AIDA (8)

Mercury/Universal

Elton John assina trilha de show teatral da Disney

Após o impressionante sucesso da trilha do desenho animado do *O Rei Leão*, da Disney, Elton John e o letrista Tim Rice voltam a trabalhar juntos. Desta vez o projeto é um musical baseado na ópera *Aida*, de Giuseppe Verdi. Elton convidou grandes astros pop para interpretar as canções, ficando responsável pelos vocais de quatro delas. Ele já errou algumas vezes, mas aqui é um acerto atrás do outro. Um misto de baladas matadoras e balanços na linha Motown pontuam a cena. Os destaques principais são a arrepiante "Not Me", com o Boyz II Men, "Written In The Stars", dueto de Elton com a estrela country LeAnn Rimes e a balançada "My Strongest Suit", com as Spice Girls. O álbum ainda inclui performances de Sting, James Taylor, Janet Jackson, Tina Turner, Lenny Kravitz, Shania Twain e Lulu, entre outras feras. Tem tudo para invadir as paradas pop de todo o planeta, apelo comercial e mérito artístico.

Fabian Chacur



DEEP PURPLE

The Friends And Relatives Album (6)

Eagle/Roadrunner

Raridades e curiosidades para fãs de Blackmore & cia

Quem ama o Deep Purple pode achar interessante a ideia de se reunir canções de toda a árvore genealógica da banda e adjacências. Cá estão versões ao vivo de clássicos como "Black Night" e "Smoke On The Water" (esta com o cantor David Coverdale, sempre criticado pelos fãs de Ian Gillan, no auge da formação) além de uma rara cover dos Rolling Stones [illegible] Black" com solo de [illegible] canções de outras bandas de seus integrantes e de integrantes das outras bandas de seus [illegible] integrantes. Aparecem, então, o E.L.F. de Ronnie James Dio (que cantou no Rainbow [illegible] guitarrista do Purple, Ritchie Blackmore [illegible] gravar na segunda geração do Black Sabbath), o Trapeze do baixista/cantor Glenn Hughes [illegible] que esteve no Brasil [illegible] são do festival Monsters Of Rock do ano passado), ex-integrantes do Whitesnake, como Bernie Marsden e Micky Moody, e canções solo de Coverdale, Hughes, Ian Gillan e do falecido guitarrista Tommy Bolin, o primeiro a substituir Blackmore. Às vezes dá aquela impressão de rock do tritão [illegible] doido, mas vale no mínimo como documento — de alto nível musical.

Bernardo Araujo

CHER

Believe (7)

Warner/WEA

Eficiência dançante de uma estrela de 53 anos

Mais respeitada hoje pelos [illegible] hos como atriz, com este disco Cher recupera seu status de estrela na profissão em que começou [illegible] nos anos 60, fazendo dupla com o então marido Sonny. *Believe* tem uma única pretensão: divertir. A faixa-título é hit no mundo todo e "Strong Enough", com arranjo disco semelhante aos que o Giorgio Morodor fazia para Donna Summer, tem tudo para repetir o feito. Produzido por quem há [illegible] melhor na dance music no momento, Todd Terry, Junior Vasquez e Metro, este disco é uma festa [illegible] potente a [illegible]

Nelson Granja

FRANK BLACK

Pistolero (9)

Spin Art IMPORTADO

Raiva, delicadeza e altas doses de rock

Fazendo as pazes com os fantasmas do passado, Frank Black absorveu tudo de especial que havia gravado com os Pixies e lança agora um disco tremendamente contemporâneo. Nas treze faixas de *Pistolero*, produzidas por seu ex-baterista Nick Vincent e executadas junto aos Catholics, Black se mostra mais [illegible] e ao mesmo tempo [illegible] cado do que nunca.

As coisas já começam [illegible] tes com "Bad Harmony", em que linhas de guitarra flutuam através da melodia, embalando o sarcasmo de F.B. "Nós não somos [illegible] lando/ (...) Somos como [illegible] guns que não sabem o que es[illegible] tão fazendo". Os arranjos são bálsamo para [illegible] Western Star, rock de garagem conduzido pela potente cozinha dos Catholics, e comprova[illegible] Entre os momentos mais inspirados estão as másicas diretas [illegible] como "So Hard To Work Things Out" e "So, Bay", que se [illegible] a um estilo [illegible] semiletargia, apenas para logo de repente na velocidade da urgência punk de Black. Com *Pistolero* (sem lançamento previsto no Brasil, disponível no site www.[illegible] com em MP3 a US 0,99 por música), Frank Black prova que o rock não morreu. E canta isso nos versos da chacoalhada "I Want Rock & Roll": "Não me importo [illegible] hora de dizer que eu quero rock & roll".

Pedro Serra e Silvia D.

VÁRIOS

EDtv (8)

Reprise/WEA

Bon Jovi em boa salada com clássicos soul

O filme com temática semelhante à de *O Show de Truman* [illegible] por música para [illegible] bem-humorados. O herói interpretado por Matthew McConaughey sabe que está sendo filmado, o que não deixa [illegible] a trama. Nas canções [illegible] o novo sucesso do Bon Jovi, "Real Life", além de [illegible] da banda canadense [illegible] Naked Ladies (a balada "Call And Answer") e do grupo britânico Cornershop ("Sleep On The Left Side", lançada em 1997).

A trilha tem também um [illegible] soul, protagonizado por Al Green, Barry White, Joe Tex, o falecido Otis Redding (com a maravilhosa "Tiso Arms Of Mine") e James Brown (soltando a voz ao vivo em "That's Life"). Entre os [illegible] Ozomatli, na [illegible] "Como Ves", e The Lunatics, relendo "D tv Water", sucesso do punk de garagem dos anos 60.

B. A

cranberries: disco irregular, mas de sucesso garantido

Nada novo no front

THE CRANBERRIES

Bury The Hatchet (5)

Island/Universal

Nove anos de carreira, três álbuns, 28 milhões de cópias vendidas. A fábrica de sucessos não parou e *Bury The Hatchet*, quarto filho dos cranberries, vai colocar mais grana no bolso dos irlandeses e deixar os adoradores da vocalista Dolores O'Riordan desperdiçando sorrisos.

Uma mudança crucial aconteceu depois do primeiro disco, *Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We?* Nessa época, os cranberries eram criticados pela deslavada semelhança com The Sundays. Pois a influência exercida pelo quarteto inglês cultuado no princípio da década é o que há para ser festejado no novo disco. As pitadas de New Order, Smiths, Waterboys e a atmosfera anos 80 das baladas também são louváveis.

Belas canções, "Animal Instinct", "You And Me" e "Just My Imagination" passariam muito bem sem a companhia das pesadas "Delilah" e "Promises". Ouvir o sotaque "campestre" de Dolores em "Desperate Andy" ("*The world is your oysterrr*...") também é tarefa só para fãs. Mas se você está entre os 28 milhões

José Flávio Júnior

Uma banda feliz, em clima de harmonia

Você ainda estava grávida quando começou a gravar este novo disco. Como foi a experiência?

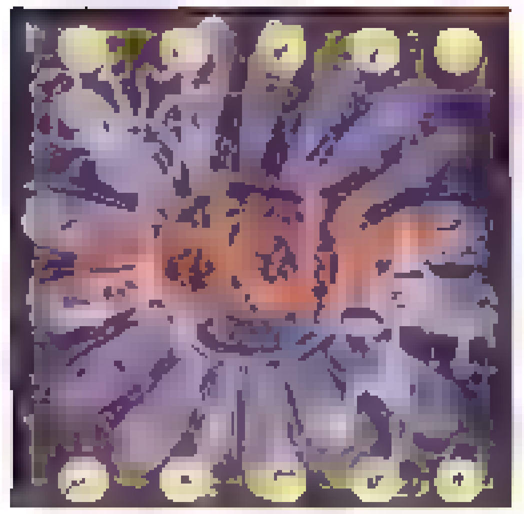
Dolores O'Riordan: Eu estava de sete meses e trabalhei primeiro duas músicas, "Shattered" e "Desperate Andy". Na hora, achei que poderia ter me saído melhor. Fui ouvir depois e vi que era impossível igualar a emoção que imprimi nelas. Me entreguei de corpo e alma às interpretações.

O relacionamento do grupo esteve abalado durante este tempo. Você pensou em partir para a carreira solo?

Nunca! Quando encontro artistas solo, sempre os acho tristes, eles não têm com quem compartilhar as coisas. Se faço um show ruim, adoro saber que posso contar com meus companheiros para poder dar risada do que ocorreu.

O novo CD tem um espírito bem-humorado ausente dos trabalhos anteriores. Por quê?

Acho que o disco anterior foi gravado num momento doloroso para nós. Pessoas queridas pela gente tinham morrido naquela época e isso acabou se refletindo nas canções, o clima era pesado. Desta vez, no entanto, concebemos todo o trabalho num clima ótimo, estávamos todos com o astral lá em cima. Foi uma delícia fazer esse disco, estamos muito felizes.



EDDIE

Sonic Mambo (8)

Roadrunner

Rock de garagem feito no mangue pernambucano

Temperada com outros ritmos, a bandeira do rock de garagem [illegible] dos anos 60 predomina aqui. Mas o Eddie, que demorou dez anos para chegar ao disco, [illegible] coadjuvante no manguebit.

O trabalho foi gravado em Massachusetts, EUA, com produção de Tom Soares (que trabalhou com a banda hardcore Shelter). Ele [illegible] a [illegible] e amorteceu a [illegible] do Eddie. Assim, faixas como "Videogamesongs", "Festeiem" e "Ontem Eu Sambo" acabam perdendo a força original.

Mesmo ressentindo desse problema, *Sonic Mambo* [illegible] do disco. Ele [illegible] uma séria candidata a hit: "Coqueiros", da banda de reggae Kaya Na Real, com letra forte e inspirada.

Carlos Freitas

BANDA CARA DE PAU

Ao Vivo no Bourbon Street Music Club (8)

Bourbon Street [illegible]

Rhythm & blues brazuca para animar qualquer festa

O nome não [illegible] dúvida quanto à origem do [illegible] *Os Irmãos Cara de Pau* (*Blues Brothers*), que [illegible] rhythm & blues [illegible] nos anos 80. Mas, depois das [illegible] covers, o noneto paulista (reforçado pelas vocalistas Graça C[illegible] e Vanessa Moraes) apresenta um repertório original. Há [illegible] "Black Dog" (Led Zeppelin), [illegible] "[illegible]zy" (Deep Purple), [illegible] "Parabéns a Você", que entrou no set da banda devido à insistência [illegible] pedidos para homenagear aniversariantes nos shows. Entre as versões destacam-se "Puxa O Carro, Zé" ("Hit The Road Jack", hit com Ray Charles), "Papa's Got A Brand New Bag" (James Brown) e "Gimme Some Lovin'" (Stevie Winwood), esta num medley com "Money (That's What I Want)", gravada até pelos Beatles.

Helton Ribeiro

VÁRIOS

The Best of Shaft (8)

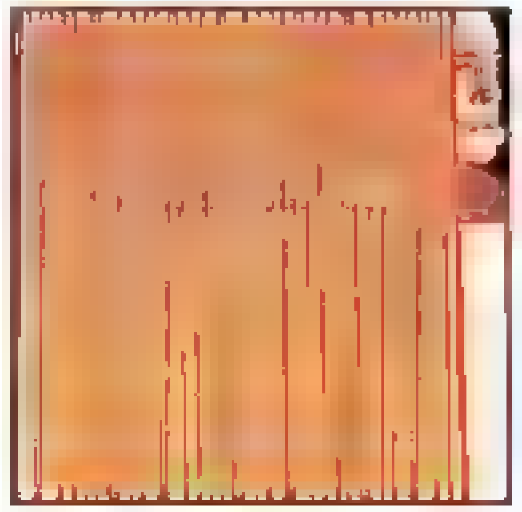
Hip Records — IMPORTADO

Temas do herói do cinema black americano

Quem é aquele que arrisca o pescoço pelo seu amiguinho de cor?", perguntava a letra do clássico "Shaft's Theme", composto por Isaac Hayes. A resposta [illegible] John Shaft, [illegible] interpretado pelo ator Richard Roundtree, foi um dos ícones do chamado cinema de *blaxploitation* — como eram [illegible] dos anos 70 certos filmes dirigidos ao público negro e com apelo comercial — que renderam três longas-metragens.

[illegible] do [illegible] pioneiro black americano. Mas [illegible] nesta coletânea [illegible] as canções de *Shaft* e *Shaft Na África* — o ouvinte perde a oportunidade de saborear "Symphony For The Shafted Souls", bela melodia composta por O.C. Smith para *A Grande Aventura De Shaft*. Mesmo assim, o investimento ainda vale a pena. Seja pelo tema principal do primeiro filme — o melhor [illegible] dos pedais de guitarra wah-wah em todos os tempos —, ou pelo grupo vocal The Four Tops [illegible] em "Are You Man Enough", ou ainda pela bela jam afropsicodélica de "Do Your Thing".

Sergio Martins



CARLOS MALTA E PIFE MUDERNO

Carlos Malta E Pife Muderno (8)

Rob Digital

Música instrumental pós-nordestina de alto nível

Sem marketing, sem maneiros, sem eletrônica e até mesmo sem nordestinidade autêntica, este disco se propõe a fazer na música instrumental a mesma revolução que o manguebit de Chico Science [illegible] [illegible] Mas [illegible] Malta são [illegible]

Acompanhado pelas flautas de Andrea Ernst Dias, pelo pandeiro de Marcos Suzano, pela zabumba de Durval Pereira e pelos pratos de Oscar Bolão, o carioca Carlos Malta traça clássicos [illegible] O Luiz Gonzaga de "Assum Preto" e "Asa Branca", o João Do Vale de "O Canto De Ema" (com voz do [illegible]), o [illegible] da Banda de Pífanos de Caruaru chamado "Pipoca Moderna", "Arrasta Pé Alagoano", do mestre Hermeto Pascoal (com quem Malta tocou doze anos), tudo é lindamente revirado.

E "[illegible]", [illegible] Pedro Luís E A Parede, mostra que o maxixe [illegible] futuro da música para dançar.

Pedro Só

MAN? OR ASTRO-MAN?

Eeviac: Operational Index And Reference Guide, Including Other Modern Computational Devices (8)

Touch And Go/Motor Music

Altas doses de rockabilly, surf music e bom humor

Gozação [illegible] e esquisitice [illegible] Os [illegible] da Man? Or Astro-Man? vêm apavorando os ouvidos [illegible] desde o [illegible] de estreia (*Is It Man? Or Astro-Man?*, de 1993) e pude[illegible] ser comprovadas ao vivo pelo público brasileiro em novembro do ano passado, quando a banda [illegible] Essa turnê rendeu um bom bocado da inspiração para os caras aplicarem neste *Eeviac*. Tanto é que eles fizeram algumas das gravações do disco em Belo Horizonte. Portanto, não é de se estranhar que haja um música (com letra em português) chamada "As Estrelas, Agora Estão Mortas". Outros destaques são "Interstellar Hardrive" (uma espécie de releitura neurótica de "Interstellar Overdrive", clássico do repertório do Pink Floyd) e prossegue em "Domain Of The Human Race", "A Reversal Of Polarity" e "Engines Of Difference". É [illegible] boa para se curtir sem contra-indicações.

Celso Pucci

BETH ORTON

Central Reservation (9)

Arista-BMG — IMPORTADO

Surge uma nova musa do pop cabeça

A inglesa Beth Orton é mais uma cantora/compositora que vem expor a público as mazelas da vida atormentada dos habitantes das grandes cidades. Isso é ótimo. No caso dela, o sofrimento vem de uma infância [illegible], uma adolescência [illegible] total que durou [illegible] desilusões. Mas a moça consegue fazer [illegible] de sugar de modo claro e bonito, com declaradas influências de Rickie Lee Jones e Joni Mitchell. Em *Central Reservation*, seu terceiro álbum, Beth solta a voz [illegible] gastada em temas [illegible] fim de um relacionamento com uma relação desgastada ("Couldn't Cause Me Harm") e a busca do amor ("Feel To Believe"). As músicas são [illegible] por belos violões. Curioso é que a autora destas canções intimistas tenha em seu currículo trabalhos com os Chemical Brothers e um CD, o anterior, produzido por William Orbit, um dos responsáveis por *Ray Of Light*, de Madonna.

Toninho Spessoto

VÁRIOS

Ned Kelly (7)

Rykodisc/572

Country casca grossa em trilha de filme cult

[illegible] aqui é Mick Jagger, que em 1970 estrelou este [illegible] passado na Austrália do século 19 (e que no Brasil se chamou *A Força Será Tua Recompensa*). Ele faz em algumas vinhetas e canta "The Wild Colonial Boy", uma estilização de canção tradicional irlandesa. O astro aqui era para ser Waylon Jennings, texano macho loco da geração de Willie Nelson. Mas quem rouba a cena é seu conterrâneo Kris Kristofferson (autor de "Me And Bobby McGee"), vocal em três faixas.

Pedro Só

DOMINGUINHOS

Você Vai Ver O Que É Bom (8)

Velas

Sucessor de Luiz Gonzaga continua com a corda toda

[illegible] 44º álbum deste arretado sanfoneiro [illegible] tor pernambucano — e mesmo o forrozeiro que não puder ou quiser ter todos pode muito bem começar por aqui. Realmente preguiça não é com Dominguinhos, que ainda por cima traz quase somente músicas inéditas — a exceção é "Moça De Feira", de Armando Nunes, hit de Luiz Gonzaga em 1957. Por falar em Gonzagão, em agosto completam-se dez anos de sua morte, e Dominguinhos aproveita para homenagear o mestre não só com esta regravação, mas também compondo "Pra [illegible] A Luz" e colocando melodia em "O Riacho Do Imbuzêro", letra inédita de Zé Dantas, o maior parceiro do velho Lua depois do também saudoso Humberto Teixeira. Em vez de seguir modismos, Dominguinhos aproveita para satirizá-los, como em "Quem [illegible]" [illegible] em parceria [illegible] [illegible] "Te conheci/um dançador de forró/ agora andas balançando o fiofó/ eu acho que piorou/ mas tenho mais que respeitar".

Ayrton Mugnaini Jr.

Na medida certa

TOM PETTY & THE HEARTBREAKERS

Echo (10)

Warner Bros. — IMPORTADO

Em 23 anos de carreira, o americano Tom Petty se manteve fiel ao som com influências dos anos 60, notadamente de Rolling Stones e Byrds. Em seu novo CD, a guitarra segue sendo o principal destaque, principalmente em faixas como "Room At The Top", "Counting On You" e "Swingin'", cujo título não deixa quaisquer dúvidas. O som típico dos Byrds é evocado em "This One's For Me", canção que parece ter sido escrita em parceria por Petty e Roger McGuinn (cantor e guitarrista do legendário grupo americano). Apesar de a melodia de "Free Girl Now" lembrar "Glory Days", de Bruce Springsteen, a canção resulta original.

Nas letras, Petty não deixa a peteca cair. Em "Room At The Top" e em "Swingin'", que conta a história de uma garota que sai de casa e decide viver como andarilha, ficam claros os toques de Bob Dylan. Uma das canções mais bonitas do disco, a balada folk "No More", prega com sabedoria lírica uma vida simples, sem supérfluos.

Produzido a seis mãos pelo próprio Petty, por seu fiel escudeiro Mike Campbell (guitarrista e baixista dos Heartbreakers) e por Rick Rubin, *Echo* é uma prova evidente de que em time que está ganhando não se mexe. Vida longa às boas e velhas fórmulas!

Toninho Spessoto

Petty: guitarra suingada e canções matadoras

Maravilha melódica

WILCO
Summer Teeth (9)
Reprise/WEA – **IMPORTADO**

Ah, a melodia! Ah, o lirismo! Num brutal zado mundo em que a musica popular é cada vez mais martelada e gritada, ouvir um disco assim faz bem à alma. É o tipo da obra que já chega classica, pronta para ser degustada umas trinta vezes, navegada em todas as suas possibilidades. Traz maravilhas como "Pieholden Suite", balada grandiosa com arranjo à Brian Wilson e letra sobre o amor que vai se perdendo. Você ouve "no começo, a gente fechava os olhos quando beijava e ficava tão surpreso de ver que havia tanto lá dentro" e de repente se lembra que é o feliz possuidor de um coração. Pelo preço de um CD, ainda que importado, parece uma oferta muito justa.

Sim, já deu para perceber que, ao menos para o autor deste texto, o Wilco é um grupo apaixonante. Fundado em 1994, é liderado por Jeff Tweedy. Ele tocou antes numa banda de prestigio no underground, Uncle Tupelo, que gravou quatro álbuns e se viu alçada à condição de emblema de um certo "novo country" ou "country alternativo".

Em 1997, o álbum duplo *Being There*, segundo da carreira do Wilco, foi aclamado pela crítica internacional como obra-prima. E era mesmo. As influências de country rock – leia-se aí Neil Young – ainda eram fortes, talvez pela presença de um grande steel guitarrista, Bob Egan.

De lá para cá, Jeff Tweedy e o Wilco gravaram com o inglês Billy Bragg um belo disco, *Mermaid Avenue*, com inéditas de Woody Guthrie. Depois, Jeff fez outro belíssimo trabalho, *Weird Tales*, com os amigos do projeto paralelo Golden Smog. O cara simplesmente não erra mais a mão.

Neste *Summer Teeth*, ele deixa aflorar seu lado mais pop. A guitarra steel chora aqui e ali, mas há até sintetizadores com timbres "amiguinhos" brincando em faixas como a inspirada "ELT". Jeff Tweedy tem um lado mais escuro, sim, mas está longe do astro torturado que enxergam alguns críticos (já tive o prazer de entrevistá-lo). Ele é um homem de 31 anos, maduro, do tipo que não tem vergonha de escrever canções para o filho e celebrando a felicidade em família. Pode arranhar a fama de mau do rock'n'roll e seu gosto pela tragedia, mas ajuda a gente a sorrir.

Pedro Só

VÁRIOS
No Coração Dos Deuses (8)
Roadrunner

Max Cavalera e Andreas Kisser em trilha épica

Esse lançamento: a trilha sonora do filme *No Coração Dos Deuses*, do diretor Geraldo Moraes, não é do Sepultura. Ela tem a participação do baterista Igor Cavalera e do guitarrista Andreas Kisser, respectivamente irmão e primo do titular do CD, André Moraes, assim como o violinista Marcio Maillard e a banda Liberno. O CD tem aquele que se supõe a partir destes nomes, uma mistura muito interessante de rock pesado e musica classica, cordas e batidas tribais. Além de fazer o que eles fazem (bem) no Sepultura, Andreas e Igor emprestam respectivamente, violões e tons de percussão em músicas como "Tamandua De Três" e "Enforcamento".

Bernardo Araujo

VÁRIOS
Do Samba Ao Pagode (7)
Globodisk

Sucessos injustiçados dos anos 70 e laranjas podres

Anunciada na TV por uma atriz que não sabe sambar (Adriana Esteves) e apresentada no encarte por textos pouco informativos, esta serie pode ser comprada pelo telefone (011) [illegible] Custa 4,6 reais mas vale por incluir hits dos anos 70 difíceis de achar em CD: "Senhora Liberdade" (de Nei Lopes e Wilson Moreira) na voz de Zezé Motta, "Das Dezentas Pra Lá" (João Nogueira), com Elza Soares, e "O Ouro E A Madeira" (do injustamente esquecido conjunto Nosso Samba). Outras figurinhas difíceis que apresentadas são pérolas como "Mulher Você Bebeu", de Jovelina Pérola Negra, e "Pega Eu", de Bezerra Da Silva de primeira hora. Bagorralhos" (de 1964, com Jorge Veiga), último suspiro do maxixe nas paradas. A abordagem contemporânea acerta ao compilar as excelentes e historicamente importantes "Caçamba" (Molejo) e "O Teu Chamego" (Raça), mas é difícil desprezar o seminal Raça Negra e incluir três pot-pourris [illegible].

P.S.

BRITNEY SPEARS
...Baby One More Time (7)
Jive/Virgin

Primeiro disco da nova rainha dos adolescentes

A escola Hanson-Backstreet [illegible] seguidores com uma certa qualidade. É o que nos apresenta a nouvelle Britney Spears em seu disco de estreia. O repertorio tem bons balanços, como "You Drive Me Crazy" (com versos joviais do tipo "toda vez que [illegible] meu coração pula de paixão") e baladinhas pop como "E Mail My Heart" e "From The Bottom Of My Broken Heart", além de uma releitura do "The Beat Goes On" de Sonny & Cher em [illegible]. Britney não é apenas mais uma a fazer som inofensivo e eficiente feito chiclete.

Toninho Spessoto

MOGWAI
Come On Die Young (10)
Chemikal Undergound – IMPORTADO

Punk rock instrumental escocês em belas melodias

Os mais originais bandas do Reino Unido estão vindo da Escócia, caso do Mogwai, com seu som de baixa fidelidade, esquisito, que varia entre momentos de beleza minimalista e outros de barulheira, mas sempre com belas melodias. Formado por Stuart Braithwaite (guitarras, teclados e percussão), Dominic Aitchison (baixo e guitarra), Martin Bulloch (bateria) e Barry Burns (flauta, guitarra e teclados), o Mogwai está lançando seu segundo álbum, *Come On Die Young*, obra-prima instrumental com títulos como "Punk Rock" (com um discurso de hey Pop sampleado), "May Nothing But Happiness Come Through Your Door" e "Punk Rock/Puff Daddy/Antichrist", uma gozação com Puff Daddy.

Come On Die Young pode assustar os menos desavisados com a atmosfera *mezzo* pacífica, *mezzo* angustiante de suas músicas. Batizada pela imprensa inglesa de "a última grande banda punk da Inglaterra", o Mogwai evoca o minimalismo da cartilha, afinetada ao extremo, usando seguidas repetições da mesma linha harmônica e utilizando camadas e mais camadas de instrumentos sobrepostos em todas as músicas, tornando-as extremamente difíceis para ouvidos acostumados a bobagens pop. Se o ano acabasse agora, sem dúvida *Come On Die Young* poderia ser considerado o melhor disco de 99.

Luciano Vianna

Punk para assoviar

BAD RELIGION
Suffer (7)
No Control (8)
Against The Grain (7)
Generator (9)
Epitaph/Paradoxx

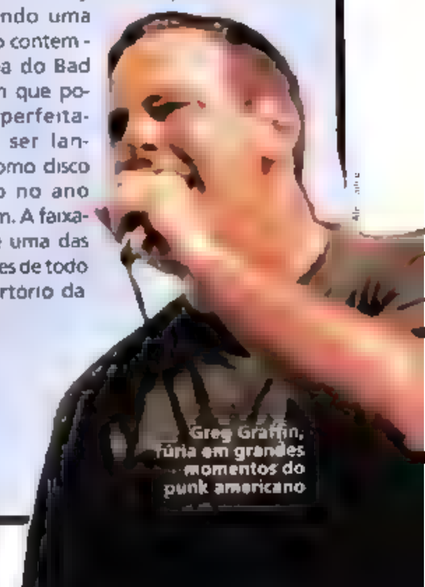
reedição

Saindo pela primeira vez no Brasil, quatro discos do começo da carreira da banda californiana – *Suffer* (1988), *No Control* (1989), *Against The Grain* (1990) e *Generator* (1992) – ajudam a entender de onde vieram Offspring e Green Day. Mas a tradicional frase "ah, mas eu preferia os primeiros discos", sempre usada quando alguém quer mostrar conhecimento sobre um artista, não cabe quando o assunto é Bad Religion. O estilo da banda em seu início era pouco diferente do que é hoje. "Ah, mas tinha o Brett Gurewitz!", dirão os saudosistas. É bem verdade que o guitarrista-compositor era importante, mas após sua saída, há cinco anos, o cantor Greg Graffin (que já compunha bem) seguiu criando boas canções.

Suffer é o mais interessante do pacote, a começar pela arte precária, passando pelos vocais bem menos firmes de Greg e pelas letras – escritas a mão – que lembram Black Flag (lenda do hardcore americano). É um documento do punk que mostra uma promissora banda com revoltadas letras adolescentes. Depois vem *No Control*, que rendeu boas canções, como a faixa-título e "Automatic Man". *Against The Grain* já conta com uma produção mais esmerada, vocais agressivos e boas variações nos arranjos. Como curiosidade, traz a versão original de "21st Century (Digital Boy)", depois regravada em *Stranger Than Fiction* e estourada no Brasil.

Generator é o melhor do pacote. São sete músicas de Greg contra quatro de Brett, mostrando uma cara tão contemporânea do Bad Religion que poderia perfeitamente ser lançado como disco inédito no ano que vem. A faixa-título é uma das melhores de todo o repertório da banda.

B.A.



SILENCE 4

Silence Becomes It (8)

Mercury/Universal

Pop cantado em inglês made in Portuga

Engana-se quem ainda pense que a música portuguesa é feita apenas de fados e viras. O pop lusitano vem dando provas constantes de qualidade graças a nomes como o rapper Pedro Abrunhosa e as bandas Xutos & Pontapés e Delfins. O quarteto Silence 4 – Sofia Lisboa (voz), David Fonseca (voz, guitarra, órgão e percussão), Rui Costa (baixo, guitarra) e Tozé Pedrosa (bateria) – lidera a parada d'além-mar com seu CD de estréia, que mescla pop, soul e blues. Das quatorze faixas, doze são em inglês, com destaque para "My Friends" e "Borrow", os singles que estouraram em Portugal, e uma versão interessante de "A Little Respect", hit do Erasure. Duas são em português, "Eu Não Sei Dizer" e "Sextos Sentidos". [illegible] merece ser ouvido com atenção.

Toninho Spessoto

SEAWEED

Actions And Indications (6)

Merge/Moto [illegible]

Banda punk que bebeu da fonte do som de Seattle

Um dos grandes problemas de grupos como o S[illegible] [illegible] Tacoma, Washington, foi ter sido projetado [illegible] bojo da bandas [illegible] Seattle. Mesmo preservando suas raízes punk/hardcore, o quinteto liderado pelos guitarristas Clint Werner e Wade Neal passou a ser mais um nome entre tantos que surgiram na trilha do Nirvana. Não por acaso, seus dois primeiros discos pelo selo Sub Pop – o EP *Despised* (1991) e o álbum *Weak* (1992) – foram produzidos pelo famigerado Jack [illegible] proclamado [illegible] grunge.

Neste novo trabalho, o Seaweed optou por uma sonoridade ligada à segunda geração do punk [illegible] por bandas como TSOL e Husker Dü. Isso fica explícito em "Ant Lyrical" e "Red Tape Parade" [illegible] mais melódicos, como "Thru The Window". Mesmo quando se arrisca em semibaladas ("Steadfast Shrine", "Stay Down"), o grupo consegue manter o pique e fazer um disco que, se não é brilhante, é bem melhor do que os Green Days da vida. Um detalhe: a edição brasileira traz o hardcore "Everybody's OK" como faixa-bônus.

Celso Pucci

SHABBA RANKS

Shabba Ranks & Friends (7)

Epic/Sony

Antologia de duetos do ex-rei do som jamaicano

Shabba Ranks quase [illegible] reggae. Talento, ele tinha: natural de Trenchtown, favela que também acolheu Bob Marley, Shabba prontamente [illegible] dinosas embaladas pela produção [illegible] de Bobby Digital, Sly & Robbie e Steely & Clevie [illegible] conhecido como dancehall. No início dos anos 90, recebeu [illegible] da gravadora Sony, mas pôs tudo a perder quando, numa entrevista, sugeriu que gays deveriam ser apedrejados.

Esta coletânea reúne seus melhores duetos. Em "Housecall", a voz de lixa do falastrão é o contraponto ideal à [illegible] do cantor inglês Maxi Priest. Outro destaque é uma conexão magistral entre Trenchtown e Brooklyn: "Slow & Sexy", com o americano Johnny Gill. Mas é com J.C. Lodge ("Telephone Love") e Chevelle Franklin ("Mr. Loverman") que Shabba mostra sua especialidade: posar de rei da mulherada.

Sérgio Martins

WILLIE NELSON

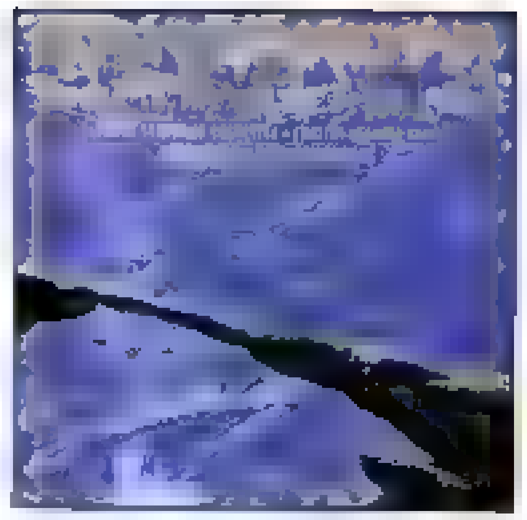
The Very Best Of Willie Nelson (8)

Columbia/Sony – IMPORTADO

Uma geral na carreira do veterano astro country

Este álbum duplo é um resumo da caixa *Revolutions Of Time 1975-1993*. Ao todo são trinta faixas, [illegible] "On The Road Again" e "Always On My Mind", esta gravada originalmente por Elvis Presley. Estão presentes também algumas das versões de Willie Nelson para standards pop, como "Stardust" e "All Of Me". Há ainda gravações ao vivo ("Whiskey River") e duetos com Julio Iglesias ("To All The Girls I've Loved Before"), Waylon Jennings ("Mammas Don't Let Your Babies Grow Up To Be Cowboys"), Dolly Parton ("Everything Is Beautiful In Its Own Way") e Leon Russell ("Heartbreak Hotel").

Ayrton Mugnaini Jr



RICK WAKEMAN

Return To The Center Of The Earth (8)

EMI Classics

Seqüência do melhor disco solo do ex-tecladista do Yes

Entre 1971 e 1975, o tecladista Rick Wakeman gravou cinco obras-primas, duas com o Yes (*Fragile* e *Close To The Edge*) e três solo (*The Six Wives Of Henry VIII*, *Journey To The Centre Of The Earth* e *King Arthur*). Depois de alguns trabalhos pouco [illegible], o [illegible] artista [illegible] de gravar *Return To The Center Of The Earth*. Todo o material [illegible] composto e orquestrado por ele. O CD alterna narração [illegible] inglês Patrick Stewart, o Capitão Picard da série *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração* [illegible], com participações de Ozzy Osbourne, Trevor Rabin (ex-guitarrista do Yes), Bonnie Tyler e outros, além de orquestra e coral. Algumas das faixas podem entrar para o repertório clássico de Wakeman, como "Buried Alive", em que os riffs pesados de guitarra uníssonos com a orquestra servem de base para o [illegible] vocal de Ozzy e o coral. Em "The Dance Of A Thousand Lights" e "The Kiss", Wakeman mostra que ainda é um dos melhores pianistas da atualidade. Mas, numa comparação com o original, este *Return* perde. Gravado ao vivo, o primeiro [illegible] [illegible] "sujo" setentista [illegible] da com orquestra e coro. Este novo CD foi feito em estúdio, o que limpou um pouco o som. Mesmo assim, é um grande trabalho, que merece estar entre os álbuns de destaque da discografia de Rick Wakeman.

Helvecio Parente

Charlie Watts, Mick, Keith, Brian Jones e Bill Wyman na capa do single "Mother's Little Helper", de 1967

Os Stones de Jones

reedição

THE ROLLING STONES

The Rolling Stones (7)

12 x 5 (7)

The Rolling Stones, Now! (7)

Out Of Our Heads (8)

December's Children (And Everybody's) (9)

Aftermath (9)

Got Live If You Want It! (8)

Between The Buttons (8)

Flowers (7)

Their Satanic Majesties Request (8)

Beggars Banquet (9)

Let It Bleed (9)

Get Yer Ya-Ya's Out (10)

London/Universal

relançamentos exclusivos do MusiClub

Os colecionadores de música precisam anotar este número: (011) 3037-2600. Esse é o contato do MusiClub, empresa de venda de CDs por marketing direto que está lançando treze CDs que retratam a fase inicial dos Rolling Stones, de quando eles ainda eram um quinteto com o guitarrista Brian Jones. O lançamento marca os trinta anos da morte de Jones, que teve problemas com drogas, desligou-se da banda e foi encontrado boiando em sua piscina (a autópsia deu como *causa mortis* uma crise de asma).

Os três primeiros discos têm poucas composições de Mick Jagger e Keith Richards e muitos clássicos do blues. *The Rolling Stones* (1964), *12 x 5* (1964) e *The Rolling Stones, Now!* (1965) são documentos fascinantes que mostram uma banda ainda tímida. O quarto disco, *Out Of Our Heads* (1965), tem uma faixa que mostra que ali não estava um grupo qualquer: "Satisfaction" e o riff de guitarra mais conhecido da história. Aí vêm *December's Children (And Everybody's)*, *Aftermath* – só com canções de Jagger e Richards – e *Got Live If You Want It*, todos de 1966. A banda se mostra cada vez mais roqueira e os vocais de Mick são mais furiosos. Entre as canções registradas, "I'm Free", a versão de "(Get Your Kicks On) Route 66" e "Lady Jane".

Os três discos seguintes retratam o período de envolvimento com drogas, prisões e outras confusões que culminariam com a saída de Jones. A turbulência parece fazer bem a Mick e Keith, que compõem inspirados para *Between The Buttons* e o ultralisérgico *Their Satanic Majesties Request* (ambos de 1967). *Flowers* (também de 1967) reúne ótimas faixas de compactos.

Os Stones expõem os nervos da década em *Beggars Banquet* (1968), que começa com "Sympathy For The Devil" e segue com "Street Fighting Man", "Salt Of The Earth" e outras pérolas. Depois vem festa (e Mick Taylor na guitarra): *Let It Bleed* (1969) traz "Gimme Shelter" e "You Can't Always Get What You Want", seguido por *Get Yer Ya-Ya's Out* (1970), simplesmente um dos melhores discos ao vivo de todos os tempos.

Bernardo Araujo

E mais...

Clássicos *disco*, rock alternativo, world music, Kleiton & Kledir recriando canções gaúchas, hits de B.B. King...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
ONDA SONORA (Red Hot/Trama)	Marisa Monte, Carlinhos Brown, David Byrne, k.d. lang, Caetano Veloso, Madredeus e vários artistas lusófonos.	Fado, MPB e canções africanas no novo CD da Red Hot, organização que grava discos visando obter fundos para pesquisas pela cura da Aids.	Tudo pela solidariedade. Encontros inusitados à parte, nada supera k.d. lang cantando "Fado Hilário", em português. O título já diz tudo.
PURE DISCO 3 (Polydor/ Universal)	Ícones do pop dos anos 70, como Donna Summer, Abba, KC & The Sunshine Band, The Tramps, Chic, Barry White, Santa Esmeralda.	Num repertório da era *disco* incluindo "Love To Love You Baby", "Good Times" "Disco Inferno" "Don't Let Me Be Misunderstood" e outras pérolas.	E como! Não dá para resistir a tantos hits sacolejantes de qualidade
POOL PARTY (Del-Fi/Abril)	Bruce Johnston (Beach Boys), The Bob Keene Orchestra, The Tributes, Rollercoasters, Bill Lewis, The Moongooners, Jack Herbst e outros.	*Easy listening* puro, com alguns toques de surf music. No repertório, "The Goose", "Swim Beat", "Hard Way Four" e até "La Bamba"	Se o seu negócio é dar uma festinha ambientada anos 60, esta coletânea bate um bolão
CLÁSSICOS DO SUL (Polydor/ Universal)	Os irmãos gaúchos Kleiton e Kledir Ramil, que voltam a cantar juntos depois de projetos solo malsucedidos.	Clássicos gauchescos, como "Felicidade" (Lupicínio), "Pára, Pedro", "Negrinho Do Pastoreio" e um toque pop em "Nuvem Passageira"	Não. Modernizados, alguns arranjos descambam até para a axé music. E Xuxa cantando "Pezinho" é de doer...
JAZZ TUBE A RAINY AFTERNOON (32 Jazz/Trama)	Ron Carter (baixo), Wallace Roney (trompete), Charles Brown (piano), Hank Jones (piano) e outros jazzistas da pesada.	Standards do pop americano e clássicos do jazz, como "Round Midnight", "Everything Must Change", "I Can't Get Started" e "St. Louis Blues"	Interpretações refinadas para canções inesquecíveis. Nada melhor para estes dias frios de outono. Simplesmente irresistível
DOO WOP TO BE LOVED FOREVER (De Fi/Abril)	Grupos de doo wop do fim dos anos 50/início dos 60, como Pentagons, Gallahads, Hep Cats, Blue Angels e uttle Caesar & The Romans.	O doo wop é um gênero em que se destacam os falsetes e os arranjos vocais. Aqui, canções como "Be Fair", "You're Mine", "That's Why I Cry".	A beleza das vocalizações é de arrepiar e de colocar qualquer grupinho vocal de hoje no chinelo. É para ouvir e babar.
HIS DEFINITIVE GREATEST HITS (MCA/Universal)	B.B. King, um dos maiores guitarristas de blues de todos os tempos, em gravações solo e duetos com Robert Cray, Gary Moore e U2	Coletânea com 34 gravações do músico, feitas entre 1964 e 1993, incluindo hits como "The Thrill Is Gone", "Into The Night" e "How Blue Can You Get"	Os hits da fase mais comercial de B.B. King estão todos aqui, além de quitutes como "When Love Comes To Town", gravada com o U2. Os fãs vão curtir.
COLLEGE ROCK (Mercury/ Universal)	Bandas e solistas importantes dos anos 80 e 90, como Joy Division, New Order, Siouxie & The Banshees, Iggy Pop, The Cardigans, Harvey Danger.	Catorze hits das programações de *college radios* americanas, como "Love Will Tear Us Apart", "Dreams Never End", "Been It" e "Swimming Horses"	A seleção de repertório, feita pelo DJ José Roberto Mahr, é caprichada e traz clássicos do rock alternativo. Mapeamento bem interessante.
ZOO (Excelente/Abril)	Trabalho de estréia do quarteto paulistano Zoo, que faz um som que lembra bastante a levada pop do Jota Quest.	Canções sacudidas, como "Sina", "Cantigas De Ninar", "Totosa", "Funkamuffy", "Faça O Que Eu Faço" e "Tereré"	A banda tem qualidade, mas o repertório precisa amadurecer. O vocalista Sal vai muito na cola de Rogério Flausino e Dinho Ouro Preto.

REVISTA SHOW BIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE:
TEL: (011) 3037-6860
FAX: (011) 3037-4909

Ao Vivo

Liberdade para os quadris

Juan de Marcos González comandou a festa cubana

Compay Segundo Y Sus Muchachos Afro-Cuban All Stars

Tom Brasil (SP), 9/4

Que a coisa ia terminar em festa era previsível. Mas o que realmente impressionou na noite cubana do Heineken Concerts foi a vitalidade de Compay Segundo e Don Rubén González, além da musicalidade explícita dos participantes dos dois shows.

Do alto dos seus 92 bem vividos anos, Compay Segundo irradiava simpatia à frente de seu quinteto, e o mesmo se pode dizer também do elétrico vocalista e percussionista Rafael Navarro. Acompanhando-se ao *armónico* (também conhecido como *tribina*, instrumento de sete cordas semelhante à viola caipira), Compay Segundo apresentou canções do CD *Lo Mejor De La Vida* – lançado no Brasil pela WEA – como a conga "Para Vigo Me Voy" e os boleros "Fidelidad" e "Es Mejor Vivir Así". Atacou até de "Na Baixa Do Sapateiro", de Ary Barroso. Encerrou a apresentação com "Chan Chan", canção de um ritmo conhecido em Cuba como *són*, que abre o álbum *Buena Vista Social Club*, produzido por Ry Cooder e ganhador do Grammy em 1998, no qual Compay teve importante participação.

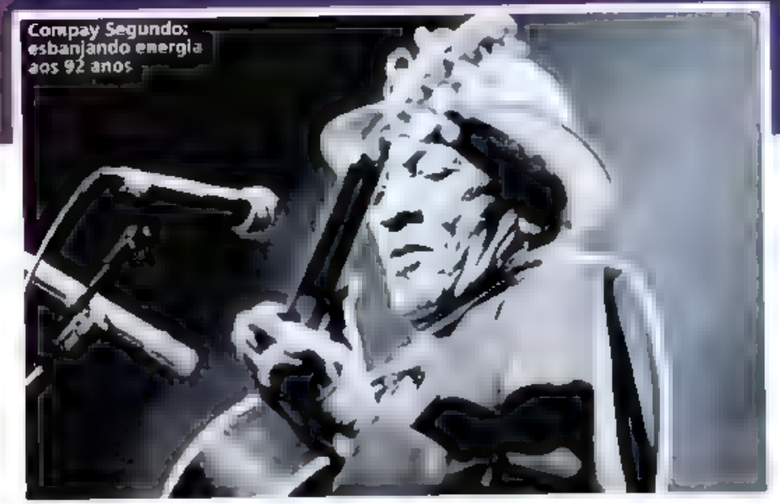
Ibrahim Ferrer *(em pé)*: 80 anos de bossa e elegância

Com o público em êxtase, entrou em cena a orquestra Afro-Cuban All Stars regida por Juan de Marcos González para apresentar o show *Buena Vista Social Club*. Durante mais de duas horas, o grupo de quinze músicos encabeçado pelos cantores Omara Portuondo e Ibrahim Ferrer mostrou repertório animado e temas cheios de improvisações jazzísticas, num total de dezenove músicas. Impossível não sacolejar e bailar.

Depois dos quatro primeiros números instrumentais, entrou em cena o maestro Don Rubén González. Quem via aquele senhor de 80 anos andando pelo palco com passos lentos e arrastados não acreditava que ele pudesse encarar um show de duas horas. Mas Gonzalez mandou ver em boleros, rumbas e descargas, como "El Cubanchero", "Siboney", "Silencio" e "Buena Vista Social Club" (ele também participou do disco). A cantora Omara Portuondo, por sua vez, colocou a platéia no bolso ao cantar boleros clássicos, como "Quizás, Quizás, Quizás" e "Quereme Mucho". A orquestra também fez sua homenagem ao Brasil, tocando "Samba De Uma Nota Só".

Ao final, a platéia urrava e pedia mais. A Afro-Cuban All Stars não se fez de rogada e tocou mais cinco músicas. Lá pelas 2 da manhã a festa terminou, mas Compay Segundo, Rubén González, Omara Portuondo e Ibrahim Ferrer ainda foram para o saguão do Tom Brasil autografar CDs. Vitalidade é isso!

Tonunho Spessoto


Compay Segundo: esbanjando energia aos 92 anos

Omara, Rubén e Juan de Marcos González

"Cuba-quer é dançar"

Qual é a maior dificuldade enfrentada pelos artistas cubanos sob o regime de Fidel Castro?

Omara Portuondo: Não podemos divulgar nossa música diretamente nos EUA. O público e a colônia latina daquele país só têm acesso aos discos lançados na Europa, como o *Buena Vista Social Club* e o *Afro Cuban All Stars*.

Como vocês avaliam a popularidade da música de Cuba hoje?

Rubén Gonzalez: Nossa música passa por uma segunda onda de projeção internacional. A primeira foi no início dos anos 40, quando o bolero invadiu o mundo a partir do cinema americano e popularizou compositores como Ernesto Lecuona e orquestras como a Lecuona Cuban Boys.

Nos anos 70 e 80 o Brasil conheceu a Nueva Trova Cubana, movimento de músicas engajadas de Pablo Milanes e Silvio Rodriguez. Isso ainda é forte por lá?

Juan de Marcos González: É forte. O engajamento político é importante e as canções de protesto ainda têm força, mas os cubanos querem é dançar.

Rei entre os retrôs

Echo & The Bunnymen

Improv Theatre (Londres), 1º/4

Echo & The Bunnymen lançando novo disco num teatro minúsculo do centro de Londres? Parecia brincadeira de 1º de abril, mas foi uma maravilhosa verdade. O show no aconchegante teatro foi parte do festival One Live in London, da Radio 1, e ainda teve a dupla PJ Harvey e John Parish na abertura – só duas guitarras e uma eventual bateria de Parish. Com a voz celestial (melhor ainda que em estúdio), PJ esteve impressionante. Preciso gravar um CD ao vivo correndo.

Lançando o novo disco, *What Are You Going To Do With Your Life?*, naquela semana, o Echo deu um de seus melhores shows desde que se reagrupou, em 1997. Misturou na medida certa músicas inéditas e clássicos dos anos 80 – The Cutter, The Back Of Love – e mostrou que vive realmente seu melhor momento desde o lançamento de *Ocean Rain*, em 1984. Ian McCulloch começou com "Fools Like Us", uma das melhores músicas do novo disco; o vocalista não escondia o sorriso ao cantar que o "tempo está do nosso lado", enquanto ouvia os berros de satisfação do público.

"Rescue", de 1980, foi cantada em coro. Entre uma baforada e outra (o cara tem um *roadie* só para acender os seus cigarros) e com uma pose que alternava tédio com uma animação fora do comum, Ian contava piadas, comandava a luz do palco e até arriscava passinhos. A noitada culminou na clássica "Killing Moon" e numa longa versão de "Do It Clean".

No bis, o grupo voltou com "Nothing Lasts Forever", frustrando os fãs que esperavam "Ocean Rain". A decepção não arranhou a constatação: numa era dominada por bandas retrô como Oasis e Kula Shaker, parece justo o Echo & The Bunnymen reivindicar para si novamente o título de melhor banda do planeta.

Luciano Vianna

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atlertor@email.abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

A-ha e U2: Fabiana Carneiro – Rua João Bragança, 203 – Freguesia do Ó – São Paulo, SP

Alanis Morissette: Thiago Tebet – Rua Nicarágua, 169, apto. 2 – Bacacheri – Curitiba, PR – CEP 82510-170

Bush: Jennifer Yuri – Rua Guedes Coelho, 47, apto. 92 – Encruzilhada – Santos, SP – CEP 11050-231

The Cure: Mário Alvim – Rua 23 de Julho, 70 – Jardim Canhema – Diadema, SP – CEP 09941-410

Janis Joplin e Rolling Stones: Paula Cris Soares – Avenida Professora Ida Kolb, 225, bloco 15, apto. 103 – Casa Verde – São Paulo, SP – CEP 02508-911

Jim Morrison e Raul Seixas: Priscila Fernandes – Caixa Postal 104 – bloco 30, apto. 34 – Barueri, SP – CEP 06402-970

Legião Urbana e Oasis: Rafael Matos – Rua Renato Santos Teixeira, 56, Conjunto Orlando I – Aracaju, SE – CEP 49045-050

Metallica e Rage Against The Machine: Hermando DT – Rua Otávio Paranhos, 73 – Jardim Iracema – Fortaleza, CE – CEP 60441-510

No Doubt e Marilyn Manson: Gunther Oliveira – Rua João Inácio de Oliveira, 97 – Brejo Santo, CE – CEP 63260-000

Fã de Manson também curte No Doubt

Oasis: Patrícia Feller – Rua Pernambuco, 996 – Cascavel, PR – CEP 85801-010

Prodigy: Felipe Rodriguez – Rua do Oratório, 2424 – Mooca – São Paulo, SP – CEP 03116-061

Skank: Silvia Soares – Rua Belo Horizonte, 115 – Centro – Esmeraldas, MG – CEP 35740-000

Steve Ray Vaughan: Thais Aguiar – Rua Tunísia, 374 – Parque Novo Oratório – Santo André, SP – CEP 09215-100

PROCURO

Titãs: Reportagens, fotos, pôsteres, principalmente do tecladista Sérgio Britto, Camila Rolo – Rua Cicanga, 38 – Campo Limpo – São Paulo, SP – CEP 05756-300

No Doubt: Edição da revista SHOWBIZZ com que a vocalista Gwen Stefani está na capa. Mon que Frutas – Rua São Caetano do Sul, 64, apto. 62 C – Grajaú – São Paulo, SP – CEP 04840-230

Planet Hemp: Material sobre o grupo ou Marcelo D2 solo – Alexandre Tahara – Alameda das Tulipas, 136, Residencial V – Santana do Parnaíba, SP – CEP 06487-090 – Tel. (011) 7283-1118

Silverchair: Troco material de bandas como Spice Girls, Hanson, Madonna por qualquer material do Silverchair – Camila Lopes – Rua Augusto Jung, 101/132 – Centro – Novo Hamburgo, RS – CEP: 93510-340 – E-mail: camilaj@zaz.com.br

Alanis Morissette e Madonna: Compro vídeos – Fabio Alex Aguiar – Caixa Postal 9105 – Botafogo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22272-970 – Tel. (021) 459-3026

Cranberries: Fotos e reportagens. Alessandra de Aquino – Rua Pero Machado, 80, apto. 302 – Menino Deus – Porto Alegre, RS – CEP 90130-130

Curso para DJ: De preferência em Minas Gerais, Goiás ou São Paulo – Rodrigo de Oliveira – Avenida Doutor Lamartine Avelar, 1036 – São João Caetano, GO – CEP 75704-020 – Tel. (062) 441-3916

Guns'N'Roses e The Doors: Fotos históricas – Tiago Rodrigues – Rua Francisco Inácio de Almeida, 680 – Vila Daniel – Portão Ferreira, SP – CEP 13660-000 – Tel. (019) 581-1807

Rita Lee: Materiais como recortes, fotos, gravações, troco por vasto material sobre Madonna, Fernanda Abreu, Madonna, Lulu Santos e outros artistas – Roberto Jasper – Rua Coronel Genuino, 142/801 – Porto Alegre, RS – CEP 90010-350

Simply Red: Materiais nacionais ou importados – Sheila Clara – Rua Elvira Leopoldina Beraldi, 200 – Butantã – São Paulo, SP – CEP 05506-020

Smashing Pumpkins: Gravação no *Programa Livre*. Fabio Luis de Castro – Rua Pedro Teles, 309, Conjunto 17 – Jacarepaguá – Rio de Janeiro, RJ

U2: Material em vídeo, troco por CDs *Artistico* e *Domingo* e duas coletâneas dos Titãs – Vale Norte – Rua 87, 196 – Satélite Iris – Campinas, SP – CEP 13059-687

Bryan: vendido em vídeo

Videos: Copias ou gravações de especiais, entrevistas, shows do Backstreet Boys, Bryan Adams, U2, Bush, Dog Eat Dog, Ilana Prado – Rua Eduardo Guinle, 493 – Resende, RJ – CEP 27511-110

Wanderléa: Fotos, reportagens, discos da rainha da Jovem Guarda – Yiandara Monteiro – Rua Madame Curie, 98 – Jardim São Luiz – São Bernardo do Campo, SP – Tel.: (011) 4355-3437

FÃS-CLUBES

Alanis Morissette: Poliyanna Flower – Rua José Pires de Oliveira, 185 – Vila Maria Baixa – SP – CEP 14940-000 – Tel.: (016) 242-5784

Backstreet Boys e Spice Girls: The Girl Power Is All I Have To Give – Rua Rosa Barbara Cardoso, 42 – Interlagos – São Paulo, SP – CEP 04823-250

Laura Pausini: FC Laura Pausini – Rua Carlos Ferreira, 43 – Jardim Itu Sabará – Porto Alegre, RS – CEP 91720-040

Madonna: Keep It Together – Rua Waldemar Falcão, 518 – Brotas – Salvador, BA – CEP 402 05-000

Planet Hemp: Legalizando – Santo André, SP – Tel.: (011) 4975-3947

Roxette: Fredriksson Gessle – Rua Jesuíno Pascoal, 62 – CEP 01224-050 – São Paulo, SP – E-mail: fanclub roxette@hipernet.com.br – http://members.tripod.com/~Fan_Club_Roxette

Spice Girls: Spice-Tacular – Rua Barão de São Francisco, 16, 2º andar – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20560-030 – E-mail: spicetacular@hotmail.com

VENDO

Aerosmith: Autobiografia *Walk This Way*, além de muito material do Oasis, Nirvana, Bush e outros – Agnello Loureiro – Rua Desembargador Hermes Paraíba, 467 – Barra do Ceará – Fortaleza, CE – CEP 60330-140

Backstreet Boys e Hanson: Material nacional e importado, aceito trocar por Silverchair e Nirvana – Andréia Simões – Rua Capitão Roberto Ferreira Maldos, 202 – Centro – São José dos Campos, SP – CEP 12209-480 – Tel. (012) 321-5029

BIZZ/SHOWBIZZ: Coleções em perfeito estado. Antonio Filho – Rua Ivo Collares, 599 – Bagé, RS – CEP 96405-640 – Tel. (0532) 41-1606

Bon Jovi: Reportagens, pôsteres etc. Yara Cruzeiro – Rua Professor José Vieira de Moraes, 61 – Vila Ré – São Paulo, SP – CEP 03361-040 – Tel. (011) 6958-4110

Duran Duran: Pasta com várias fotos, por R$ 80,00, e oito números de LETRAS TRADUZIDAS SHOWBIZZ ESPECIAL, R$ 2,90 cada. Ricardo Batista – Natalina Balduíno, 8 – Guarulhos, SP – Tel.: (011) 6455-1405

Chance para fernandófilos

Fernanda Abreu: Coleção de fotos e CDs. Também troco. Flávia de Lima – Caixa Postal 647 – Campina Grande, PB – CEP 58160-000 – Tel. (083) 310-4045

Hanson: Material importado e nacional, inclusive fita de vídeo original *The Middle Of Nowhere* – Priscilla Pellegrini – Rua Camilo João Chrisostófaro, 41 – São Paulo, SP – CEP 03018-030

Revistas japonesas: Vendo matérias de várias bandas em revistas japonesas (Aerosmith, Blur, Megadeth, Motley Crue, Backstreet Boys, Take That etc.). Enviar selo para resposta – Mônica Martins – Caixa Postal 437 – São José do Rio Preto, SP – CEP 15001-970

MÚSICOS

Baixista: 13 a 16 anos, não precisa ter muita experiência. Influências de Alice In Chains, Nirvana, Hole. De preferência Zona Sul. Maria Clara Mattos – Rua Murtinho Nobre, 84, apto. S - 103 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (021) 242-2369

Iniciantes: Baixista procura músicos ou banda. Dércio Santos – São Paulo, SP – Tel.: (011) 869-1048 após as 16 horas

Natal: Procuro guitarrista, baixista e baterista, com influências do U2 e Legião. Eduardo Caldas – Rua Gileno Silva, 16 – Nova Parnamirim – Natal, RN – E-mail: leocaldas@uol.com.br – Tels.: (084) 217-6012 / 986-5618

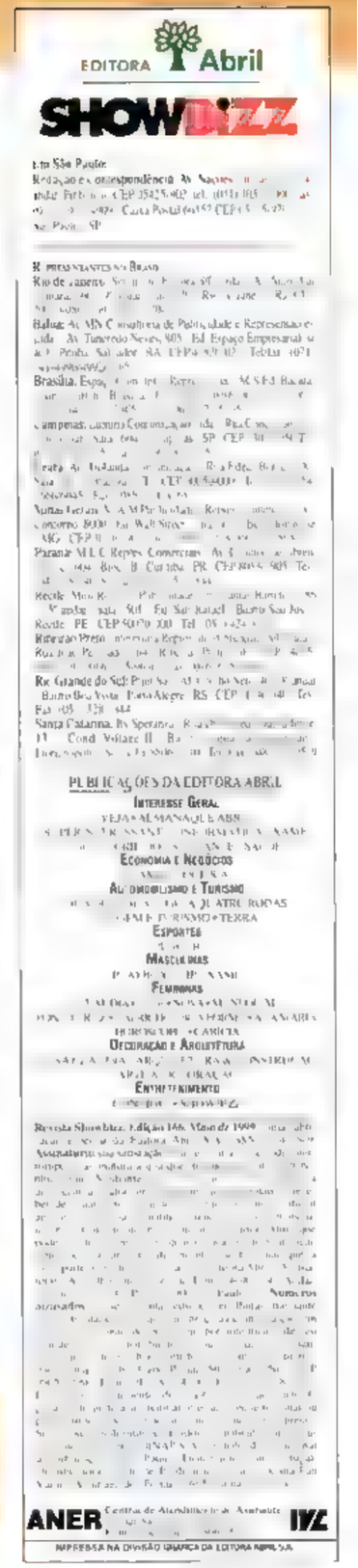
Punk hardcore: Guitarrista procura músicos iniciantes para formar banda. Principais influências: Bad Religion, Offspring. André Federighi – Rua Afonso Celso, 116 – Vila Nogueira – Campinas – São Paulo, SP

Rock sério: Guitarrista vocalista procura baterista e baixista, com lugar para ensaiar, influências de Green Day e Nirvana. Rodolfo Rocha – Avenida Olacyr Toledo, 343, apto. 193 B – Jardim Bonfiglioni – São Paulo, SP – Tel.: (011) 869-3000

Tecladista: Procuro do sexo feminino, que também curte, para formar banda de rock iniciante rumo ao sucesso. Influências: U2, Nirvana, Legião, Vinícius de Luna – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21741-110 – Tel.: (021) 9976-8710

Vocalista, dois anos de experiência, procura banda séria. Tenho 17 anos e minhas influências são Ozzy e Dickinson. Eduardo Brancaglioni – Rua João Ortiz, 817 B, apto. 42 – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08775-530

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.



"At My Most Beautiful"

Michael Stipe fez estágio para Dorival Caymmi

(R.E.M.)

I've found a way to make you
I've found a way
a way to make you smile

I read bad poetry
into your machine
I save your messages
just to hear your voice
you always listen carefully
to awkward rhymes
you always say your name
like I wouldn't know it's you
at your most beautiful

I've found a way to make you
I've found a way
a way to make you smile

at my most beautiful
I count your eyelashes, secretly
with every one, whisper I love you,
I let you sleep
I know you're closed eye watching me
listening
I thought I saw a smile

I've found a way to make you
I've found a way
a way to make you smile

Canção de amor incluída no álbum *Up*, do R.E.M., e que homenageia em seu belo arranjo os Beach Boys

"No Meu Mais Bonito"

Descobri um jeito de te fazer
Descobri um jeito
Um jeito de te fazer sorrir

Leio poesia ruim
Na tua secretária eletrônica
Guardo tuas mensagens
Só pra ouvir a tua voz
Você sempre ouve atenta
Às rimas desajeitadas
Você sempre diz seu nome,
Como se eu não fosse saber que é você
No seu mais bonito

Descobri um jeito de te fazer
Descobri um jeito
Um jeito de te fazer sorrir

No meu mais bonito
Eu conto os teus cílios, secretamente
A cada um, suspiro "te amo"
Eu te deixo dormir
Sei que você está de olhos fechados
Me observando, ouvindo
Pensei ter visto um sorriso

Descobri um jeito de te fazer sorrir
Descobri um jeito
Um jeito de te fazer sorrir

Um ano de ralação poética

"At My Most Beautiful" saiu em single no exterior recentemente em duas versões diferentes – uma delas, em dois CDs, traz a música também ao vivo. Incluída no álbum *Up* e considerada pela crítica internacional como uma das mais belas canções de 1998, esta balada é uma homenagem aos Beach Boys, banda amada por Peter Buck e Mike Mills, respectivamente guitarrista e baixista do grupo americano R.E.M.

Sua história é engraçada. Michael Stipe, fazendo estágio para Dorival Caymmi, demorou quase um ano para completar a letra, simples e ingenuamente romântica. "A idéia me veio quando eu estava dirigindo pelo Santa Monica Boulevard, em Los Angeles, em 1997, ouvindo as músicas que entrariam em *Up*. A primeira frase que veio foi *I've found a way to make you smile*. Eu nem conheço bem o trabalho dos Beach Boys, mas sabia que eles têm um álbum chamado *Smile*. Pensei: 'Esse vai ser meu presente para Peter *(Buck)* e Mike *(Mills)*. Foi difícil escrever."

© Direitos cedidos para o Brasil à WARNER CHAPELL EDIÇÕES NACIONAIS MUSICAIS LTDA.

Mineiros e inglesas no topo

Nacional

Sucesso é sucesso. Depois de estourar "Fácil" por todo o Brasil, o **Jota Quest** continua com a primeira colocação, agora com "Sempre Assim", a música do segmento pop-rock mais tocada no eixo Rio-São Paulo entre 20 de março e 19 de abril. Nativus e Paulo Ricardo mantiveram, respectivamente, duas e três (!!) canções entre as mais tocadas, enquanto o Kid Abelha e o Barão Vermelho pularam fora, proporcionando as estréias de Lulu Santos e das novidades dos roqueiros Charlie Brown Jr. (direto para o segundo lugar) e Raimundos.

		mês anterior
1º	"Sempre Assim" / Jota Quest	9º
2º	"Zóio D Lula" / Charlie Brown Jr.	•
3º	"Tudo Por Nada" / Paulo Ricardo	2º
4º	"Fácil" / Jota Quest	1º
5º	"Não Há Dinheiro Que Pague" / Paulo Ricardo	•
6º	"Canção Pra Você Viver Mais" / Pato Fu	•
7º	"Dois" / Paulo Ricardo	10º
8º	"Amanhã Não Se Sabe" / Titãs	17º
9º	"Minha Menina" / Maurício Manieri	18º
10º	"Presente De Um Beija-Flor" / Nativus	4º
11º	"Saideira" / Skank	3º
12º	"1999" / Capital Inicial	7º
13º	"Liberdade Pra Dentro Da Cabeça" / Nativus	11º
14º	"Vou A Mais De Cem" / Ultramen	15º
15º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	•
16º	"Chapirous" / Rumbora	20º
17º	"Cala A Boca" / Inocentes	13º
18º	"O Homem Morto" / Os Ostras	•
19º	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	•
20º	"Fogo De Palha" / Lulu Santos	•

Internacional

Sucesso é sucesso. Enquanto Geri Halliwell vinha ao Brasil se lançar em carreira solo, seu antigo grupo, as **Spice Girls**, se mantinha no pico, mesmo após um bom tempo sem lançar um disco, com a balada "Goodbye". A parada internacional teve uma renovação de 50% em relação ao período anterior, contra 35% de sua correspondente brasileira. Cada vez mais ela está recheada de rock'n'roll, como provam as entradas de Bon Jovi e Silverchair e a permanência do Offspring, Metallica, Kiss e Black Sabbath entre os grandes.

		mês anterior
1º	"Goodbye" / Spice Girls	1º
2º	"You Get What You Give" / New Radicals	3º
3º	"Pretty Fly (For A White Guy)" / The Offspring	2º
4º	"Never There" / Cake	7º
5º	"Wish I Could Fly" / Roxette	5º
6º	"Believe" / Cher	•
7º	"The Rockafeller Skank" / Fatboy Slim	4º
8º	"Every Morning" / Sugar Ray	11º
9º	"Joining You" / Alanis Morissette	•
10º	"Why Don't You Get A Job" / The Offspring	13º
11º	"What It Takes" / Aerosmith	•
12º	"To Be Free" / Simply Red	•
13º	"We Are One" / Kiss	17º
14º	"Real Life" / Bon Jovi	•
15º	"Anthem For The Year 2000" / Silverchair	•
16º	"Whiskey In The Jar" / Metallica	12º
17º	"Maria" / Blondie	•
18º	"Onde In A While" / Dishwalla	•
19º	"Secret Smile" / Semisonic	•
20º	"Selling My Soul" / Black Sabbath	•

• estreia

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 20 de março a 19 de abril de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

Primeiros socorros sonoros

Para sobreviver ao trânsito das grandes cidades, um bom **som no carro** é indispensável

Foi-se o tempo daqueles toca-fitas de bandeja pesadíssimos que se projetavam do painel do carro e eram sempre um trambolho para carregar. Dez entre dez modelos novos de som para automóvel são fabricados com a frente removível. Além da diminuição do peso, há uma preocupação cada vez maior com o design.

Alguns dos modelos 1999 da Pioneer, por exemplo, estão sendo lançados segundo conceitos de ergonomia. O modelo **DEH-346** (em média R$ 480) traz um novo desenho de teclas para acionar as funções mais rapidamente – assim o motorista se distrai menos ao trocar de estação ou substituir um CD. O aparelho vem também com um sistema de suspensão em seu mecanismo de reprodução para evitar distorções toda santa vez que seu carro cai num buraco.

Beleza também conta. Da mesma marca, a frente removível do **DEH-P945** (R$ 1,2 mil) vem na cor prata, que é tendência mundial não só na moda. Com um sistema de memorização de discos para até 48 CDs, o modelo da Pioneer tem equalizador automático e Nivelador Automático de Sinal (filtra interferências externas e estabiliza o som). Promete ainda a reprodução fiel do timbre da música, com o conversor Legato Link Hi-Bit, recurso que potencializa as freqüências mais altas.

Da Sony, o modelo **CDX-4287** (R$ 355), com frente removível, é vendido com controle remoto sem fio. Há a opção do controle remoto de segurança, acoplado ao volante. A instalação pode ser feita com até 60 graus de inclinação.

Também da Sony, o **CDX-3167** (R$ 319) vem ainda com reprodução dos primeiros 10 segundos de cada música ("Intro Scan"), tecla Att (diminuição rápida do volume), além de sintonizador digital FM estéreo/AM com 24 memórias.

Para quem ainda insiste na fita cassete existe a opção da Kenwood **KRC-3075** (preço sugerido entre R$ 350 e R$ 400). Também com painel frontal destacável, tem auto-reverse e 24 memórias (dezoito para FM e seis para AM).

O **KDC-4011S** (entre R$ 500 e R$ 600), da mesma marca, possui painel frontal "camuflado" (destacável) e CD-Text, que permite que seja incluso no display o nome do CD que se está escutando. Ele conta ainda com controle eletrônico de áudio para volume, balanço, graves e agudos.

Nunca é demais relembrar o perigo de ouvir walkman no carro, enquanto se dirige. Com o som do aparelho abafando seu ouvido, dificilmente ouve-se o barulho da buzina ou do freio de outro carro. Além do mais pode-se levar uma bela multa, da mesma categoria das que punem quem dirige falando no telefone celular. O volume alto vale também para o maurício que insiste em dividir com o resto do mundo a potência de seu CD player. Além de ser um hábito perigoso, passa atestado de manezice.

Leticia Calmon

Onde encontrar

Importador e Distribuidor da Pioneer no Brasil
(011) 289-5260

Serviço de Atendimento ao Cliente Sony
(011) 3824-6600

Visteon (distribuidor Kenwood)
0800-119644

Por esses telefones você obtém informações sobre os pontos de venda em todo o Brasil

Suingue menino

Talento à prova do tempo, o veterano **Ian Paice**, do Deep Purple, se recusa a tocar reto como outros bateristas de rock

Ian Paice: intuitivo e matador

Zack Reiter/Divulgação

O cabelinho de poodle e a barriguinha saliente poderiam fazê-lo passar por um cinqüentão inglês freqüentador de *pubs* – o que não chega a ser mentira. O canhoto Ian Paice, que completa 51 anos no mês que vem, adora uma cervejinha e vive, como ele mesmo confessa, "abusando do chá". "Nessas horas eu resolvo achar que posso me tornar destro e me meto a tocar com bateria invertida (*com o kit arrumado para destros*). É sempre um desastre", diverte-se o baterista do Deep Purple.

Ian é um músico excepcional, mas, entre uma turnê e outra, nem sequer toca na bateria. "Nunca quis tornar minha profissão algo muito sério, nem transformá-la na razão da minha vida. Gosto muito de outras coisas: ver futebol, pescar, ficar com minha família, freqüentar bares... Três ou quatro dias antes de cair na estrada, volto a tocar, para ir acostumando os músculos", simplifica.

Mas que ninguém ache que ele não é apaixonado pelo que faz. "Comecei a tocar quando moleque por amor e diversão, e mantenho esse sentimento até hoje." Oficialmente Ian encarou pela primeira vez uma bateria aos 15 anos, quando ganhou do pai o instrumento. "Mas desde os 12 já batucava a casa inteira. Na verdade meu velho comprou uma bateria porque era mais barato do que renovar a mobília da casa!"

Suas primeiras influências foram bandas dos anos 30 e 40, discos que o pai ouvia. Mais tarde, Ian atacou os álbuns do irmão dez anos mais velho e descobriu o rock'n'roll de Little Richard, Buddy Holly e Fats Domino. "Essa era a época do swing, que influenciou o meu estilo de tocar para sempre. Os bateristas do Bon Jovi e do Van Halen conseguem tocar reto, o que pra mim é impossível. Eu enlouqueço os guitarristas com essa mania de tocar suingado!"

Ele não é de passar horas ensaiando. "Sei que não pratico tanto quanto deveria, mas não agüento os exercícios certinhos. Gosto de me surpreender e saio experimentando. Erro muito, claro!", assume.

Ian adora desmitificar suas antológicas performances. Sobre o turbinado arranjo na canção "Fireball", por exemplo, ele faz questão de explicar que gravou com dois bumbos. "O complicado não era a velocidade, mas o impacto. A gente estava alternando turnos no estúdio com o Who e à noite não hesitei em pegar emprestado o bumbo do Keith Moon. Foi sorte!"

Em "Burn", Ian simplesmente ficou de saco cheio com a demora do guitarrista Ritchie Blackmore e saiu batucando. A banda, de queixo caído, aprovou seu ataque. "A velocidade aí foi fundamental. Mas fizemos cinco *takes* e quatro ficaram terríveis. De novo, pura sorte!"

Mesmo insistindo que o destino é o grande responsável pelo sucesso, Ian dá lá suas dicas aos principiantes. "O que me ajudou foi tocar muito, mas muito alto. Não me preocupava com o que os outros músicos da banda estavam fazendo, mas dava sempre um jeito de ser notado."

Ele mantém há 15 anos o mesmo *set* da bateria, da Pearl. Apesar de ter usado por muito tempo a marca Ludwig, resolveu trocar quando a empresa foi comprada. "Sinto-me responsável não só pela qualidade do meu som, mas também pelo moleque que vai comprar a marca que uso." O tratamento pessoal também conta. Há dez anos, na véspera de um show em Sidney, na Austrália, uma peça da bateria foi destruída por um caminhão. "O tambor igual ao meu mais próximo estava em Tóquio. O pessoal da Pearl mandou de avião para Sidney."

Leticia Calmon

O sertão virando pop

Em 1973, o segundo e último disco do trio Sá, Rodrix & Guarabyra popularizou o rock rural no Brasil

Sá (à esq.), Rodrix e Guarabyra: fusão que influenciou gerações de músicos

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1973
Produção: Mariozinho Rocha
Músicas: "Os Anos 60" • "Desenhos No Jornal" • "Mestre Jonas" • "Blue Riviera" • "Adiante" • "Pendurado No Vapor" • "O Pó Da Estrada" • "O Brilho Das Pedras/Paulo Afonso" • "Até Mais Ver"

Terra, lançado pela Odeon em 1973, foi reeditado em CD pela primeira vez em 1994 ao lado de *Passado, Presente, Futuro* (de 1972), dentro da série 2 em 1, mas com muitas falhas na remasterização. Em 1997, os dois discos de Sá, Rodrix & Guarabyra foram relançados pela EMI junto com *Nunca* (1974), primeiro trabalho de Sá & Guarabyra como dupla, numa caixa da série *Portfólio*. Encontram-se atualmente fora de catálogo.

Terra

Sá, Rodrix & Guarabyra

Antes de começarem a trabalhar juntos, os cariocas Zé Rodrix e Luiz Carlos Sá e o baiano Gutemberg Guarabyra viveram experiências musicais distintas. Rodrix vinha do Som Imaginário, grupo que no final dos anos 60/início dos 70 fundia a música de Minas Gerais com elementos do então nascente rock progressivo. Guarabyra havia vencido o II Festival Internacional da Canção em 1967 com a marcha-rancho "Margarida". Sá trabalhava como compositor, tendo músicas gravadas por Pery Ribeiro e Nara Leão.

O trio Sá, Rodrix & Guarabyra nasceu em 1972, com um estilo batizado de "rock rural". O som tinha o progressivo aliado a fortes influências de Beatles, música mineira, folclore baiano, country e folk. O primeiro disco, *Passado, Presente, Futuro*, deixava isso claro em canções como "Zeppelin", "Jurity Butterfly" e "Hoje É Dia De Rock". Mas o gênero se definiu mesmo em *Terra*, segundo e último trabalho do trio, lançado em 1973.

O disco abria com o rock saudosista "Os Anos 60", regravado depois por Cely Campello. A balada "Desenhos No Jornal" trazia uma atmosfera beatle. "Mestre Jonas" retratava uma passagem bíblica, com Rodrix arrasando no piano e no órgão. "Blue Riviera" também falava da era primária do rock, mas de modo melancólico. "Adiante" era um country típico, com belos solos de gaita no arranjo.

Em "Pendurado No Vapor", uma história de retirantes, apareciam as influências das cantigas do folclore baiano trazidas por Guarabyra. "O Pó Da Estrada", uma canção country no melhor espírito *'on the road'*, contava a trajetória de um andarilho em busca de um futuro melhor. "O Brilho Das Estrelas/Paulo Afonso" retomava a atmosfera do interior baiano, enquanto "Até Mais Ver" era mais uma canção sobre retirantes, mas com estética country.

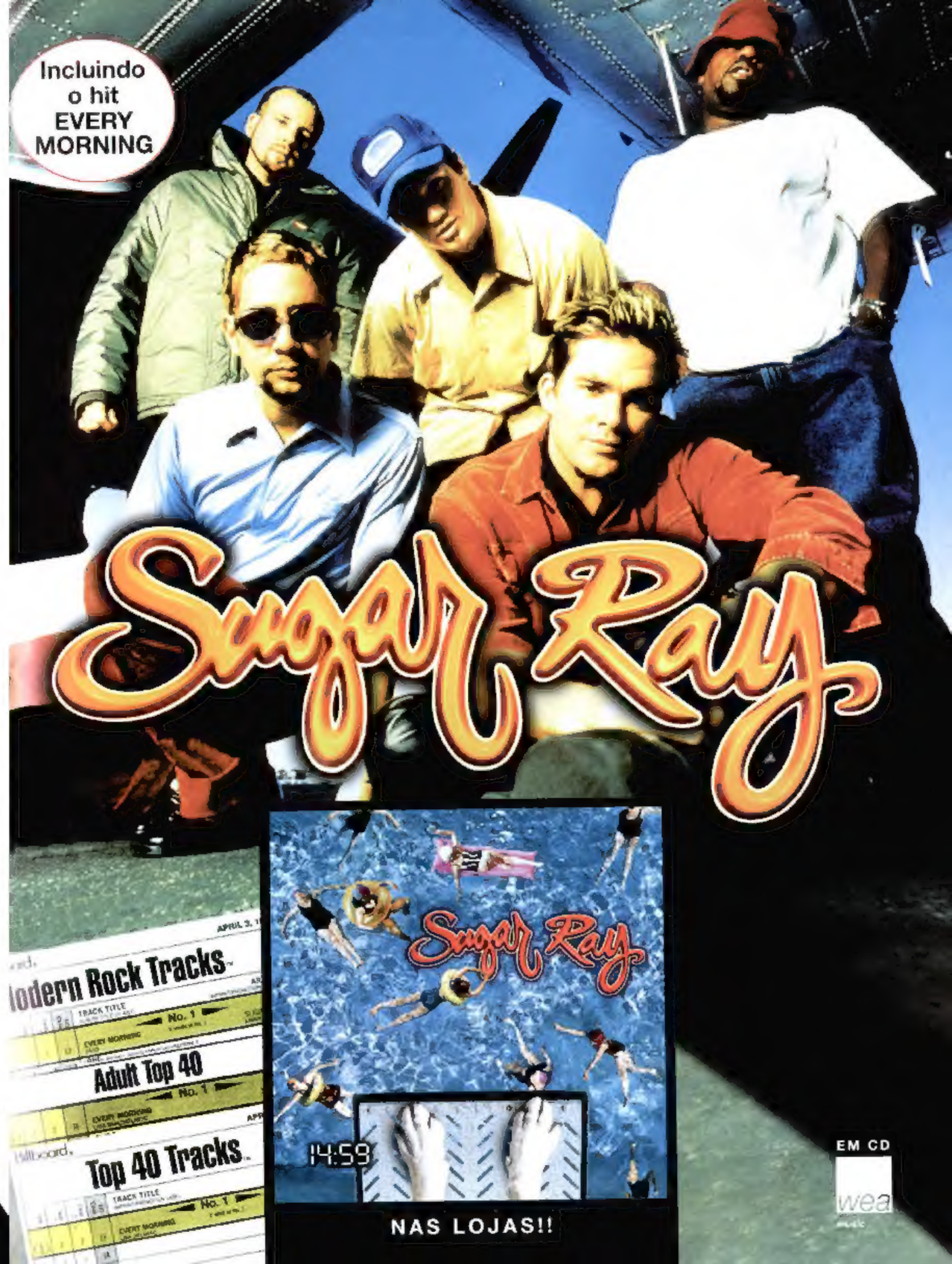
O rock rural teve continuidade com Sá & Guarabyra (Zé Rodrix fez carreira solo enveredando pelo pop, passou pelo grupo de rock satírico Joelho De Porco e hoje se dedica apenas à criação de jingles publicitários). Alguns dos seguidores do gênero foram o 14 Bis e, de certa forma, Almôndegas, Kleiton & Kledir e Boca Livre. *Terra* foi um marco na história do pop brasileiro da época. Até hoje, Sá & Guarabyra têm público fiel e muito do sucesso que fazem se deve ao trabalho que realizaram em 1972 e 1973 ao lado de Zé Rodrix.

Toninho Spessoto

Ronaldo Guimarães

"Sá, Rodrix & Guarabyra foram importantes por terem definido os caminhos de uma nova vertente dentro da música brasileira. *Terra* é um dos melhores discos dos anos 70"

Flávio Venturini



Fique de olho!

THE CRANBERRIES

Já nas lojas o novo CD
BURY THE HATCHET
Incluindo o sucesso
PROMISES

A Gravadora Nº1 do Brasil agora é

UNIVERSAL MUSIC